

*Sedução
ao Luar*





SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Sedução ao Luar / nº 222 da Coleção Bang*

AUTORIA: *Laurell K. Hamilton*

EDITOR: *António Vilaça*

Esta edição © 2014 Edições Saída de Emergência

Título original Seduced by Moonlight © 2004 Laurell K. Hamilton. Publicado originalmente nos E.U.A. por The Random House, Ballantine Books.

TRADUÇÃO: *Nanci Marcelino*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide – Artes Gráficas Lda.*

1ª EDIÇÃO: *Fevereiro, 2014*

ISBN: *978-989-637-616-1*

DEPÓSITO LEGAL: *368993/13*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Rua Adelino Mendes, Nº 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

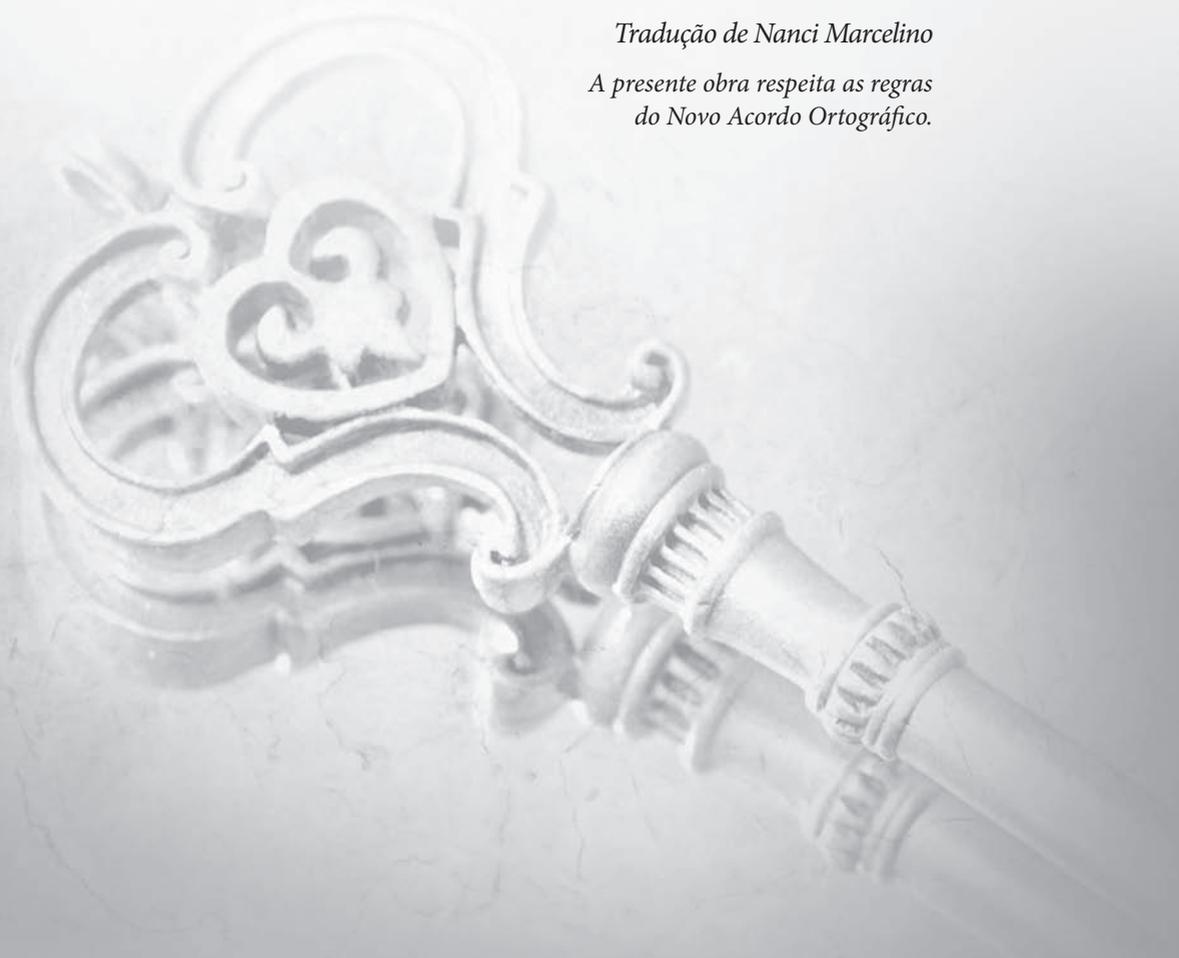
WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

LAURELL K. HAMILTON

Sedução ao Luar

Tradução de Nanci Marcelino

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*





Para o J
porque fez uma promessa
e cumpre sempre a sua palavra



AGRADECIMENTOS

A Darla Cook, por ser uma caixinha de ressonância, sentinela, praga (palavra dela própria, não minha) e minha alma gémea. A Karen Wilbur, que pôde ler este livro com antecedência. Um dia destes a publicação de um outro livro coincidirá com o teu aniversário e terei mesmo de te dar uma prenda. A Shawn Holsapple e à sua Cathy, também minhas almas gémeas. A Sharon Shinn, que me deu a sua opinião de perita tal e qual a maravilhosa escritora que é. A Deborah Milletello, com quem não tenho oportunidade de falar tanto quanto gostaria. A Mark e a Sarah Summer, com quem também não tenho oportunidade de estar como gostaria. O tempo que se passa com os amigos nunca é o suficiente. A Rhett MacPhearson, que continua a escrever obras de suspense encantadoras. A Loretta, espero que consigamos juntar as nossas famílias para um passeio um dia destes. A Marella Sands, uma escritora excepcional, e a Tom Drennan, como vai esse livro?



CAPÍTULO 1

Das muitas pessoas que se espreguiçam à volta das piscinas de LA, poucas são verdadeiramente imortais, por muito que tentem fazer-se passar por tal, recorrendo a cirurgias plásticas e a exercício físico. Doyle *era* um verdadeiro imortal e era-o há mais de mil anos. Mil anos de guerras, assassinatos e intriga policial e fora reduzido a um simples regalo para a vista vestido de tanga junto à piscina dos ricos e famosos. Estava deitado à beira da piscina com quase nada vestido. A luz do Sol cintilava ao longo da água muito, muito azul da piscina. De repente, espalhou-se por todo o corpo de Doyle numa dança frenética, como se uma mão invisível a tivesse agitado, transformando-a em dezenas de minúsculos projetores que adulavam o seu corpo escuro e lhe extraíam cores que jamais pensara que a sua pele poderia conter.

Ele não era negro como um ser humano era suposto ser, era mais da forma como um cão deveria ser preto. Apercebi-me de que estivera enganada ao observar a luz agitada sobre a sua pele. Esta reluzia em tons de azul: um brilho azul-escuro como o céu noturno ao longo da curva ampla e musculada da barriga da sua perna, as suas costas e os seus ombros foram percorridos por um fulgor azul real, semelhante a uma pincelada de céu intenso. Um roxo que metia a mais escura ametista a um canto acariciava-lhe a anca. Como é que eu alguma vez pensara que a sua pele era monocromática? Ele era um milagre de cores e luz, inerente a todo aquele corpo que se ondulava e movia com músculos refinados em guerras travadas séculos antes do meu nascimento.

A trança do seu cabelo preto estava pendurada na beira da espreguiçadeira, caída para o lado, e enrolada sobre o cimento ao lado dele como uma serpente paciente. O seu cabelo era a única coisa que parecia ser preta ao estar sobre a sua pele negra. Não havia ali qualquer combinação de cores, somente um brilho típico de uma joia preta. Pensar-se-ia que deveria ser

ao contrário, que o seu cabelo deveria apresentar as madeixas e que o seu corpo deveria ser de uma só cor, mas não era.

Ele estava deitado de barriga para baixo, com a cabeça virada no sentido oposto ao meu. Estava a fazer de conta que estava a dormir, mas eu sabia que não estava. Ele estava à espera. À espera que o helicóptero nos sobrevoasse. O helicóptero que conteria a comunicação social, pessoas com máquinas fotográficas. Fizéramos um pacto com o diabo. Se a imprensa se mantivesse afastada de nós de modo a podermos gozar de alguma privacidade, certificar-nos-íamos de que eles obteriam material digno de publicação ao fotografarem-nos em alturas previamente combinadas. Eu era a princesa Meredith NicEssus, herdeira do trono da corte Unseelie e o facto de ter aparecido em Los Angeles, na Califórnia, após uma ausência de três anos, era uma notícia e peras. As pessoas pensavam que eu morrera. E agora estava viva e de boa saúde e a viver no meio de um dos maiores impérios da comunicação social de todo o planeta. Foi então que fiz algo ainda melhor para deleite da imprensa sensacionalista.

Eu andava à procura de um marido. A única princesa das Fadas nascida em solo americano pretendia casar-se. Sendo feérica, e principalmente membro dos Sidhe (a realeza mais real de toda a realeza), não me era permitido casar sem que estivesse grávida. Os seres feéricos não se reproduzem muito e os membros da realeza Sidhe ainda menos. A minha tia, a rainha do Ar e da Escuridão, jamais toleraria uma união que não fosse fértil. Acho que não podia censurá-la, já que parecia que estávamos à beira da extinção. Contudo, os tabloides ficaram, de algum modo, a saber que eu não só namorava com os meus guardas como também ia para a cama com eles. Aquele que me fizesse um filho, casava comigo. Passava a ser rei perante a minha rainha.

Os tabloides até sabiam que a rainha tornara tudo isto numa competição entre mim e o filho dela, o meu primo, o príncipe Cel. Quem conseguisse ter um filho primeiro, ganhava o direito ao trono. A comunicação social desabara sobre nós qual orgia canibalesca. Não fora algo bonito de se ver, nada bonito mesmo.

O que os jornais sensacionalistas não sabiam era que Cel tentara assassinar-me mais do que uma vez. Também não sabiam que a rainha o prendera durante seis meses como castigo. Encarcerado e torturado, durante seis meses. A imortalidade e a capacidade de recuperar praticamente de tudo sempre têm as suas desvantagens. A tortura pode durar muito, muito tempo.

Cel seria autorizado a participar na disputa assim que saísse da prisão; a não ser que eu engravidasse antes disso. Até agora não tivera sorte, e não era por não tentar.

Doyle era um dos cinco guarda-costas, da própria rainha, que se oferecera como voluntário, ou que tinha sido oferecido como voluntário, para ser meu amante. A rainha Andais impusera que os seus guarda-costas depositariam as suas sementes somente no corpo dela, e no de mais ninguém. Doyle vivera em celibato durante séculos. Uma vez mais, a imortalidade pode ter as suas desvantagens caso algo corra mal.

Nós optáramos por um dos jornais sensacionalistas mais persistentes e preparámos tudo. Doyle achava que estaríamos a premiar o mau comportamento, a rainha queria que transmitíssemos imagens positivas aos meios de comunicação. Os Sidhe da corte Unseelie têm a reputação de serem os maus da fita. Até podemos ser, mas eu passara o tempo que devia na corte Seelie, a corte luminosa e cintilante que a imprensa considera tão perfeita, tão alegre. O seu rei Taranis, o rei da Luz e da Ilusão, é meu tio. Mas eu não estou incluída na linha de sucessão a esse trono. Eu tive o mau gosto de ter um pai Sidhe Unseelie de puro-sangue e isso é um crime ao qual o povo cintilante não concede perdão. Não existia nenhuma prisão para onde eu pudesse ir, nem nenhuma tortura, que me purificasse desse pecado.

Até podem dizer que a corte Seelie é um sítio maravilhoso, mas eu aprendi que o meu sangue é tão vermelho sobre mármore branco quanto sobre mármore preto. O povo maravilhoso deixou bem claro, quando eu ainda era muito nova, que jamais faria parte deles. Sou demasiado baixa, tenho um aspeto demasiado semelhante ao dos humanos e, ainda pior, sou demasiado parecida com os Unseelie.

A minha pele é tão branca quanto a pele de Doyle é negra. O que eu tenho é pele de luar, um sinal de beleza em ambas as cortes, contudo meço pouco mais de metro e meio. Nenhum Sidhe é tão baixo. Tenho curvas e sou um bocadinho voluptuosa de mais para os Sidhe; deve ser do maldito do sangue humano, acho eu. Os meus olhos são tricolores: têm dois tons de verde e um círculo dourado. Os olhos seriam bem-vindos na corte Seelie, o cabelo, porém, não seria. Tem um tom castanho-avermelhado como sangue: escarlate-Sidhe, se se for pintar o cabelo a um bom salão de cabeleireiro. Nem é da cor do cobre, nem é um ruivo tipicamente humano. É conhecido por uma outra alcunha entre o povo cintilante: vermelho-Unseelie. Os Seelie têm cabelo ruivo, mas é um ruivo mais próximo do humano, mais alaranjado, dourado, cobre puro, ou ruivo puro, mas não é tão escuro quanto o meu.

A minha mãe certificou-se de que eu saberia que era menos do que os outros. Menos bonita, menos bem-vinda, simplesmente menos. Nós não nos falamos muito. O meu pai morreu quando eu era mais nova e raramente há um dia que passe em que não sinta saudades dele. Ele ensinou-me

que eu era suficiente: bonita o suficiente, alta o suficiente, forte o suficiente, simplesmente suficiente.

Doyle ergueu a cabeça, revelando os óculos de sol pretos que lhe ocultavam os seus olhos também pretos. A luz fez com que os brincos de prata, que lhe adornavam praticamente cada milímetro das suas orelhas, desde os lóbulos até às extremidades pontiagudas, reluzissem. As orelhas eram a única coisa que denunciavam o facto de Doyle não ser um Sidhe Unselie puro. Ao contrário da literatura popular, e de todos os aspirantes a fadas que usam implantes nas orelhas, os verdadeiros Sidhe não têm orelhas pontiagudas. Doyle poderia ter escondido as orelhas e ter passado por um verdadeiro Sidhe, no entanto, metia o cabelo quase sempre para trás, permitindo que esta pequena imperfeição fosse visível. Acho que os brincos serviam exatamente para que as orelhas não passassem despercebidas.

— Estou a ouvir o helicóptero. Onde é que está o Rhys?

Eu ainda não estava a ouvir nada, mas aprendera a não questionar Doyle; se ele dizia que ouvira algo, era porque ouvira. A sua audição era melhor do que a dos humanos e do que a maioria do resto dos guarda-costas. Provavelmente tinha alguma coisa a ver com a sua mistura de antepassados.

Sentei-me e olhei para a parede de vidro que dava para o interior da casa. Antes ainda de o chamar, Rhys apareceu junto às portas de vidro de correr. A palidez da sua pele era exatamente como a minha, mas as semelhanças entre nós ficavam por aí. O seu cabelo, até à cintura, era um aglomerado de pequenos caracóis brancos que emoldurava um rosto puerilmente atraente, que o seria para sempre. O seu único olho era tricolor: azul, azul-violáceo e céu de inverno. Ele perdera o outro olho há imenso tempo. Por vezes usava uma pala para tapar as cicatrizes, mas, assim que percebeu que eu não me importava, passou a não se preocupar com isso. As cicatrizes percorriam-lhe toda a face, terminando, porém, um pouco acima dos seus proeminentes lábios apetecíveis. Tendo em conta unicamente a forma da boca, a dele era a mais bonita. Ele tinha cerca de um metro e setenta, o Sidhe de sangue puro mais baixo que alguma vez conhecera. No entanto, cada milímetro visível do seu corpo era musculado. Ele parecia querer compensar a sua altura reduzida, estando em melhor forma do que o resto dos guardas. Todos eles eram musculados, mas ele era dos poucos que levava a sério a halterofilia. Também era o único que tinha uns abdominais que faziam lembrar uma tábua de esfregar roupa. Ele trazia as toalhas, que fora buscar, à frente dos abdominais e da parte mais abaixo e só depois de ele as pousar ao lado da minha cadeira é que me apercebi de que ele deixara os calções de banho dentro de casa.

— Rhys! O que é que estás a fazer?

Ele sorriu-me.

— Calções de banho tão reduzidos como estes são só um engano. É uma forma que os humanos têm de fazer nudismo sem terem de se despir. Prefiro estar nu.

— Eles não vão poder publicar as fotos se um de nós estiver nu — disse Doyle.

— Eles publicam o meu traseiro, a minha parte da frente é que não. Subitamente desconfiada, ergui o olhar para ele.

— E porque é que eles não vão conseguir ver a parte da frente do teu corpo?

Ele riu-se, atirando a cabeça para trás, de boca escancarada e emitindo um som tão alegre que pareceu tornar o dia ainda mais brilhante.

— Porque vou ocultar o meu corpo contra o teu corpo deslumbrante.

— Não — disse Doyle.

— E tu? Vais fazer alguma coisa que valha a pena ser fotografado? — perguntou Rhys, com as mãos sobre as ancas. Ele sentia-se completamente confortável com a sua nudez. A sua linguagem corporal nunca se alterava, não importava o que ele estava ou não a usar. Levava dois dias para conseguir convencer Doyle a vestir a tanga que trazia vestida. Ele nunca participava na nudez informal da corte.

Doyle levantou-se. A parte da frente da tanga era tão minúscula e de uma cor tão semelhante à da sua pele que entendi o ponto de vista de Rhys. À primeira vista, poder-se-ia pensar que Doyle estava despido, se não se soubesse o quão magnífico ele era nu. Por trás parecia estar tão nu quanto Rhys.

— Tenho isto vestido e estou em público.

— Estás giro — disse Rhys —, mas se queremos que os tabloides parem de tentar tirar fotos através das janelas dos quartos, temos de ser justos com eles. Temos de lhes dar um espetáculo. — Assim que acabou de falar, esticou os braços, virando-se de costas para mim de modo a proporcionar-me uma visão completa da parte de trás do seu corpo. Sem os calções de banho a tapar os seus traços musculados e suaves, a visão era melhor. Ao contrário de alguns culturistas, que esgotavam toda a gordura do corpo ao ponto de não restar nada macio no corpo deles, Rhys continuava a ter um rabiosque magnífico. Deve-se ficar com um pouco de macieza para se poder ocultar os músculos, caso contrário obtém-se um aspeto estranho.

Agora já conseguia ouvir o helicóptero.

— Estamos a perder tempo, meus senhores. Não quero voltar a ter os fotógrafos acampados debaixo daquelas árvores para lá do muro.

Rhys olhou para mim de relance.

— Se não dermos um bom espetáculo ao primeiro tabloide, eles vão dizer aos outros que mentimos e aí vamos tê-los outra vez à perna. — Ele

suspirou, e não o fez como se estivesse contente. — Prefiro mostrar o meu traseiro ao país inteiro do que ter outro fotógrafo a cair do telhado e a partir um braço.

— Concordo — disse eu.

Doyle respirou bem fundo pelo nariz e expirou lentamente pela boca.

— Concordo. — A forma como se levantou fez com que os traços do seu corpo demonstrassem como ele não gostava nada daquilo. Se Doyle não conseguisse comportar-se melhor do que isto, teria de ser dispensado de futuras oportunidades fotográficas.

Rhys veio para a frente da minha espreguiçadeira e ajoelhou-se, pousando as mãos sobre os braços da cadeira. Estava a sorrir para mim e percebi que ele pensara numa maneira de se divertir com isto. Se pudesse, ele arranjaría uma forma de tornar isto divertido, mesmo apesar de se tratar do seu dever e de provavelmente preferir fazer desaparecer o helicóptero ao tiro, contudo ele agiria corretamente.

Contemplei o corpo dele, porque não consegui resistir. Era impossível não olhar para ele ali a balouçar, suficientemente perto para poder acariciá-lo, suficientemente perto para poder fazer tantas outras coisas. A minha voz vacilou um pouco ao perguntar:

— Tens algum plano?

— Pensei que podíamos curtir.

— E o que é que eu vou ficar aqui a fazer? — perguntou Doyle. Ele pareceu enojado perante toda aquela situação. Ele adorava ser meu amante, adorava a possibilidade de vir a ser rei; detestava a cobertura mediática e tudo o que a ela estava associado.

— Podes ficar com uma ponta e eu fico com a outra.

O helicóptero já estava perto, talvez só estivesse encoberto pelos eucaliptos que circundavam a propriedade. Doyle exibiu um sorriso, branco e repentino que nem um relâmpago na escuridão do seu rosto. Ele moveu-se com aquela rapidez e aquela elegância fluida que eu jamais seria capaz de imitar e de repente já estava ajoelhado ao lado do meu ombro.

— Se tem de ser assim, então gostaria de ficar com o doce sabor da sua boca.

Rhys lambeu rapidamente a minha barriga despida, fazendo-me contorcer e soltar um risinho. Ele levantou a cara o suficiente para dizer:

— Há outros sabores tão doces quanto esse. — A expressão do seu olho, do seu rosto, continha um conhecimento que interrompeu bruscamente o meu riso e fez com que o meu ritmo cardíaco disparasse.

Doyle passou os lábios pelo meu ombro. O movimento direcionou o

meu olhar para o dele, onde também encontrei aquele conhecimento sombrio. Um conhecimento adquirido pelas noites e pelos dias de pele e suor e corpos, de lençóis emaranhados e de prazer.

A minha voz soou um pouco trémula.

— Decidiste alinhar. O que é que te fez mudar de ideias?

Ele sussurrou contra a minha bochecha e bastou a sua respiração quente contra a minha pele para me fazer estremecer.

— Isto é um mal necessário e, se tem de se exhibir para os meios de comunicação, então não a abandonarei. — Aquele vislumbre de sorriso regressou, que nem uma surpresa a atravessar-lhe o rosto. Fazia-o parecer mais novo, quase como alguém completamente diferente. Só há cerca de um mês é que eu descobrira que Doyle tinha um sorriso daqueles algures dentro de si. — Para além disso, não posso deixá-la sozinha com o Rhys. Sabe lá a Deusa o que é que ele faria aqui fora sozinho.

Rhys passou um dedo à volta da parte de baixo do meu biquíni.

— Que pedacinho de tecido tão minúsculo. Se tivermos cuidado, eles não conseguirão vê-lo.

Franzi-lhe o sobrolho.

— O que é que queres dizer com isso?

Ele baixou-se ainda mais na direção da espreguiçadeira, de modo a ficar com a cara mesmo acima daquele pedaço minúsculo de tecido, fazendo deslizar as mãos por baixo das minhas coxas ligeiramente erguidas. Essas mãos subiram depois pelas minhas ancas acima e esconderam o tecido vermelho-claro da parte inferior do biquíni. Ele baixou o rosto mesmo acima das minhas virilhas e o seu cabelo espalhou-se pelas minhas coxas como se fosse uma cortina.

Não tive tempo de reclamar, nem sequer de decidir se o faria. O helicóptero surgiu de detrás das árvores e foi naqueles preparos que nos encontrou: Rhys com o rosto enterrado nas minhas virilhas, ajoelhado e a bater ao de leve com os pés nas suas nádegas despidas, como uma criança que saboreia uma guloseima.

Pensei que Doyle protestaria até ele pressionar o rosto contra o meu pescoço e eu me aperceber de que estava a rir-se. Silenciosamente, com os ombros a tremer. Ainda a rir, mas ocultando-o das máquinas fotográficas, recostou-me à espreguiçadeira, deixando-me novamente deitada.

Fiquei contente por os meus óculos de sol terem regressado para o seu lugar, quando comecei a sorrir. O meu sorriso começou a transformar-se numa gargalhada à medida que o helicóptero descrevia círculos por cima de nós, suficientemente perto para golpear a água da piscina e fazer com que o cabelo de Rhys me fizesse cócegas. O meu cabelo cintilou perante aquele vento artificial como se fossem chamas ensanguentadas.

Eu estava agora a rir às gargalhadas, o que fazia com que outras partes do meu corpo, para além dos ombros, se agitassem.

Rhys lambeu a parte da frente das minhas virilhas e, mesmo tendo-o feito por cima do tecido, fez com que o meu riso abrandasse e deixou-me sem fôlego. O seu olho percorreu o meu corpo e aquele olhar foi o suficiente; ele não queria que eu me risse. Meteu os dentes no interior do tecido e arranhou-me delicadamente com eles. Estremeci com aquela sensação, arqueando a espinha, atirando a cabeça para trás e abrindo a boca ao soltar um ofego gutural.

Doyle não permitiu que eu perdesse a cabeça ao apertar-me o ombro. Eu ainda estava ligeiramente a tremer e com dificuldades em concentrar-me no rosto dele.

— Acho que já demos espetáculo suficiente por hoje. — Estendeu uma das toalhas sobre a minha barriga e deu outra a Rhys.

Rhys ergueu o olhar na direção dele e vi como a vontade de reclamar lhe atravessou o rosto. No entanto, ele acabou por simplesmente se levantar, esticando a toalha à medida que se movia para que as máquinas fotográficas não vislumbassem a parte inferior do biquíni e os calções de banho. Eu pensara que ele se exporia em frente à máquina fotográfica, para revelar a piada, mas não o fez. Tapou-me muito cuidadosamente com a toalha, enquanto o helicóptero andava à roda por cima de nós e o vento agitava os nossos cabelos violentamente à nossa volta. De joelhos ele estava totalmente exposto e perguntei-me se haveria fotografias dele educadamente desfocadas, ou se eles as venderiam aos jornais europeus sem se preocuparem com isso.

Ele pegou-me ao colo assim que fiquei completamente tapada, desde as coxas até mesmo por baixo da parte superior do biquíni vermelho.

Tive de gritar bem alto para conseguir que me ouvissem devido ao barulho do vento e do aparelho.

— Eu consigo andar.

— Quero levar-te. — Pareceu tão sério ao dizê-lo e não me custava nada permitir-lhe que o fizesse.

Acenei afirmativamente.

Rhys levou-me ao colo na direção da casa com Doyle a seguir-nos um pouco atrás e para um dos lados. Doyle foi um bom guarda-costas, ao deixar-se ficar para trás, contudo também estava a caminhar quase ao nosso lado, em vez de se colocar diretamente por trás de nós, para não estragar a oportunidade de nos fotografarem.

Ele parou ao lado da sua espreguiçadeira e pegou numa terceira toalha, movendo-se depois suavemente na direção da casa. Vi de relance a arma que estava enrolada naquela toalha. O helicóptero que andava às voltas por

cima de nós nunca ficou a saber se algum de nós estava armado. Eles também não conseguiam ver Frost do lado de dentro das portas de vidro de correr, ocultado pelos cortinados descidos. Estava completamente vestido e armado até aos dentes. Acho que o motivo pelo qual não me importava muito com os joguinhos com a comunicação social era o facto de ter um bom dia caso ninguém tentasse matar-me. Quando o critério para se considerar um dia bom é esse, o que são uns quantos helicópteros e umas quantas fotografias picantes? Nada de mais.

CAPÍTULO 2

Frost observou Rhys a levar-me ao colo para dentro de casa com aqueles olhos cinzentos furiosos. Frost fora o único guarda a votar contra o nosso acordo com a imprensa. Ele proteger-nos-ia enquanto fazíamos aquelas coisas parvas, mas não participaria nelas. A sua dignidade jamais lhe permitiria rebaixar-se tanto.

Ele era atraente, mas era-o ainda mais quando ficava furioso. A Deusa criara-o para que fosse somente isso. Todo ele era composto por maçãs do rosto e traços impecáveis que deixariam qualquer cirurgião plástico a roer-se de inveja. Pele idêntica à neve, cabelo como geadas prateadas a brilhar sob o luar, ombros amplos, cintura delgada, ancas estreitas, pernas e braços longos. Vestido era atraente; despido era de cortar a respiração.

Contemplou-nos a atravessar o chão de tijoleira fria com um olhar típico de uma criança impertinente. Era o guarda mais temperamental de todos. Era o primeiro a ficar furioso, o último a perdoar e amuava. Parecia não ser uma palavra que se relacionasse com um guarda que defendera a sua rainha por mais de um milénio, contudo era a palavra certa. Frost amuava e eu estava farta de o ver fazê-lo. Era incrível na cama, um guerreiro espantoso, mas levar com as suas merdas emocionais era uma ocupação quase a tempo inteiro. Havia dias em que eu não tinha assim tanta certeza de querer ter esse trabalho.

— O rei Duende entrou em contacto através do espelho — disse ele com um tom tão carrancudo quanto a sua expressão.

— Há quanto tempo? — perguntou Doyle.

— Está, neste momento, a falar com o Kitto.

Doyle começou a dirigir-se ao quarto dos fundos, depois parou e baixou o olhar para a roupa que tinha vestida, ou não. Suspirou, profundamente, depois avançou com alguma hesitação, com os pés descalços sobre a tijoleira. Sobre o seu ombro, comentou:

— Se a Meredith estivesse vestida desta maneira, podíamos ganhar alguma vantagem, mas o Kurag não tem qualquer interesse por corpos masculinos.

— Isso não é verdade — disse Rhys, com um tom amargurado na voz que fez com que eu me virasse e olhasse para ele. Eu continuava nos braços dele, portanto, somente o virar da minha cabeça foi um gesto de certo modo íntimo. — Os duendes adoram um bom pedaço de carne Sidhe.

Doyle abrandou para lhe franzir o sobrolho.

— Eu não estava a referir-me a um banquete.

— Nem eu — retorquiu Rhys.

Aquilo fez com que os pés descalços de Doyle parassem firmemente, ficando ali tão escuros sobre a tijoleira branca e azul. — O que é que estás para aí a dizer, Rhys?

— Estou a dizer que havia muitos duendes que nunca tinham sentido o prazer de provar carne Sidhe, tanto masculina quanto feminina, e que havia os outros que não queriam saber se era masculina ou não. — Ele esfregou a face contra o meu pescoço e o meu ombro; era um gesto de consolação.

— O Kurag... — começou Frost a dizer, mas não foi capaz de terminar a frase. A raiva que sentia contra Rhys, ou contra os jornalistas, ou seja lá contra o que fosse, desaparecera. O seu rosto transpareceu o ultraje que provavelmente todos estavam a sentir.

Afaguei os caracóis de Rhys, tão macios, e ajustei-me ainda mais aos seus braços. Passei os meus dedos pela curva do seu pescoço e do seu ombro. Quando os seres feéricos se sentem ansiosos, tocam-se uns aos outros. Acho que os humanos também o fariam, se a sua cultura não confundisse com tanta frequência o ato de tocar com sexo. O toque pode levar ao sexo, naquele momento, porém, eu só queria abraçar Rhys e eliminar aquela expressão que ele tinha no rosto.

Doyle deu alguns passos de volta, com uma mão sobre a anca delgada.

— Estás a dizer que o Kurag... te maltratou?

Rhys levantou o rosto, que ainda tinha encostado à curva do meu pescoço.

— Ele nunca me tocou, mas observava. Ficava sentado no trono dele a comer uns petiscos como se estivesse a assistir a um espetáculo.

— Todos nós já tivemos de assistir, até ao fim, a espetáculos na nossa própria corte, Rhys. Ninguém fala sobre isso, mas quantos guardas, nossos colegas, já não concordaram em participar num pequeno frente a frente para gáudio da rainha, só por serem libertados do seu celibato nem que fosse apenas por uma hora ou duas?

— Eu nunca o fiz. — As suas mãos agitaram-se à minha volta, enterando os dedos em mim dolorosamente.

— Nem eu — disse Doyle —, mas não critico aqueles que o fizeram.

— Rhys, estás a aleijar-me — disse eu meigamente.

Ele pôs-me no chão delicada e cuidadosamente, como se não confiasse em si próprio.

— Uma coisa é optar por isso. Outra é ser-se amarrado e... — Abanou a cabeça.

Deixei cair a toalha ao chão e toquei-lhe no braço.

— Violar alguém é sempre um ato ignóbil, Rhys.

Ele sorriu de uma forma tão amargurada que fez com que eu o abraçasse, para o consolar e para que eu não tivesse de ver aquela expressão que ele tinha no rosto.

— Há muitos guardas que não concordam com isso, Merry. Tu és muito jovem, não te lembras de como somos durante uma guerra.

Permaneci colada a ele, tentando obrigá-lo a abandonar aquela tristeza só por pressionar a minha pele contra a sua. Eu não queria saber que os meus guardas tinham feito coisas horríveis. Não, não era bem assim. Eu não queria saber que os homens com quem partilhava a minha cama tinham feito coisas horríveis. Foi então que me lembrei de uma conversa que ouvira por acaso há alguns meses.

Afastei-me o suficiente para poder olhar para o rosto de Rhys.

— Lembrei-me agora de uma conversa, Rhys. Tu disseste que nunca tinhas tocado numa mulher que não te tivesse autorizado a tocar-lhe. O Doyle disse, sem quaisquer rodeios, que a pena aplicada aos guardas da rainha por tocarem em qualquer mulher, que não fosse a rainha, era exatamente a mesma aplicada num caso de violação. Se se metessem com qualquer outra mulher, ser-vos-ia aplicada a pena de morte antecedida de tortura, a vocês e à mulher.

Subitamente, o rosto de Rhys ficou ainda mais pálido do que o normal.

Foi Frost quem falou:

— Nem todos os guerreiros Sidhe Unseelie são membros dos Ravens da rainha.

Olhei para ele.

— Eu sei. — Achei que estava a escapar-me alguma coisa. Afastei-me completamente de Rhys para que pudesse observá-los aos três com facilidade. — O que é que eu não estou a ver bem nisto tudo?

— Que nada do que o Rhys está a acusar os duendes é algo que os membros dos Unseelie nunca tenham feito — respondeu Doyle. Abanou a cabeça. — Tenho de ir falar com o Kurag. — Pareceu que ia dizer mais alguma coisa, mas calou-se e limitou-se a virar-se e a dirigir-se para o corredor e a sua fila de quartos.

Olhei para os outros dois homens, ainda com a sensação de que tinham interrompido a conversa muito depressa, como se houvesse segredos que todos eles guardariam até morrer. Os Sidhe eram muito bons a guardar segredos, mas eu era a princesa deles e, quem sabe até, um dia, seria rainha deles. O facto de eles guardarem segredos de mim parecia-me uma má ideia. Expirei, e até a mim aquele som denotou impaciência.

— Rhys, já te disse uma vez que a cultura dos duendes pode não te dar uma opção quanto ao contacto sexual, mas eles permitem que a “vítima” estabeleça as regras. Podem exigir relações sexuais, mas tu podes determinar até onde é que eles podem ir contigo.

— Eu sei, eu sei — disse ele, evitando olhar para mim e começando a andar de um lado para o outro na sala. — Já me tinhas dito que, se eu tivesse tido um maior conhecimento da cultura deles, agora não teria um olho a menos. — Olhou para mim e a raiva regressara, mas agora era dirigida a mim.

Ele não tinha qualquer direito de estar furioso comigo. Rhys era absolutamente razoável no que dizia respeito a quase qualquer assunto, exceto relativamente aos duendes. Os duendes seriam meus aliados por mais dois meses. Por mais dois meses, na eventualidade de haver uma guerra, era a mim que viriam pedir o auxílio dos duendes, e não à rainha Andais. Para além disso, os meus inimigos seriam os inimigos dos duendes por mais dois meses. Eu acreditava, Doyle acreditava, Frost acreditava e, ai, que diabos, até mesmo Rhys acreditava que fora esta aliança que mantivera as tentativas de assassinato muito reduzidas.

Eu estava a meio de negociações para tentar estender a aliança por mais tempo. Nós precisávamos dos duendes. Precisávamos mesmo muito deles. Estava errada sempre que achava que Rhys já tinha ultrapassado aquele assunto.

— Numa coisa tens razão, Rhys, os duendes não consideram o ato sexual com alguém do mesmo sexo como algo mau ou vergonhoso. Se é para aí que estás virado, é para aí que estás virado e pronto. Também é muito mais provável que eles sejam oportunisticamente bissexuais do que os Sidhe. Se tiverem a oportunidade de desfrutarem de algo que nunca experimentaram, ou de algo que nunca mais poderão vir a ter, eles aproveitam.

Rhys fora para ao pé da fileira de janelas que tinham vista para a piscina. Proporcionou-me uma visão da parte de trás maravilhosa do seu corpo, no entanto tinha os braços cruzados e os ombros encolhidos de tanta raiva.

— Mas tal como podes negociar quanto aos estragos feitos ao teu corpo, também podes negociar o sexo dos teus parceiros. Até há alguns duendes que são simplesmente demasiado heterossexuais para terem algum in-

teresse em explorar as possibilidades. Se tivesses negociado, então nenhum duende do sexo masculino poderia ter-te tocado.

Frost moveu-se ao de leve, como se tivesse vontade de ir para junto de Rhys, e dirigiu-me um olhar que não era inteiramente amistoso.

A voz de Rhys fez-nos concentrar a nossa atenção nele outra vez.

— Tu tens prazer em lembrar-me de que a culpa do meu pior pesadelo foi minha? Que se não tivesse sido um Sidhe arrogante, que não se incomodou a aprender alguma coisa sobre os outros povos para além do meu, poderia ter sabido que tinha direitos perante os duendes. Que até as vítimas de tortura têm direitos. — Ele virou-se e o seu único olho azul foi preenchido por luz devido a tanta raiva. Aquele círculo de azul do céu e aquela linha brilhante de um tom azul-centáureo à volta da pupila resplandeceram. As cores individuais brilharam literalmente devido à sua fúria e uma leve luzinha esbranquiçada começou a erguer-se por detrás da sua pele. O seu poder elevou-se com toda a sua raiva.

Houvera uma altura em que eu temera Rhys quando ele estava assim, mas eu já assistira à sua fúria demasiadas vezes para continuar a ter medo. Da mesma maneira que Frost amuava, Rhys ficava assim; fazia parte deles. Tinha-se de se aceitar e seguir em frente.

Se Rhys tivesse resplandecido repentinamente que nem um sol pálido, aí sim, teria ficado preocupada. Mas isto era uma simples amostra, era insignificante.

— Estás na mesma a ser arrogante relativamente à cultura deles, Rhys. Tu ages como se o que eles te fizeram jamais pudesse ter acontecido nas cortes dos Sidhe. Isso teria sido feito, se a rainha do Ar e da Escuridão tivesse ordenado, ou se o rei da Luz e da Ilusão quisesse. E os Sidhe não têm leis que protejam as vítimas de tortura. As pessoas são simplesmente torturadas. Os duendes até podem cometer mais atos de tortura, mutilação e violação do que os Sidhe, mas têm muitas mais leis que protegem as pessoas que acabam por ficar no lado errado do castigo. Uma pessoa pode ser tramada a torto e a direito pelos Sidhe, e eles fazem-no como querem. Por isso, diz-me, Rhys, qual das duas raças é a mais civilizada?

— Não podes comparar os Sidhe com os duendes — retorquiui Frost, com um tom de voz que transbordava daquela arrogância que tem sido a desgraça de mais do que um Sidhe. Acho que, após alguns milhares de anos a fazer-se parte da classe governativa, uma pessoa acaba por se esquecer o que é ser-se governado.

— Não podes estar sinceramente a querer dizer que preferes o mundo dos duendes em vez do nosso — disse Rhys, e a surpresa sobrepôs-se à sua raiva.

— Eu não disse isso.

— O que é que disseste? — perguntou ele.

— Estou a dizer que esta mania, que os Sidhe têm de acharem que nada nem ninguém é tão bom quanto eles, não é bem assim. O meu pai costumava dizer que os duendes são os soldados de infantaria dos exércitos dos Sidhe. Que, se não tivéssemos os duendes como nossos aliados, os Unseelie teriam sido destruídos pelos Seelie há séculos.

— Os duendes e os Sluagh — completou Rhys.

Os Sluagh eram o terror da corte Unseelie. Eles representavam tudo aquilo que era mais assustador, mais monstruoso. Todos os seres feéricos, Sidhe ou não, temiam os Sluagh. Eram a versão Unseelie da Caçada Selvagem e não havia sítio onde pudéssemos esconder-nos, nem para onde pudéssemos fugir, em que eles não nos encontrassem. Era raro demorarem anos em buscas para encontrarem o seu alvo, mas os Sluagh nunca desistiam, a não ser que a rainha do Ar e da Escuridão os mandasse parar. Os Sluagh eram a arma mais assustadora da rainha. Diz-se por aí que até o próprio rei Taranis teme o som de asas a bater no escuro.

— Sim, os Sluagh. A maior parte dos Sidhe preferiria jamais sequer admitir que esses também fazem parte do Mundo das Fadas, quanto mais admitir que partilham do mesmo sangue que eles.

— Nós não temos qualquer relação com essas criaturas — disse Frost.

— O rei deles, Sholto, é meio-Sidhe, Frost. Já o viste. A mãe dele era uma Sidhe Unseelie.

— Ele até pode ser, mas o resto não.

Abanei a cabeça.

— Os Sluagh são os Unseelie, Frost, mais até do que os próprios Sidhe. O nosso grande poder enquanto corte é o facto de acolhermos toda a gente. A corte Seelie passa a vida a rejeitar quem não é suficientemente bom para eles e isso tem sido o poder dos Unseelie ao longo de séculos. Nós acolhemos os seres feéricos que eles não querem. É o que nos torna diferentes deles; melhores, penso eu.

— O que é que queres de nós? — perguntou Rhys, e de zangado passara agora a estar baralhado.

— O Kurag é como um miúdo desordeiro durante o recreio da escola. Ele só continua a meter-se contigo, porque obtém sempre reações que lhe dão prazer. Se conseguisses fazer de conta que não te incomoda, ele ia fartar-se da brincadeira.

Rhys abraçou-se a si próprio ainda com mais força.

— Para mim não é uma brincadeira.

— Para ele é, Rhys. O facto de teres superado das tuas emoções ao ponto de conseguires sentar-te ao meu lado enquanto converso com os duen-

des é muito bom, mas, sinceramente, passo tanto tempo preocupada com os teus sentimentos que não consigo concentrar-me como devia.

— Está bem — disse ele —, não vou contigo. Só o Consorte sabe como prefiro não ter de olhar para a cara feia dele.

— O Kurag passa o tempo todo a perguntar por ti, quando não estás comigo. Está sempre a perguntar: *Onde está o meu guarda delicioso? O pálido.*

— Não sabia que ele fazia isso — disse Rhys.

Encolhi os ombros.

— Pois faz.

— Porque é que não me disseste?

— O Doyle disse que só te iria incomodar se te contasse e que não havia nada que pudesses fazer quanto a isso. — Encurtei a distância com Rhys e pousei uma mão sobre os seus braços cruzados. — Eu não concordo. Acho que és mais forte do que o Doyle julga. Acredito que és capaz de atirar essa mágoa para as costas e ajudar-me a fazer com que o tiro do Kurag lhe saia pela culatra.

Ele pareceu desconfiado.

— Como?

Deixei cair a minha mão do seu braço.

— Esquece, Rhys. — Virei-me na direção do corredor.

— Não, Merry, estou a falar a sério. Como é que eu poderia ajudar-te nas negociações com... ele?

— O Doyle tem razão, será muito mais fácil fazer negócios com o Kurag, se eu despir grande parte do meu biquíni. Ele é um tarado autêntico.

Rhys encolheu os ombros.

— E onde é que eu entro nisso?

— Veste um roupão e mostra alguma dessa pele branca maravilhosa, caso o Kurag comece a ficar teimoso. Conseguiríamos distraí-lo, se estivéssemos lado a lado dessa maneira, caso conseguisses manter-te calmo, dissesse ele o que dissesse. Não por uma questão sexual mas porque todos os duendes adoram o sabor da carne Sidhe. Uma das coisas que os duendes mais detestavam quando tinham de fazer as pazes com os Sidhe, era deixarem de poder comer-nos.

— Fazes demasiadas perguntas — disse Frost.

Olhei para aquele rosto atraente e arrogante e voltei a abanar a cabeça.

— Não te perguntei nada, Frost.

— Como é que podes pedir ao Rhys para lá ficar sentado e permitir que um duende o observe como um pedaço de comida? Ele é inferior a nós.

— Se o Kurag concordar em prolongar a aliança, eu serei inferior a muitos duendes. — Proferi aquela última parte com a intenção de ser quase cruel. Estava cansada de ouvir o quanto eles detestavam o meu plano.

O rosto de Frost transpareceu a repugnância que sentia.

— Só a ideia de qualquer mulher Sidhe se oferecer a um duende é nojenta. Agora, não tenho palavras para descrever o horror que é imaginar uma princesa consanguínea, e futura rainha, a ir para a cama com eles. Nem mesmo a rainha Andais alguma vez se rebaixou tanto para obter favores dos duendes.

— O Kitto é metade duende, metade Sidhe e, para o bem ou para o mal, eu fiz com que ele obtivesse os seus poderes, poderes absolutamente Sidhe, através do sexo. Nunca ninguém pensou que um duende mestiço poderia ser inteiramente Sidhe.

— O sangue deles não é suficientemente puro — retorquiu Frost.

— Posso até nem gostar nada disso — disse Rhys —, mas a magia do Kitto é a magia do nosso sangue. Já o vi a cintilar por causa dela. — Subitamente, pareceu cansado. — Para duende, o Kitto nem é mau de todo.

— Merry — disse Frost, dando um passo na minha direção. — Merry, por favor, não faças isso. Não digas que vais trazer para cá mais duendes mestiços. Nunca os viste. Muito poucos são tão agradáveis quanto o Kitto. A maior parte deles é mais parecida com os duendes do que com os Sidhe.

— Eu sei, Frost.

— Então, como é que és capaz de te oferecer?

— Primeiro, quero que a aliança seja prolongada, praticamente a qualquer custo. Segundo, há séculos que os seres feéricos têm vindo a desaparecer, mas se o Kitto pode ser um verdadeiro Sidhe, então talvez outros meios-Sidhe possam vir a dominar os seus poderes por completo. Isso significaria que a corte Unseelie se tornaria, de repente, mais forte que nunca.

— A rainha está entusiasmada com o facto de a Merry trazer o Kitto para junto de nós — disse Rhys. — A rainha quer que a Merry experimente ir para a cama dela com outros mestiços.

— E se um deles te engravidar? — perguntou Frost. — Nenhum Sidhe aceitará ter um meio-duende como rei.

— Neste momento, Frost, contentar-me-ia apenas em engravidar. Já há quatro meses que partilho a minha cama com todos vocês e nada de bebé. Acho que vou preocupar-me primeiro em ganhar a competição. Depois então preocupar-me-ei com quem se sentará ao meu lado no trono.

— Os Sidhe não aceitarão um duende como rei — disse ele de forma absolutamente perentória.

— Detesto esse plano tanto quanto o Frost, se calhar até mais — disse Rhys —, mas não é o meu corpo branco como a neve que está em negociações. — Respirou tão fundo que chegou a estremecer, como se estivesse a sugar o ar desde as pontas dos pés até à cabeça. Por fim, disse, com uma voz tão calma que não denotava qualquer emoção: — Se és capaz de

concordar em foder com eles, suponho que posso exibir-me à frente do rei deles.

— Rhys! — Frost parecia tão chocado quanto soara aquela palavra.

Rhys fitou o homem mais corpulento.

— Não, Frost, chegou a hora. A Merry tem razão. — Olhou para mim e nos seus lábios vislumbrou-se o fantasma do seu sorriso habitual. — Quão distraído vai o Kurag ficar ao ver-me nu?

— Quase tão distraído quanto isto. — Passei as mãos sobre os seios, na parte onde o biquíni vermelho mal os ocultava. As minhas mãos deslizaram ainda mais para baixo, passando sobre as costelas, a cintura, e indo envolver as minhas ancas. O olhar de Rhys seguiu-as que nem um homem faminto. Nu como estava, não podia esconder como o seu corpo fora afetado ao observar-me a tocar no meu corpo.

Ele era do tipo de homem que parecia ser pequeno até começar a crescer e, nessa altura, apercebíamos-nos de que não era pequeno em nada, a não ser na sua estatura. Foi o riso de Rhys que fez com que a minha atenção regressasse ao seu rosto.

— Obrigado, Consorte! Adoro ver essa expressão na cara de uma mulher.

Um humano teria corado ao ser apanhado a olhar fixamente, mas, ao erguer os olhos de encontro ao seu riso, as minhas bochechas estavam perfeitamente normais. Se eu não tivesse contemplado o corpo maravilhoso de Rhys, teria dado a entender que ele não valia a pena ser observado. O rubor que as minhas faces teriam apresentado, caso eu fosse um pouco mais humana e não tanto feérica, estava explícito nos meus olhos. O ardor no meu olhar refletiu-se no rosto dele, fazendo com que o seu olho tricolor se afogasse no seu próprio ardor.

Ele teve de pigarrear para poder dizer:

— Bem, assim tão distraído? — O seu rosto foi rapidamente atravessado por um sorriso. — Então tu és as mamas e eu sou o traseiro?

Aquilo fez-me rir.

— Pode ser uma forma de se ver a coisa.

Ele aproximou-se de mim, permitindo que o seu olho se demorasse num daqueles olhares que é quase tão íntimo quanto um toque. Um olhar que fazia com que a minha pele cintilasse ao de leve, como se eu tivesse engolido a Lua e esta brilhasse sob a minha pele. Deixava-me o corpo todo arrepiado e sem fôlego. Tudo isto só com um olhar.

Tive dificuldade em concentrar-me nele, enquanto ele sorria para mim.

— Enfrentaria o olhar derretido de mil duendes para poder ver o teu corpo a reagir dessa maneira ao meu olhar — expirou de um modo trémulo —, para ver essa luz que tens por baixo da tua pele.

A minha voz soou muito ofegante, muito semelhante à de Marilyn Monroe no seu início de carreira, mas não consegui evitá-lo.

— Porque é que és o único que é capaz de fazer isso só com um olhar?

O seu sorriso passou rapidamente a ser um sorriso rasgado e o seu olhar deslizou com brevidade para Frost, que estava a olhar para nós os dois com um semblante carregado.

— Poder-te-ia dizer que é por ser o melhor amante que tens. — Estendeu uma mão assim que Frost deu um passo em frente. — Mas prefiro não ter de enfrentar um duelo mais tarde.

— Então porquê? — murmurei eu de forma sôfrega.

O seu humor desapareceu, sendo substituído por uma densidade de emoções, inteligência, de tudo o que Rhys conseguira ocultar durante séculos. Há um mês, Rhys recuperara, acidentalmente e não por desígnio do destino, poderes que lhe tinham sido retirados há séculos. Todos os guardas tinham recuperado magias perdidas, contudo fora Rhys quem recuperara mais, já que fora ele que fora despojado da maior parte dos seus poderes. O preço a pagar para a vinda dos seres feéricos para os Estados Unidos, depois de estes terem sido expulsos da Europa, era a condição de não voltar a haver lutas a grande escala entre nós. Se iniciássemos uma guerra entre nós em território americano, eles desterrar-nos-iam e já não havia países que nos acolhessem. A solução encontrada para prevenir que isso acontecesse fora o Incógnito: uma criatura composta pela magia mais selvagem que restara aos Sidhe de ambas as cortes. Todavia, tal como acontecia com todos os feitiços que envolviam magia selvagem, este era imprevisível. Alguns Sidhe tinham perdido quase nenhuns poderes, outros praticamente ficaram sem qualquer tipo de poder. O Incógnito não representava a primeira vez que os Sidhe tinham feito algo do género. A primeira vez acontecera aquando da sua tentativa de permanecerem na Europa após a grande guerra entre humanos e seres feéricos. Dessa vez não resultou, no entanto Rhys perdera bastante no primeiro grande feitiço. O Incógnito retirara-lhe a maior parte do que lhe restara. De uma das divindades mais importantes, Rhys passara a ser um dos Sidhe menos poderosos. Ele perdera tanto que já não permitiria que alguém voltasse a mencionar o seu nome antigo. Todos os Sidhe honraram o seu desejo, quer pelo respeito que lhe tinham, quer pelo horror de isso poder ter acontecido a qualquer um deles. Agora era simplesmente Rhys e tudo o que ele fora desaparecera.

Há um mês ele recuperara-se a si próprio. Tornara-se simplesmente mais intenso. Era capaz de fazer com que a minha pele reluzisse só ao olhar para mim. Eu não tinha bem a certeza se ele ficara mais poderoso ou se aquela seria a verdadeira natureza da sua magia. Estava mais inclinada para a primeira hipótese do que para a segunda, porque ele era um Deus da

Morte e não da fertilidade. É claro que o meu corpo devia ter tido uma reação mais direcionada para a vida e não para a morte.

A voz dele soou com um tom meigo e baixo.

— O que queres que faça?

Por instantes não consegui perceber o que é que ele queria dizer com aquilo. Precisei de toda a minha concentração para não permitir que os meus joelhos cedessem.

— O quê? — perguntei.

Frost emitiu um ruído sinónimo de repugnância.

— Ela está inebriada pelo poder. Rhys, tens mesmo de ter mais cuidado.

— A última vez que tive assim tanto poder foi há quase setecentos anos. Estou um bocadinho enferrujado.

— Tu adoras a forma como afetas a princesa — disse Frost. Ele estava mais perto agora, mas o esforço para virar a minha cabeça para olhar para ele teria sido demasiado grande.

— Tu não gostarias? — retorquiu Rhys.

Frost hesitou, depois respondeu:

— Talvez, mas não temos tempo para essas coisas, Rhys.

Senti as mãos fortes de Frost sobre os meus braços quando ele me virou lentamente na sua direção para poder olhar para ele.

— Vai arranjar roupões para vocês os dois, enquanto resolvo isto.

Pensei ter ouvido Rhys a sair da sala, mas não tinha a certeza. Estava demasiado ocupada a contemplar o peito de Frost. Ele tinha a camisa branca abotoada até ao colarinho arredondado. Eu sabia o que é que estava sob aquele tecido muito bem abotoado. Conhecia a elevação do seu peito como conhecia a minha própria mão. Sentia-me pesada e lerda; para além de me sentir lenta de raciocínio, a mão que ergui na direção dele estava mais pesada do que era suposto.

Ele pegou na mão antes que esta lhe tocasse no peito. Contra a sua pele branca, o meu verniz vermelho parecia mais vívido, tal e qual gotas de sangue repentinas.

— Se tivéssemos mais tempo — disse ele baixinho, quase como se sussurrasse —, acordar-te-ia do encanto dele com um beijo, mas eu não trocava um feitiço por outro. — Ele baixou-se para mais perto de mim, sussurrando contra o meu rosto. — E não pretendo descobrir que o meu beijo não tem o poder de te encantar.

Comecei a dizer algo romântico e parvo, do tipo do seu beijo ser sempre mágico, contudo senti a mão dele a ficar fria sobre a minha. Gelo, a mão dele parecia gelo. Ter-me-ia afastado com um pulo antes de ele acabar, se estivesse a pensar devidamente, mas é óbvio que Frost não teria feito o que

fez caso eu estivesse a pensar em condições. O meu corpo foi velozmente percorrido por frio, um frio capaz de congelar a minha pele e o meu sangue. Um frio tão intenso que fiquei sem fôlego e, quando consegui voltar a respirar, o meu bafo atravessou os meus lábios na forma de nevoeiro branco. Sacudi-me para me libertar dele e ele largou-me. Já não estava enfeitiçada. Não, agora já estava lúcida. E a tremer de frio.

Lutei contra os dentes a tremer para conseguir dizer:

— Caraças, Frost, não tinhas de me congelar.

— Perdão, princesa, mas tal como o Rhys, há séculos que não tinha o meu poder por completo. Ainda estou a reaprender as suas subtilezas. — Os seus olhos cinzentos estavam cobertos de neve, como se a íris de cada olho fosse um daqueles globos de neve que abanamos para vermos a neve a cair. Quase todos os outros Sidhe que eu conhecia brilhavam devido ao seu poder e Frost era um dos que mais brilhava, contudo quando ele evocava o frio, os seus olhos eram preenchidos por neve. Por vezes, chegava a pensar que, se olhasse bem no fundo daqueles olhos cinzentos salpicados de neve durante algum tempo, veria uma paisagem em miniatura, veria o sítio onde ele nascera, veria uma época anterior ao meu nascimento.

Desviei o olhar. Perdia sempre a coragem, porque não tinha a certeza absoluta de onde me levariam aqueles olhos invernosos, ou que segredos poderiam revelar. Havia alguma coisa naquela neve que me assustava. Não havia motivos para isso. Não tinha lógica nenhuma, mas eu não gostava da neve.

Se fosse humana, ter-me-ia acusado a mim própria de me sentir desencorajada devido à sua estranheza, mas eu não era suficientemente humana para o fazer. E a Deusa sabe que já vira coisas mais estranhas do que neve a cair nos olhos de alguém.

Eu já estava mais quente. Apesar de nunca durar muito tempo, eu não gostava do frio. Frost usara-o uma vez nos preliminares de fazermos amor e, não obstante ter sido interessante, eu não quis repetir. De modo a ocultar o facto de me sentir algo enervada pela sua magia de uma maneira nada típica de um Sidhe, disse:

— Porque é que só a magia do Rhys é que me enfeitiça daquela forma?

— Não o olhei nos olhos enquanto fazia a pergunta. Os seus olhos acabariam por voltar ao seu tom cinzento normal.

— Nenhum de nós tinha perdido tanto quanto o Rhys e ele foi, outrora, uma divindade capaz de rivalizar com qualquer um.

Aquela afirmação fez-me olhar para cima. Os seus olhos detinham uma sensação de movimento, mas já estavam cinzentos outra vez.

— Nenhum de vocês fala sobre antigamente.

— É difícil falar sobre algo que se perdeu e que jamais se recuperará.

— Estás a querer dizer que o Rhys era mais poderoso do que qualquer um de vocês?

— Ele era o Senhor da Morte. Se quisesse, a Morte caminhava lado a lado com ele. Ninguém se opunha a nós quando ele era grandioso, Meredith.

— Então porque é que os Unseelie não destruíram os Seelie?

— O Rhys nem sempre foi Unseelie.

Fiquei surpreendida.

— Ele era da corte Seelie?

Frost assentiu, depois franziu o sobrolho. Ele franzira tanto que, se pudesse ganhar rugas, já teria sulcos na testa e à volta da boca. O seu rosto, porém, estava liso e imaculado e assim permaneceria para sempre.

— O poder do Rhys não tinha nada a ver com os outros. Ele era o governante do mundo dos mortos e isso nem é verdadeiramente Unseelie *nem* Seelie. Ele era bem-vindo na corte cintilante, mas, na verdade, era algo totalmente diferente, tal como alguns de nós. A divisão dos Sidhe em duas cortes é relativamente recente. Antigamente havia muitas cortes. Os humanos optaram por denominar os seres feéricos que eram bonitos e não lhes faziam mal de *Seelie*. E chamaram *Unseelie* àqueles que consideravam feios, ou que lhes faziam mal. Mas não era uma divisão assim tão óbvia.

— Como atualmente entre os duendes e os Sluagh?

— Mais como os duendes. O rei dos Sluagh é um nobre da corte Unseelie. Isso já não são coisas verdadeiramente distintas. O rei Kurag não detém qualquer título entre nós; nem nenhum Sidhe detém um título na sua corte.

Rhys regressou com um roupão branco de veludo frisado atado à volta do seu corpo. Era tão comprido que lhe chegava aos tornozelos. Se fosse eu que o tivesse vestido, teria ficado parcialmente estendido no chão. Os caracóis brancos de Rhys pareciam mais escuros sobre o branco do roupão; era como a diferença entre neve e marfim. Tons de branco.

Ele estendeu-me o roupão que condizia com o meu biquíni. Era vermelho e fora feito mais com a intenção de enfeitar do que tapar, já que este era maioritariamente transparente. Era como se se olhasse para a pele através de uma névoa de fogo.

Rhys olhou ora para um, ora para o outro de nós.

— Porque é que estão tão sérios? Não morreu ninguém enquanto não estive aqui, pois não?

Abanei a cabeça.

— Que eu saiba, não. — Peguei no roupão e deslizei para dentro das tiras de seda e da transparência mais áspera. O próximo roupão que comprasse seria feito só de seda, ou de cetim, ou de alguma coisa que não parecesse agarrar-se à minha pele quando me movia.

— Então, o que é que queres que faça quando estivermos a conversar com o Kurag? — perguntou Rhys.

— Exibe-te só. Se calhar, mostra de relance o traseiro ou as coxas. Supostamente são as duas melhores partes do nosso corpo de onde se pode retirar carne.

Rhys tombou a cabeça de lado, como se estivesse a pensar.

— Será que ele vai ficar incomodado por ver carne que não poderá provar?

— Será um bocadinho como uma tortura, e não emprego essa palavra de ânimo leve. O pior que se pode fazer a um duende é mostrar-lhe algo que ele quer e não lho dar. Mostrar ao Kurag aquilo que ele mais deseja, sabendo que não poderá tê-lo, vai deixá-lo doido.

— Ou tão furioso que se afasta das negociações — disse Frost.

— Não, Frost, o Kurag não se afastará, se fizermos com que ele se descontrole assim tanto. Ele respeitar-nos-á pelo facto de o termos derrotado desta vez. Tentará arranjar algo com que nos distraia a nós da próxima vez, mas não levará a mal. Os duendes adoram superar o seu adversário. Ele vai sentir-se lisonjeado por nos termos dado ao trabalho.

— Não entendo os duendes — disse Frost.

— Não tens de entender — respondi. — O meu pai certificou-se de que eu entenderia.

Frost olhou para mim e havia algo na sua expressão facial que não consegui interpretar.

— O príncipe Essus educou-te como se estivesse a preparar-te para governares as cortes e, no entanto, ele sabia que o Cel é que era o herdeiro e não tu. Se o Cel tivesse tido um filho, a rainha nunca te teria dado esta oportunidade.

— Nisso tens razão.

— Porque é que achas que ele te ensinou a governar, se nunca subirias ao trono?

— O meu pai era o segundo filho e nunca governaria, o pai dele, porém, educou-o para ser rei. Acho que ele me educou da única maneira que sabia.

— Talvez — disse Frost —, ou talvez o príncipe Essus não tivesse perdido todas as suas capacidades proféticas, ao contrário do resto de nós.

Encolhi os ombros.

— Não sei, não tenho tempo para me preocupar com isso.

Doyle veio até à parte da frente do corredor.

— O Kurag deseja falar consigo, Meredith, mas não está nada satisfeito.

— Não estava à espera que estivesse.

— Ele teme os teus inimigos — disse Frost.

— Já somos dois, então — respondi.

— Três — disse Rhys.

— Quatro — disse Doyle.

Frost abanou a cabeça e o seu cabelo cintilou que nem fitas decorativas de uma árvore de Natal.

— Cinco. Temo pela tua segurança. Se perdermos o apoio da ameaça dos duendes, os aliados do Cel avançarão contra nós.

— Então estamos todos de acordo — concluí.

O olhar de Doyle alternava sobre cada um de nós.

— O que é que acordámos?

— Vou fazer de aperitivo para o rei Duende — respondeu Rhys.

As sobrancelhas puramente pretas de Doyle ergueram-se quase até à raiz dos seus cabelos.

— Perdi alguma coisa?

— O Rhys vai ajudar-me a negociar com o Kurag — expliquei.

— Ajudar como? — perguntou Doyle.

Rhys deixou cair o roupão do seu ombro pálido, expondo-se até ao mamilo firme. Sorriu e voltou a encolher os ombros para dentro do roupão.

Doyle franziu as sobrancelhas pretas.

— Não me entendas mal, mas tens sido um empecilho nas nossas negociações com o Kurag. Ele admoestou-te, estando tu todo vestido, e tu praticamente espumaste pela boca que nem um cão raivoso. Porque é que agora achas que consegues... — Pareceu procurar a palavra. Por fim, decidiu dizer: — O que é que te faz pensar que hoje serás capaz de suportar as provocações do Kurag?

— Hoje também o vou provocar. A Merry disse que ele é como um miúdo gozão e ela tem razão. Para além disso, se a Merry consegue fazê-lo, eu também consigo. — De repente voltou a parecer feroz. Todo o seu bom humor desaparecera, deixando-lhe uma expressão facial sombria. — Apesar de eu preferir mil vezes matar duendes do que fazer negócios com eles.

— Engraçado — disse Doyle —, foi exatamente isso que o rei Kurag disse sobre os Sidhe há uns instantes.

— Perfeito — disse eu. — Vamos lá irritarmo-nos todos uns aos outros!

Doyle seguiu à frente pelo corredor. Visto de trás, parecia estar completamente nu. Apercebi-me de que Kurag teria mais o que comer com os olhos do que apenas a mim e a Rhys. Perguntei-me se Doyle se considerava como um potencial parceiro sexual, ou como uma refeição. Acho que tudo isso dependeria na forma como Kurag via os homens Sidhe e se preferia carne escura ou clara.

CAPÍTULO 3

Ouvi a voz de Kitto ainda no corredor, muito antes de chegarmos ao quarto. Não consegui ouvir tudo o que ele estava a dizer, mas o seu tom de voz era de súplica e a voz que lhe respondeu não era a de Kurag. Era a rainha de Kurag, Creeda. Ao longo do mês anterior, eu passara a detestá-la verdadeiramente.

Kitto estava de pé à frente do espelho da cómoda, com cada milímetro do seu metro e vinte de altura ereto. Ele era o único homem, que eu alguma vez levava para a minha cama, que me fazia sentir alta. As costas despidas que nos apresentava eram perfeitamente masculinas: com ombros e peito dilatados e uma cintura estreita, mas tudo em ponto pequeno. De frente parecia-se bastante humano, no entanto, por trás e sem camisola as escamas eram visíveis. Eram brilhantes e iridescentes, um arco-íris colorido e resplandecente que lhe percorria o centro das costas, de cada lado da sua espinha. Eu sabia que se estendiam, de ambos os lados, até ao topo das suas nádegas. O resto do seu corpo tinha uma pele de uma perfeição branca qual madrepérola. A sua mãe Seelie fora violada por um duende serpente durante a última grande guerra dos duendes.

Reparei que o seu cabelo preto encaracolado crescera o suficiente para lhe percorrer o pescoço até ao ponto onde surgiam as escamas. Se ele pretendesse seguir a tradição dos duendes de não ocultar as suas imperfeições, muito em breve teria de ir cortar o cabelo.

Na altura em que entrámos, ele estava a dizer:

— Por favor, rainha Duende, não me obrigueis a fazer isso!

Ela surgiu no espelho sentada, não como um reflexo, mas como se estivesse ali mesmo à nossa frente. Não era muito mais alta do que Kitto e tinha cabelo comprido e preto. No entanto, enquanto o cabelo de Kitto era sedoso, o dela parecia ser tão seco e áspero como realmente era. Ela tinha mais olhos espalhados por todo o seu rosto do que os que eu conseguia

contar. Isso mais o ninho de braços que tinha no centro do seu corpo conferiam-lhe o aspeto de uma aranha gigante. A sua vasta boca desprovida de lábios rasgou-se com um sorriso e expôs uma quantidade suficiente de presas para deixar qualquer aranha orgulhosa. Ela só tinha duas pernas e dois seios. Se os tivesse tido a dobrar, teria sido o epítome de beleza dos duendes.

Ao ver as fêmeas dos duendes, sempre me perguntara quanto ao motivo de os duendes desejarem as mulheres Sidhe. Talvez se devesse mais a uma questão de poder do que de sexo, tal como a maioria das violações.

A rainha, Creeda, inclinou-se na direção do seu espelho, enchendo a nossa visão com a sua dúzia de olhos e aquela boca estranhamente desviada do centro da cara. Havia um nariz alagado por ali, mas estava tão submerso por tudo o resto que era necessário concentrarmo-nos para o vermos.

— Farás o que te ‘tou a mandar! — disse ela, e a sua voz transformara-se no grunhido plangente de que todos nós começáramos a ter pavor.

Kitto levou as suas pequenas mãos aos calções e começou a fazê-los deslizar para baixo.

— Para, Kitto! — ordenei, certificando-me de que a minha voz soava de forma clara e bem-disposta e que a minha expressão facial não demonstrava como detestava Creeda.

Kitto puxou os calções novamente para cima e virou-se para mim com uma gratidão estampada no rosto de modo tão evidente que fez com que eu me despachasse de modo a certificar-me de que ele não voltaria a virar-se para o espelho. Puxei-o para junto do meu corpo com um braço e pousei a minha outra mão sobre o seu cabelo suave. Empurrei-lhe a cara delicadamente contra a curva entre o meu pescoço e o meu ombro para que ele não se virasse e olhasse para Creeda. Se ela se apercebesse de como ele realmente tinha medo dela, ela transformaria a Terra do Verão em baldios até o ter à sua mercê.

— Interrompeste! — choramingou ela.

Sorri e tive a certeza que a minha expressão facial se apresentou de forma agradável, e até mesmo bem-disposta e brilhante. Andara a reaprender toda uma vida de mentiras piedosas que me tinham mantido viva durante a minha infância passada nas cortes feéricas. Tínhamos de ser capazes de mentir com o rosto, os olhos, com toda a linguagem corporal, para conseguirmos lidar com a política das cortes. Nem sempre o fizera na perfeição, contudo os duendes não reparavam tanto nessas coisas. O verdadeiro teste era sempre a minha tia, a rainha do Ar e da Escuridão: ela reparava em tudo.

— Saudações, rainha Duende. Mil perdões por ter-vos deixado à espera.

Ela rosnou-me, dirigindo-me toda uma boca de presas, como se tivesse mais do que as de que realmente precisava, tal como tinha olhos. Pergun-

tei-me se ela não teria dificuldades em comer sem molares. Do facto de a sua mordidela ser venenosa é que eu não tinha qualquer dúvida. Tal como a de Kitto, claro, mas o único par de presas que ele tinha era retrátil. As de Creeda não eram.

A sua expressão assemelhou-se a uma máscara furiosa à medida que declamava os seus gracejos:

— Saudações, Meredith, princesa dos Sidhe. Desfrutei da minha espera. De verdade que, se tiverdes outras coisas para fazer, o Kitto e eu ocupar-nos-emos durante mais um pouco. — A maior parte dos seus olhos mudaram de direção para fitarem Kitto com um ar faminto. No entanto, havia demasiados olhos, que estavam dispostos aleatoriamente, para que ela conseguisse virá-los a todos para Kitto. Alguns moveram-se independentemente para ver Rhys e Doyle a entrar no quarto, por trás de mim.

Eu sorri ainda mais.

— O que quereis dizer?

— Se ele é mesmo Sidhe, como vós dizeis, quero vê-lo nu e a brilhar.

Ouviu-se uma voz para lá da imagem, ou seja, que não estava à vista a partir do espelho.

— Todas as nossas conversas andam à volta do facto de o Kitto ser Sidhe. Há criaturas no Mundo das Fadas que não brilham com a magia durante o ato sexual. Os duendes são dessas criaturas. — Kurag apareceu. Ele não era tão alto quanto os Sidhe, mas era mais largo. A largura dos seus ombros era quase proporcional à altura de Doyle. Alguns dos duendes maiores fazem parte dos seres feéricos mais avultados. Depois de ver a rainha, os três olhos de Kurag pareciam mal passados. A sua pele era da mesma cor amarelada de um ferimento grave, ou de papel tão antigo que se desfaz nas nossas mãos. Estava coberto de protuberâncias, inchaços e verrugas. Cada uma destas características era considerada um sinal de beleza entre os duendes.

Do seu ombro direito saía uma grande protuberância que continha um olho. Um olho ambulante, assim lhe chamavam os duendes, porque este estava longe do rosto. Os outros olhos de Kurag tinham um tom amarelo a fugir para o cor de laranja e estavam rodeados por uma imensidão de pestanas pretas. Num dos lados do seu peito tinha uma boca que fazia conjunto com aquele olho da cor da lavanda, com uns lábios encantadores e uns dentes direitos e com uma aparência quase humana. O pequeno par de braços que tinha no lado do seu corpo, perto do olho e da boca, acenou-me.

Correspondi ao aceno e disse:

— Saudações, Kurag, rei Duende. Saudações, também, ao gémeo de Kurag, rei Duende da Carne. — Os pedaços desgarrados faziam parte de um gémeo parasítico que ficara preso no corpo do duende. A boca conseguia

respirar, mas não falar. Os olhos e as mãos mexiam-se independentemente de Kurag. Quando eu era criança, jogara às cartas com as mãos enquanto o meu pai tratava de negócios com Kurag. Só me apercebi de que se tratava de uma pessoa completamente distinta, que estava presa dentro do corpo do outro homem, aos dezasseis anos. Foi com essa idade que Kurag me mostrou tanto a sua própria masculinidade como também a do seu gémeo. Ele pensara que o facto de ter dois pénis me impressionaria. Enganara-se.

Depois disso nunca mais consegui sentir-me verdadeiramente à vontade com Kurag. A ideia de um ser pensante estar preso no corpo de outro, sendo incapaz de falar ou de optar por um caminho a percorrer, ou até mesmo de poder escolher os seus próprios parceiros sexuais, enchera-me de um horror que mais nenhum truque de genética entre os seres feéricos alguma vez conseguira ultrapassar.

A partir da noite em que percebera que aqueles pedaços extra eram uma pessoa distinta, passei a cumprimentá-los aos dois. Que eu soubesse, eu era a única pessoa que o fazia.

— Saudações, Merry, princesa dos Sidhe. — Ele olhou para a sua rainha e ela desceu rapidamente da grande cadeira de madeira. Ela certificou-se de que ele não teria de olhar para ela duas vezes. Kurag era bem capaz de lhe bater, caso ela demorasse a fazer o que ele lhe mandara. Na verdade, ele não demorava nada a magoar alguém que não lhe agradasse. Os duendes temiam-no, e eles tinham medo de muito poucas coisas.

Ele instalou-se na cadeira, que rangeu sob a sua corpulência. Não quero com isto dizer que Kurag era gordo; ele não era gordo. Era simplesmente sólido.

— Conversámos e fizemos planos durante toda a noite, mas foi a Cree-da que o disse. Se o Kitto não é mesmo um Sidhe, então conversamos para nada.

— Já vos disse que ele é Sidhe. Os Sidhe até podem tentar enganar as outras pessoas, mas estamos proibidos de mentir descaradamente.

— Digamos que queremos ver isso com os nossos próprios olhos. — Ele estava com aquele olhar que dizia que era muito mais esperto do que parecia e muito menos comandado pelos seus desejos. Aquele corpo poderoso continha uma mente astuciosa. Ele ocultava-a a maior parte do tempo, hoje, porém, parecia estranhamente sério, formal. Perguntei-me o que acontecera para ele perder o seu ar provocador.

Estive prestes a perguntar-lhe, mas depois percebi que teria sido um erro. Os seres feéricos não admitem uns aos outros que são fáceis de interpretar. Simplesmente não se faz isso, principalmente se um deles, por acaso, é rei. Nunca se é muito inteligente dizer a um rei que conseguimos ver bem fundo no seu ser.

— Em que tinhas pensado, Kurag?

O seu olhar deixou-me e passou para Rhys, que se aproximara um pouco de modo a ficar ao meu lado.

— Estou a ver o nosso cavaleiro branco. — Normalmente, esta era a deixa de Rhys para responder: *Não sou o teu cavaleiro branco*. Hoje limitou-se a sorrir.

Kurag franziu o sobrolho. Penso que não gostou de o seu insulto ter sido ignorado. Estendeu uma mão amarela enorme e a sua rainha aproximou-se dele. Ele pegou nela com uma só mão, como se ela fosse tão leve quanto o ar, e sentou-a ao seu colo.

— A Creeda deseja ardentemente provar a carne Sidhe. Ela não teve oportunidade de foder com o cavaleiro branco quando ele esteve cá.

Sem sequer olhar, senti Rhys a ficar tenso ao meu lado. Ele não ia conseguir fazer isto. Eu exigira demasiado da parte dele. Raios partam!

Mas eu subestimara Rhys.

Ele sentou-se na cama. Olhei de relance para trás e vi que ele se sentou inclinado para a frente, fazendo com que a parte de cima do roupão se abrisse, emoldurando-lhe o peito. Branco a envolver branco, como se se tratasse de um pedaço de marfim envolto numa nuvem. Apoiou os calcanhares na parte de baixo da cama para que o roupão se abrisse no meio, sem mostrar muita pele, mas deixando a promessa de que bastaria um pequeno movimento para exhibir as suas pernas, coxas, e todo ele.

Um leve ruído chamou a minha atenção de volta para o espelho. Creeda estava a emitir um som gutural agudo. Acho que era suposto ser algo provocante. Soava a um ruído de um animal, mas não de um animal com pelo. Não havia qualquer dúvida de que aquele som tinha algo de semelhante ao de um inseto.

— Vais exhibir-te para nós? — perguntou Kurag.

Rhys sorriu simplesmente.

Os olhos de Kurag estreitaram-se. Vi como o primeiro ataque de fúria começou a assomar-lhe ao rosto. Naquele momento, apercebi-me de como a provocação de Rhys poderia virar-se contra nós, de forma grave.

Doyle avançou naquele silêncio pesado. Afastou-se do poste da cama onde estivera encostado a observar o espetáculo. Apesar de ainda haver espaço no meu outro lado, foi colocar-se, de pé, no lado oposto de Rhys. Ele estava muito mais despido, praticamente nu, caramba, mas nem Kurag nem a sua rainha provocaram Doyle. Ele não deixara de ser o Negrume da rainha ou, simplesmente, o Negrume. Os duendes podem dizer o que quiserem, mas, tal como toda a gente, eles têm medo da Escuridão.

— A data da nossa viagem está a aproximar-se, Kurag, rei Duende, e precisamos de saber se vamos visitar as vossas colinas. A princesa Meredith

deve honrar a corte duende com a visita dela, ou não? — Encostou o seu corpo longo e escuro à madeira escura do poste da cama. Normalmente ele não era o centro das atenções, mas acho que, tal como Rhys, estava a brincar com os duendes. Tinha os braços cruzados por cima do peito, fazendo com que a argola do mamilo brilhasse contra o seu braço. Até tinha as pernas cruzadas nos tornozelos. Os calções de banho tinham uma cor tão idêntica à da sua pele que ele parecia estar nu. Eu sabia como ele era muito mais irresistível sem nada vestido, mas os duendes não sabiam.

Creeda estava a emitir aquele som agudo outra vez. Ela esticou três das suas mãos, como se tentasse tocar no Negrume.

Kurag puxou-lhe as mãos para trás, abraçando-a. Um conjunto de mãos dela moveu-se para o acariciar. Pode ter sido um gesto de nervosismo, ou ela pode ter ficado tão afetada pela visão dos homens que precisou de sexo. Na cultura dos duendes quando alguém sentisse vontade de fazer sexo, simplesmente fazia-o, onde quer que se estivesse ou o que quer que se estivesse a fazer. Tornava as reuniões de negócios com eles muito estranhas.

— Provem que o Kitto é Sidhe. Provem sem deixar qualquer dúvida.

— Se o provarmos — disse eu —, aceitas a nossa proposta?

Ele abanou a sua cabeça enorme.

— Não. Mas se ele não for Sidhe, as nossas conversações terminam.

Permiti que vissem um pouco da impaciência que sentia em relação a eles.

— Então, quer dizer, o Kitto dá-vos um espetáculo e nós não ganhamos nada com isso? Não me parece.

As mãos da rainha tinham encontrado a virilha de Kurag por dentro das calças dele. Kurag ignorou, como se não se passasse nada.

— Acho que estas conversações todas não serviram para nada. Continuo a achar que a princesa não tem tomates para fazer aquilo para que a tens pressionado, Negrume.

— Não estou a pressioná-la para fazer nada, Kurag. A princesa Meredith escolheu este caminho sozinha.

Kurag abanou a cabeça.

— Eu sei que não mentiras descaradamente, mas também sei que uma mulher perdida de amores por um homem é capaz de fazer muita coisa só a partir de uma sugestão. Não tem de ser uma ordem. Uma dica aqui, outra dica ali... — Por instantes o seu olhar perdeu a concentração e ele empurrou as mãos da rainha para longe do seu corpo. Ela lutou para manter o ninho de mãos na virilha dele. Ele apertou com força os braços magros dela com as suas mãos enormes como se fossem caules de flores. Ela só o largou quando o seu rosto foi trespassado por dor. Ele manteve a pressão durante

mais uns segundos, como se pretendesse esmagar-lhe os braços, e depois libertou-a.

Ela permaneceu sentada ao colo dele, a esfregar os braços com algumas das suas outras mãos. Ficou amuada, que nem uma criança a quem se diz: *Não*. Eu teria ficado furiosa. Creeda guardava a sua fúria para outras coisas.

Por fim, Doyle respondeu:

— Nada fiz para persuadir a princesa, apenas a lembrei de que um dia será rainha.

— Ainda não é certo que ela venha a ser rainha. O Cel ainda pode vir a ser rei.

Doyle afastou-se da cama, ficando de pé, direito e perfeito, como costumava estar.

— Alguma vez me viste ficar do lado de um perdedor numa competição deste tipo?

Kurag respirou bem fundo, depois expirou.

— Não. — Não pareceu muito satisfeito com isso.

— Então, chega de empatar. Nós fizemos-te uma proposta justa.

O olhar de Kurag passou para mim.

— O Negrume é a tua voz, Merry?

— Não, mas quando concordo com tudo o que ele diz, não vejo qualquer motivo para não o deixar acabar.

— Então ele vai pôr um fim às negociações.

Suspirei.

— Não, não foi isso que quis dizer, e tu sabes disso. Nós faremos com que os teus guerreiros tenham acesso a todos os seus poderes. Pensa nisso, Kurag: guerreiros duendes com magia Sidhe a correr-lhes pelas veias.

— Há quem tema duendes com esse tipo de magia — disse ele.

— Eu não sou uma dessas pessoas.

Ele franziu o sobrolho, depois fitou-me. Deixei que o silêncio se prolongasse. Aprendi há muito tempo que a maioria das pessoas não suporta o silêncio. Sentem-se forçadas a preenchê-lo. Esperei e, finalmente, ele falou.

— Porque é que não temes? A única coisa que tem impedido os duendes de conquistarem todo o mundo das Fadas tem sido a magia dos Sidhe. Dá-nos isso para juntarmos à nossa força em combate e ninguém nos derrotará.

— E se os duendes entrarem em guerra em território americano, serão expulsos não só do mundo das Fadas, como também do último país que vos admitirá. — Abanei a cabeça. — Se fosse há uns séculos, quando combatemos uns contra os outros, talvez tivesse medo de vocês, mas agora não. Vocês gostam de viver aqui, Kurag. Gostam demasiado para arriscarem tudo isto, principalmente porque não têm garantias de que venceriam.

— Há pessoas entre os Sidhe que receiam que nós obtenhamos a magia deles.

Acenei afirmativamente.

— Eu sei, mas o problema não é teu. É meu. — Muito sinceramente, eu não achava que dar poder Sidhe a meia dúzia de duendes desequilibrasse a balança do poder. Normalmente os meios-Sidhe não sobreviviam à infância entre os duendes. Quando somos adultos e temos acesso ao nosso poder, somos difíceis de matar, contudo, enquanto crianças, somos coisas muito frágeis. Os duendes já nascem prontos para matar.

Ele passou as suas mãos grandes pela rainha muito mais pequena, da mesma maneira que se faz festas a um cão.

— Estás a arriscar demasiado, Merry.

— Isso é problema meu, Kurag. Estou a oferecer-te a oportunidade de obterem algo que é negado aos duendes há milhares de anos. Estou a oferecer-vos magia Sidhe. Mais ninguém pode dar-vos isso. O Cel não pode. Só eu e aqueles que estão do meu lado.

— Mais um mês por cada duende que tornes Sidhe é muito. Mais um dia.

Inclinei-me para a frente, obrigando o meu próprio roupão a abrir ligeiramente, consciente de que o cetim vermelho me envolvia os seios como se estes fossem joias brancas. Nunca tentara algo do género com outro Sidhe. Eu era demasiado humana para conseguir agradar-lhes. Para os duendes, porém, eu podia ser bonita.

— Só um dia a mais é um insulto, Kurag, e sabes bem disso.

O olhar dele estava firmemente fixo no meu decote. Lambeu os seus lábios inferiores com uma grande língua áspera.

— Uma semana, então.

Creeda acariciou-lhe o rosto, com metade dos seus olhos postos em mim e a outra metade em Kurag. Não sei porquê, eu deixava a rainha duende nervosa. Kurag propusera uma vez que nos casássemos, mas penso que se deveu mais ao seu desejo de introduzir magia Sidhe na linhagem duende do que ao seu verdadeiro interesse por mim. Ai, se eu o permitisse, Kurag foder-me-ia, mas isso não era grande elogio. Provavelmente Kurag fá-lo-ia com qualquer coisa que se mantivesse imóvel tempo suficiente.

Sentei-me numa posição mais direita e comecei a abanar o roupão como se estivesse com calor.

— E porque não um ano por cada um que eu converter? Isso — ergui o olhar depois de desapertar o cinto do roupão —, isso, gosto disso. Um ano por cada um, o que também inclui o Kitto. — Abri o roupão, fazendo com que este rodeasse o resto do meu corpo, para mostrar claramente que tinha muito pouca roupa vestida.

— Não, um ano não. Nem mesmo se te despisses para mim, receberias um ano.

Sorri-lhe, fazendo brilhar os meus olhos tricolores: dois tons de verde e um círculo dourado.

— E tu não consegues convencer-me a aceitar apenas um dia.

Foi então que ele se riu: às gargalhadas, e de tal maneira que teve de agarrar na barriga. Um riso que continha toda a alegria solta típica dos duendes, e que os Sidhe pareciam ter em falta nestes últimos anos. Ouviu-se um outro riso masculino, fora da vista do espelho. Percebi que Kurag e Creeda não estavam sozinhos. Perguntei-me em quem é que ele confiaria assim tanto ao ponto de permitir que ouvisse as nossas negociações.

— És mesmo filha do teu pai, Merry, lá isso tenho de reconhecer. Tens noção do valor que tens.

Baixei o olhar, fazendo de conta que tinha ficado tímida, porque não queria que ele visse bem o meu rosto. Estava a tentar concentrar-me e a pensar muito bem e não tinha a certeza de que conseguiria esconder isso da minha expressão facial. Tinha de fazer com que Kurag concordasse com o que nós pretendíamos. Ele só tinha de responder não para me impedir de ser bem-sucedida. Eu precisava que ele dissesse sim. O problema era: como é que o faria pôr de lado o seu cuidado inato em não interferir com assuntos Sidhe? Como é que o faria concordar com algo que ele não queria fazer? Ou que tinha medo de fazer?

Deixei cair o roupão ao chão.

— Como é que posso ter algum valor, se tu não és capaz de mover céu e terra para me veres nua? Se eu fosse realmente bonita, não o terias dito. — Dirigi-lhe uma expressão interrogadora e exprimi, através do meu olhar, todas as dúvidas que tinha relativamente aos Sidhe. A minha própria mãe fora a minha pior crítica. Somente há alguns meses é que eu me apercebera de que ela sentira ciúmes de mim, que ela se parecia muito mais humana do que eu. Ela era alta e tinha uma figura esbelta, os olhos, pele e cabelo, porém, eram humanos. Os meus não eram.

Kurag viu a dúvida nos meus olhos e contemplei como o seu próprio olhar se ensombrou.

— Tu duvidas mesmo de ti. — Ele soou de um modo praticamente receoso. — Nunca conheci uma mulher Sidhe que não acreditasse que era uma dádiva da Deusa para os homens.

— Essas mesmas mulheres costumam dizer-me que sou demasiado baixa para ser bonita — passei as mãos sobre os meus seios —, elas dizem que tenho seios demasiado grandes — fiz as mãos deslizar para baixo, da minha cintura até às ancas —, que tenho curvas que elas não têm — movi as mãos sobre as minhas coxas. As mulheres Sidhe não têm coxas. Deixei

que o cabelo me caísse sobre as faces ao mesmo tempo que me movia, para que os meus olhos o mirassem meio escondidos por trás do meu cabelo escarlate. — Elas dizem que eu sou feia.

Ele saltou da cadeira, atirando a sua rainha ao chão, e vociferou:

— Quem é que diz essas coisas? Esmagar-lhes-ei os queixos e vê-los-ei a sufocar com as suas próprias mentiras!

Para mim foi um elogio ver a afronta que ele tinha no rosto, a raiva que o fazia tremer. Nesse momento apercebi-me de que Kurag poderia querer-me para mais do que fazer mera política ou linhagem sobrenatural. Por um segundo, achei que o rei Duende talvez, só talvez, me amasse, de uma forma um tanto ou quanto estranha. Hoje estava à espera de muitas coisas, mas não de amor.

Não sei porquê, mas, de repente, dei conta que tinha lágrimas a escorrerem-me pela cara. Estaria a chorar por um duende qualquer se ter oferecido para defender a minha honra? Ergui o olhar e fitei Kurag. Permiti que ele visse a expressão que eu tinha no rosto, nos olhos, em tudo. Porque percebi que eu continuava a não acreditar que era bonita. Os guardas desejavam-me, porque não me terem era sinónimo de permanecerem celibatários. Não me abandonavam na expectativa de virem a ser reis. Nenhum deles me desejava por eu ser como era. Talvez não estivesse a ser justa, contudo, como é que alguma vez saberia porque é que eles iam para a minha cama? Olhei para Kurag e vi que estava ali um homem que me conhecia desde criança, que me achava bonita e que achava que valia a pena defender-me. E ele jamais iria para a cama comigo, jamais seria o meu rei. Saber que alguém me adorava só por eu ser quem era, significava algo para mim. Algo para o qual não tinha palavras, mas permiti que Kurag visse como eu dava valor a isso. Que lhe dava valor a ele e àquilo que sentia por mim.

— Merry, rapariga, não chores! Valha-me Consorte! — disse Kurag, com um tom de voz mais delicado, apesar de permanecer rude.

Kitto levantou-se do chão, onde estivera sentado, para poder encostar a boca à minha bochecha. A sua língua surgiu de súbito e acariciou-me a pele, fazendo-me cócegas na bochecha com as suas duas pontas. Já que eu não reclamei, lambeu-me a bochecha, absorvendo as minhas lágrimas. Os duendes consideravam a maior parte dos fluidos corporais valiosos e achavam que não deviam ser desperdiçados. Compreendi o que ele estava a fazer e, muito sinceramente, naquela altura qualquer toque servia. Coloquei o meu braço à volta dos seus ombros e encostei-me ao corpo dele enquanto lambia as minhas lágrimas.

Rhys estava atrás de mim, de joelhos, na cama. Abraçou-me por trás. E, como Kitto e eu estávamos tão perto um do outro, foi obrigado a também abraçar Kitto. Só quem estava no quarto entendia o progresso que era

ele não se importar por se aproximar tanto de Kitto. A sua complacência fez-me sentir melhor.

— Um ano não, Merry, nem pelas tuas lágrimas. Nem sequer por esse olhar que tens na cara. — Kurag continuava de pé, tão largo que parecia ocupar todo o espelho. Agigantou-se sobre nós, em parte porque o espelho estava sobrelevado e em parte por ele estar demasiado perto do seu espelho.

Kitto limpou-me o rosto daquele lado. Teve de encostar a parte da frente do seu corpo com mais firmeza contra o meu para conseguir alcançar a outra bochecha. Estava pressionado entre o meu corpo e o abraço de Rhys. Eu pensei que Rhys afastaria os braços um pouco mais para que Kitto pudesse dirigir-se ao outro lado do meu corpo, mas não o fez. Ele manteve-nos pressionados naquele seu abraço esmagador. Na altura em que me apercebi de que realmente estávamos presos, a não ser que Rhys nos libertasse, fiquei sem fôlego e o meu ritmo cardíaco disparou.

A minha voz saiu num tom baixinho do meu corpo dominado por aquele batimento e por aquela consciência repentina.

— As minhas lágrimas valem um mês, Kurag?

Kitto contorceu-se sob a força dos braços de Rhys, que o obrigava a ficar colado a mim, mas foi o sussurro de Rhys contra o meu cabelo, “Vira a cara para ele!”, que fez com que eu me virasse, para ele conseguir alcançar a minha outra bochecha.

A língua de Kitto afagou-me a face. Senti a sua respiração quase quente contra a minha pele.

Rhys apertou-nos ainda mais entre os seus braços e foi como se estivessemos presos por correntes de carne e músculo. Não conseguia concentrar-me, não conseguia pensar.

— Sexo e comida capazes de dar a volta à cabeça a qualquer duende — disse Kurag, e até o seu tom de voz soou baixinho, a rosnar, mas não de raiva.

Sussurrei:

— Rhys, por favor, não consigo pensar.

Ele aliviou a pressão que estava a exercer com os braços, mas só o suficiente para dar uma sensação de liberdade. Eu conhecia aquele jogo, contudo, estando a meio de negociações políticas, não estávamos numa boa altura para o jogarmos. Parte de mim queria dizer a Rhys para nos largar, mas a outra parte adorava a sensação dos seus braços à nossa volta, a firmeza do seu corpo pressionado contra as minhas costas, o sussurro da sua respiração contra os meus cabelos. Eu sabia que Kitto gostava de poucas coisas, para além de receber ordens e de não ter hipótese de fazer escolhas. Era algo que o fazia sentir-se seguro. Para ele era tranquilizante, já eu, não era de segurança que estava à procura.

Consegui concentrar-me em Kurag, mas tinha consciência de que o meu rosto estava a transparecer aquilo que estava a sentir. Passei o tempo todo à espera que Doyle interferisse, que pusesse um fim a esta exibição indecorosa, no entanto era como se só eu, Rhys e Kitto estivéssemos no quarto.

— Deixa-me mostrar-te o que um verdadeiro duende pode fazer por ti, Merry! — disse Kurag. O seu olhar passou para Rhys. — Deixa-me cortar um pedaço de carne à minha escolha. Se for feito em condições, voltará a crescer. Concordaria com quase tudo em troca disso.

Foi Rhys quem respondeu:

— Deixaste o Kitto fora do negócio. — A sua voz soou praticamente rouca.

— Ele é um duende e posso fazer-lhe o que eu quiser, quando quiser.

— Não me parece — retorqui.

— Ele é Sidhe agora — disse Rhys, com aquele tom de voz deliciosamente baixo. — Ele já foi um pedaço de carne para qualquer um, mas isso mudou.

— Ele continua a ser o que era. Continua a desejar que alguém o domine. Não tenho medo de ninguém que procure um dono.

Voltei a conseguir falar, e desta vez quase normalmente.

— E no entanto falas de cortar alguém que é dono de si próprio. Que lógica é que isso tem, Kurag?

— Não preciso da autorização do Kitto para lhe tirar o que eu quiser. Posso tirar o que quiser de qualquer duende, se este não tiver a capacidade de me impedir. — Apontou para Kitto. — E ele não é assim tão forte.

Eu retorqui:

— Existem vários tipos de força, Kurag.

Ele afastou-se do espelho e voltou a enterrar-se na sua cadeira. Estava a abanar a cabeça.

— Não, Merry, só existe um tipo de força: a que te permite obter aquilo que queres.

— E a força para conseguires ficar com isso — disse uma voz para lá da imagem que o espelho transmitia.

Kurag lançou um semblante carregado na direção da voz e depois voltou a olhar para mim.

— Deixa-me foder-te e provar o sabor do cavaleiro branco e concordarei em conceder-te um mês por cada duende que tornares Sidhe.

Rhys largou-me, devagarinho, quase contra vontade. Não dava para perceber que ele sentira dificuldade em tocar Kitto. Kitto limpou as últimas lágrimas do meu rosto e permaneceu pressionado à parte da frente do meu corpo.

— Não posso ajudar-te a quebrares os teus votos matrimoniais, não interessa se te importas com eles ou não. As nossas leis proibem-no. Quanto aos meus guardas, todos eles: não são pedaços de carne para refeição. — Beijei Kitto na cabeça.

— Então não temos negócio nenhum. — Por instantes vi, no seu rosto, como se sentira aliviado ao tomar aquela decisão.

A voz de Doyle perfurou o silêncio como um sino pesado e forte, tocando em toda a minha pele com aquele ronronar ritmado.

— Eu estava lá quando os duendes perderam a magia, Kurag. Lembro-me dos vossos feiticeiros. Lembro-me da altura em que a magia dos duendes era tão temida quanto o seu poder físico.

— E quem é que chacinou todos os feiticeiros e bruxas entre nós? — Voltou-se a ver indícios de fúria.

— Eu — respondeu Doyle. Nunca ouvira uma palavra tão desprovida de qualquer emoção, tão cuidadosamente vazia.

— E foi a magia Sidhe que nos sugou toda a magia das nossas veias.

— Não foi um feitiço Unseelie, Kurag. O que nós queríamos era ganhar a guerra, não destruir-vos.

— Aquele filho da mãe do Taranis não nos destruiu. Ele e o povo cintilante dele que lançou o feitiço. Eles sugaram-nos a nossa magia e ficaram com ela. Não penses que não, Negrume. Aquele bando de hipócritas ficou com o que nos roubou.

— Nada do que o rei da Luz e da Ilusão faz me espanta — disse Doyle.

Kurag fitou Doyle durante um segundo ou dois, depois falou devagar, apesar de eu ainda conseguir ver toda a fúria que sentia expressa no seu rosto.

— Tu ajudaste a tirarem-nos a nossa magia. Porque haverias de ajudar a devolvê-la?

— Desde o início, nunca concordei que vo-la tirassem. Eu não tinha nenhum problema em matar o teu povo. Eles estavam a chacinar-nos. Se eles tivessem continuado a poder lançar feitiços, poderia ter corrido mal aos Sidhe.

— Teríamos ganhado e os vossos couros passariam a pertencer-nos.

Doyle encolheu os ombros.

— Quem é que vai adivinhar o que vai acontecer numa guerra? Mas agora digo o seguinte: nós podemos devolver-vos alguma da magia que vos foi roubada.

Sussurrei por detrás da orelha de Kitto:

— Brilha para ele, Kitto.

Kitto levantou a cabeça para me olhar diretamente nos olhos. Estava tão sério que era como se não o quisesse fazer. Tive vontade de lhe pergun-

tar porquê, mas não o podia fazer à frente de Kurag, porque não sabia o que é que Kitto responderia. Aprendera há muito tempo que não se deve fazer perguntas, para as quais não sabemos a resposta, em plena negociação. É muito provável que essa resposta nos prejudique.

Kitto disse, muito baixinho:

— Tenho medo.

Foi então que percebi. Ira, luxúria, e todo o tipo de emoções podiam fazer com que a magia brilhasse, o medo, porém, e estranhamente, podia matá-la. Dependia do tipo de medo. Se se tratasse daquele tipo de medo estupidificante, que nos faz entrar em pânico, simplesmente era impossível conseguirmos concentrar-nos. No entanto, um bocadinho de medo pode ajudar-nos a evocá-la e, por vezes, os nossos maiores medos demonstram os nossos maiores poderes. De qualquer forma, nunca se sabia de que forma é que o medo funcionaria connosco, principalmente no início, quando a magia ainda era recente.

Kitto não conseguia evocar a sua magia, porque estava com um medo aterrorizador de Kurag e de Creeda. Estava tão apavorado que mal conseguia pensar com clareza, quanto mais fazer magia.

Peguei-lhe no rosto com ambas as mãos.

— Eu entendo. — Olhei para trás, para Rhys, e suspirei. Até agora, Rhys fizera um ótimo jogo, contudo aquele abraço poderoso fora a única interação física que tivera com Kitto. Pedir a Rhys que fizesse comigo aquilo que correspondia a preliminares com Kitto era pedir demasiado. O meu cavaleiro branco, como Kurag lhe chamava, já fizera o suficiente por hoje.

Com o seu rosto ainda nas minhas mãos, depus um beijo delicado sobre a boca de Kitto.

— O que é isso? — perguntou Kurag.

Ergui a cara o suficiente para ver a dele.

— Quero que o Kitto evoque a magia dele, mas ele tem demasiado medo de ti.

— Que raio é que os duendes poderão fazer com uma magia tão fraca?

— Quando se tem poder há pouco tempo, por vezes é necessária alguma ajuda para se conseguir usá-lo.

Doyle acrescentou:

— É tal e qual como outra arma qualquer, Kurag. Alguém que não esteja habituado a usar uma espada poderá hesitar em batalha, ou poderá não ter a certeza de onde deve desferir o golpe.

Ele franziu o sobrolho, acomodando-se na sua cadeira grande como se esta se tivesse, repentinamente, tornado desconfortável.

— Eu não faço magia, mas se vocês dizem que é como uma arma, está bem. — No entanto, percebemos pela sua expressão facial que ele nos compreendera.

Creeda pulou outra vez para a frente do espelho. Kurag pegou nela de um modo distraído, como se ela fosse um animal de estimação que pedira colo.

— Brilha para nós, princesa, brilha para nós! — disse Creeda com aquela voz impaciente que continuava a emitir um queixume estridente e mecânico.

Kurag bateu-lhe ao de leve no lado do corpo dela. Ela revirou os olhos para cima na direção dele.

— O que foi? Não querias que eu fizesse o pequeno brilhar?

Ao observar Kurag a tentar manter uma expressão facial neutra, percebi que uma coisa era Creeda divertir-se com Kitto, outra coisa era ela incluir-me na brincadeira. Naquele momento apercebi-me de duas coisas: primeira, eu tinha vantagem sobre Kurag em qualquer negociação; segunda, os outros duendes reparariam nisso, se ainda não tivessem reparado, e considerá-lo-iam como uma fraqueza. A hierarquia dos duendes não é hereditária. Alguém torna-se rei, porque teve poder suficiente para matar o rei anterior. Nunca nenhum rei Duende morreu calmamente enquanto dormia. Todos temiam Kurag, mas se pressentissem uma pequena fraqueza nele, pensariam que ele teria outras. Tal como os tubarões, os duendes sentem o cheiro a sangue.

— Então e nós vamos perder o espetáculo? — A voz masculina que se ouvira por detrás do espelho voltou a falar.

Kurag fulminou quem quer que fosse aquela pessoa com o olhar.

— A princesa não dá espetáculos. — Virou-se novamente para mim. — Ou isso mudou, desde que formaste o teu harém? — Ele conseguira voltar a apresentar um rosto vazio beligerante, recorrendo à fúria para ocultar o que quer que estivesse a pensar.

— Vou acariciar o Kitto, para que ele não sinta tanto medo.

Ouviram-se gritos e ruídos vindos de trás do espelho. Eram sons tipicamente masculinos e teriam estado perfeitamente enquadrados na maior parte dos bares a um sábado à noite.

Kurag ignorou-os, tal como devia. O esforço que teve de fazer, porém, estava bem visível nas suas mãos grandes e nos ombros. A sua rainha ficou tensa, como se estivesse pronta para saltar para um sítio seguro.

— Não será grande espetáculo segundo os padrões dos duendes, nem mesmo dos Unseelie, mas vou tentar acalmá-lo e ajudá-lo a aceder à magia dele.

— Eu já o vi a brilhar, Merry. Acredito que ele é Sidhe. Acredito que ele

contém magia dentro dele. Mas não é o tipo de magia que o ajudará num campo de batalha. E esse é o único tipo de magia de que precisamos.

— Dizes isso, Kurag — disse Doyle —, porque os duendes nunca conheceram outro tipo de magia.

— Digo-o, porque é verdade. — A ira que sentia deixara-lhe os olhos num tom mais alaranjado do que amarelo.

— Queres vê-lo a brilhar com a magia que podia ser tua, Kurag? — perguntei e baixei ligeiramente o tom de voz. Admito que usei a atração que ele sentia por mim contra ele. Poderíamos manter a maioria dos nossos inimigos à distância, se conseguíssemos ter os duendes como nossos aliados praticamente para sempre. Para bem das vidas de todos aqueles de quem eu gostava, para bem do futuro da própria corte Unseelie, eu bem podia manipular um rei.

Kurag acenou impacientemente com a cabeça. Creeda bateu palmas com as suas muitas mãos, com aquelas que tinham par, e pulou que nem uma criança ao colo dele.

Olhei para Kitto. Perguntei-lhe com o olhar se estava pronto. Ele respondeu com os lábios: *Sim*. Beijei-o delicadamente na boca, não como preliminares mas como forma de agradecimento e de pedido de desculpas por estar a obrigá-lo a fazer algo que ele não queria fazer.

Senti-me destroçada ao sentir a relutância no seu corpo. Eu conhecia Kitto o suficiente para conseguir deixá-lo com a disposição certa, mas se o fizesse à frente dos duendes, todos ficariam a saber como o fazer. Eu sabia como fazer Kitto brilhar, porque era sua amante e amiga. Creeda não obteria o segredo do corpo de Kitto, se eu avançasse mais devagar e lhe fizesse outras coisas mais, tocando-lhe da maneira como ele mais gostava misturada com outros gestos. Demoraria mais tempo, mas eu não queria ajudar Creeda a tornar-se capaz de o atormentar. Daria o meu melhor para impedir que Creeda alguma vez lhe pusesse as mãos em cima, contudo eu conhecia a política real muito bem para conseguir ter a certeza que seria capaz de o manter em segurança. Nunca se recusa nada a uma rainha de ânimo leve, a nenhuma rainha.

Tomei uma decisão e puxei Kitto para os meus braços.

CAPÍTULO 4

Sentei-me na beira da cama com Kitto ao meu colo. As pernas dele envolveram o meu corpo como se eu fosse o rapaz e ele a rapariga. Os seus calções estavam-lhe justos nas nádegas redondas e as minhas mãos envolveram-nas por cima do tecido. Mantive-o ao meu colo enquanto lhe explorava o rosto, o pescoço e os ombros. Ele estremeceu ao de leve sobre mim, quando lhe mordisquei o ombro delicadamente. Senti-o a ficar firme, mesmo com o tecido que o ocultava. Mantive uma mão nas nádegas dele para impedir que ele caísse. Com a outra explorei-lhe as costas. Acariciei as escamas de arco-íris das suas costas e encontrei a linha de pele despida que lhe percorria a espinha. Com a ponta de um dedo, afaguei-lhe aquela longa linha macia de pele e fiz com que ele ficasse ofegante, atirasse a cabeça para trás e voltasse a encarar-me de olhos fechados e lábios semicerrados. No entanto, ainda não estava a brilhar.

Estava tão bonito ali sentado ao meu colo, mas a única magia que apresentava era a da pele despida e encantada. Não estava a brilhar de poder.

— Fazei-o brilhar, fazei-o brilhar! — implorou Creeda, como se tivesse esperado o máximo que podia para o dizer.

Kitto esmoreceu ao ouvir a voz dela, curvando os ombros e baixando a cabeça, e diminuindo a pressão que tinha estado a exercer sobre a minha barriga. Foi como se o som da voz dela o tivesse lembrado de coisas desagradáveis. Os duendes não olham para os votos matrimoniais da mesma maneira que nós e são permitidas determinadas liberdades a ambos os cônjuges. As crianças que nascerem de uma outra relação qualquer serão criadas pelo casal casado como se fossem seus filhos legítimos. Não há qualquer vergonha, nem discussões, por se ter sido traído. Talvez por isso não exista uma monarquia hereditária. No entanto, tivessem os hábitos que tivessem, eu não tivera conhecimento de Kitto alguma vez ter sido animal de estimação de Creeda.

Kurag disse:

— Chiu, Creeda! — Mas o estrago já estava feito.

Kitto enroscou as pernas à volta da minha cintura que nem uma criança que se agarra a alguém em busca de consolo. Abraçou-me com força e enterrou o rosto contra o meu ombro.

Ergui o olhar na direção de Kurag.

— Não sabia que a tua rainha conhecia o Kitto assim tão bem.

— E não conhecia.

Dei umas palmadinhas delicadas nas costas de Kitto e não tive a certeza se acreditava em Kurag, mas não consegui pensar num bom motivo para ele me mentir.

— Então não entendo porque é que ele tem tanto medo quando está perto dela.

— Tal como a maioria das nossas mulheres, a Creeda está ansiosa para experimentar um duende que também seja Sidhe. Ele poderá escolher as mulheres que quiser no banquete. — Kurag não pareceu especialmente satisfeito com isso, e não percebi muito bem porquê, mas isso não interessava nada.

— Os duendes até podem violar um inimigo, ou um prisioneiro, mas nunca se violam uns aos outros — disse eu.

Kurag desviou o olhar de mim e passou para Rhys.

— O teu príncipe pálido sabe perfeitamente o que fazemos aos nossos prisioneiros. — Lançou um olhar lúbrico de mau génio, como se estivesse contente por voltar a tratar de um assunto que lhe agradava. Ele gostava de provocar Rhys.

Rhys moveu-se na cama, por trás de mim. Ele permanecera absolutamente imóvel durante a cena com Kitto.

— Eu sei que fui um tolo, Kurag. A princesa disse-me que eu podia ter evitado tanta dor, se tivesse sabido o que pedir.

O olhar lúbrico de Kurag transformou-se num semblante carregado.

— É um milagre: um Sidhe a admitir que foi tolo.

Olhei de relance para trás, ainda a tempo de ver Rhys a acenar afirmativamente.

— A nossa raça é arrogante, mas alguns de nós conseguem aprender com os erros.

— E o que é que tu aprendeste, príncipe pálido?

— Que antes de irmos a qualquer banquete na vossa corte, devemos deixar bem claro o que nos poderá acontecer e o que não poderá. A todos nós, incluindo ao Kitto.

— Ora, isso é ser-se arrogante — retorqui Kurag. — Nenhum Sidhe pode impedir um duende de ter contato com outro duende.

Acrescentei:

— Se o Kitto não quiser estar com as mulheres, pode dizer que não.

— Eu vou prová-lo — disse Creeda.

— Se ele disser não, não ides — respondi.

— Ele será meu — disse ela, inclinando-se na direção do espelho.

Kitto encolheu-se contra mim.

— Controla a tua rainha, Kurag! — disse eu.

— Porquê? Ela é uma entre centenas que pensa assim, Merry.

Abracei Kitto com força.

— Ele pode não sobreviver às atenções de centenas de mulheres duendes.

Kurag encolheu os ombros.

— Nós somos imortais, saramos.

Abanei a cabeça, mas foi Rhys quem respondeu.

— Não, não entregaremos o Kitto para que lhe façam isso.

— Ele é meu — contrapôs Kurag, com aquele rugido descontente a infiltrar-se na sua voz. — Eu entreguei-o à Merry, mas ele ainda é meu. Eu sou rei dele e eu é que decido o que lhe acontecerá ou não.

— Kurag — disse eu, e só continuei a falar quando aqueles olhos quase cor de laranja pousaram sobre mim —, eu conheço as vossas leis. Vocês não violam pessoas do vosso povo, a não ser que tenham cometido algum crime e que tu aches que é um castigo que se adequa.

— Há uma exceção à regra, Merry.

Devo ter parecido tão baralhada quanto fiquei.

— Não conheço nenhuma exceção. — Silenciosamente, pensei: *À exceção de ser muito perigoso negarmos alguma coisa ao nosso soberano.*

— Pensei que o teu pai se tinha certificado de que serias versada na nossa cultura.

— Também eu — respondi —, mas vocês não se impõem uns aos outros; não precisam de o fazer. Há sempre alguém por perto disposto a ser parceiro de alguém.

— Mas se um de nós vender o seu corpo em troca de segurança e abrigo, então está a renunciar ao direito de poder negar o seu corpo a quem quer que seja. Só o seu protetor poderá determinar quem pode, e quem não pode, tocar-lhe.

Eu continuava de sobrolho franzido.

Kurag suspirou.

— Merry, não te perguntaste porque é que eu tinha tanta certeza que o Kitto iria contigo e faria tudo o que quisesses?

Pensei sobre isso e depois respondi:

— Não. Se a nossa rainha ordenasse que um dos guardas dela fosse

comigo e fizesse tudo o que eu quisesse, ele tê-lo-ia feito. Não faz parte da nossa legislação, mas faz mal não obedecer à rainha. Supus que o vosso povo também agia assim.

— Eu entreguei-te o Kitto, porque sabia que o protetor dele se tinha fartado dele. Nós somos um povo cruel, Merry, mas eu não tinha qualquer vontade de ver o Kitto a ser dilacerado, caso não conseguisse encontrar alguém que o acolhesse. Um bom rei toma conta de todos os seus súbditos.

Assenti. Kurag era rude, devasso, por vezes era dominado pelo seu temperamento, mas nunca fora acusado por ninguém de não cuidar do seu povo, de todo o seu povo. Por isso é que nunca enfrentara um verdadeiro desafio enquanto rei. Ele era duro, mas era justo. Era temido por metade do seu povo e amado pela outra metade, porque ele mantinha-os em segurança.

— Não sabia que qualquer duende poderia precisar desse tipo de proteção — disse eu. Kitto ficou encostado a mim, muito quieto, e quase pude sentir o cheiro do medo dele. Medo do que eu poderia estar a pensar acerca dele naquele momento.

— O destino de um meio-Sidhe entre nós não é bonito, Merry. A maioria morre ainda jovem, antes de atingirem essa afamada magia Sidhe. Mas muitos de nós ansiamos por ter um Sidhe na nossa cama. Muitos dos vossos mestiços acabam por dar o corpo deles em troca de segurança.

Ele estava a falar de prostituição, um conceito desconhecido entre os seres fééricos, pelo menos no interior do mundo das Fadas. No exterior... bem, um exilado tem de ganhar a vida e havia alguns que o faziam dessa forma. Mas, mesmo nesses casos, era mais uma maneira de fazer com que os prazeres dos seres fééricos valessem a pena. Nós somos um bando tradicionalmente vigoroso e para alguns de nós o sexo é simplesmente sexo. Não há julgamentos, apenas verdade. Contudo, os duendes nem sequer tinham uma palavra correspondente a prostituta. Era impossível surgir um conceito tão estranho quanto esse na sociedade deles.

— Mas há sempre sexo entre os duendes. A maioria dos duendes não acha que todos os parceiros sexuais são iguais?

Kurag encolheu os ombros.

— Todos os duendes são amantes insaciáveis, Merry, mas a adição de carne mais suculenta entre nós provocou o aumento da prostituição. Daquelas pessoas que não são capazes de se protegerem a si próprias e que não têm mais nenhum talento para oferecer. Não são artífices; são pessoas que não fazem nada, não vendem nada. Têm apenas uma aptidão, por isso, permitimos que a usem para obterem aquilo de que precisam. — Ele não parecia nada satisfeito, como se isso, de certo modo, o ofendesse, ofendesse a ideia que ele tinha de como o mundo devia funcionar.

— Nós teríamos matado essa gente fraca, mas tivemos de a tolerar assim que encontraram abrigo junto de alguém suficientemente forte para se manterem em segurança.

— Não pode haver assim tantas pessoas nessa situação entre vocês — disse eu.

— Não, mas elas são quase todas do lado Sidhe. — Olhou de relance para o lado do espelho. — Apesar de nem todas as pessoas do lado Sidhe serem fracas. — Assim que ele fez um gesto, apareceram dois homens à frente do espelho. À primeira vista tê-los-ia confundido com Sidhe, Sidhe Seelie. Ambos tinham cabelo amarelo, eram altos, esbeltos e atraentes, como os Sidhe costumam ser: com bocas carnudas e generosas e um traço que ia desde a sobrançelha, passando pela bochecha e indo até ao queixo, que me fazia lembrar de Frost. A pele deles tinha aquele delicado tom dourado à qual a corte Seelie chama de bronzeado beijo-de-sol. Entre eles é algo raro, para nós é desconhecido. No entanto, ao olhar para eles uma segunda vez reparava-se nos olhos: demasiado grandes para o rosto, elípticos como os de Kitto e de uma só cor; não tinham parte branca, somente pupilas preenchidas de preto num fundo verde num deles e no outro num fundo vermelho. O verde era exatamente da mesma cor que tem a erva no verão. O vermelho tinha o mesmo tom que as bagas de azevinho em pleno inverno. Também eram mais corpulentos do que os Sidhe, como se tivessem feito muito mais levantamento de peso, ou como se os genes dos duendes simplesmente tivessem permitido que ficassem com um pouco mais de massa muscular.

— Estes são o Holly e o Ash. Gémeos deixados à nossa porta por uma mulher Seelie qualquer depois da última grande guerra. Eles são temidos entre nós. — Quando o rei Duende dizia isto numa apresentação, era um grande elogio para qualquer guerreiro duende, e era também uma espécie de aviso para nós, acho eu.

O dos olhos vermelhos olhou para nós com um ar furioso. O dos verdes tinha uma expressão mais neutra, como se ainda estivesse a pensar se deveria odiar-nos. O seu irmão parecia já ter decidido.

— Saudações, Holly e Ash, dois dos melhores guerreiros de Kurag — disse eu.

O de olhos verdes respondeu:

— Saudações, Meredith, princesa dos Sidhe, detentora da Mão da Carne. Eu sou o Ash. — A sua voz soou com um tom agradavelmente neutro. Fez uma breve vénia à medida que falava.

O seu irmão virou-se para ele e fitou-o como se este lhe tivesse batido.

— Não te curves para ela. Ela não nos é nada. Não é rainha, nem princesa, nada.

Antes de Holly poder reagir, Kurag já tinha saído da sua cadeira e estava quase em cima dele. Holly chegou mesmo a pousar a mão no punhal que tinha no cinto, depois hesitou. Se ele sacasse da lâmina, Kurag poderia considerar aquilo como um insulto fatal e a luta que se seguiria seria até à morte. Assim que ele sacasse da lâmina, a decisão seria inteiramente de Kurag. Tive um segundo para ver a confusão estampada no seu rosto. De seguida a mão de Kurag moveu-se numa névoa e o duende mais novo ficou estendido no chão, perto da cadeira. O sangue reluziu sob a luz, qual estranha joia carmesim sob a sua pele dourada. O sangue era quase da mesma cor que os seus olhos.

— Aqui o rei sou eu, Holly, e até seres duende suficiente para dizeres o contrário, tudo o que digo é uma ordem.

Holly limpou o sangue que tinha no queixo com a manga e, ainda sentado no chão, disse:

— Nós não somos meretrizes. Não fizemos nada que, perante as nossas leis, vos permita enviar-nos para a cama dela, ou para a cama de alguém. Não precisamos de ninguém para proteger os nossos corpos. — Tossiu e cuspiu sangue para o chão. Entre os duendes era um insulto desperdiçar-se sangue. Ele devia tê-lo engolido. — Nós provámos que somos, acima de tudo, duendes e que não somos nada Sidhe e, no entanto, estaríeis disposto a entregar-nos a esta Sidhe pálida. Não fizemos nada para merecer isto.

Kurag avançou com um andar majestoso, em câmara lenta, como se todos os seus músculos lutassem uns contra os outros. O punhal que tinha no cinto permanecia embainhado, mas ele fizera-lhe alguma coisa.

Foi Doyle quem o chamou:

— Kurag, isto já será suficientemente difícil sem parceiros de cama que hesitem.

Kurag ergueu o olhar para nós.

— Eles são demasiado jovens, Negrume, não se lembram de quem somos. Se o Holly entendesse quem fomos outrora e o que poderíamos voltar a ser, iria sem pensar duas vezes.

— A maior parte dos teus meios-Sidhe é resultado da última grande guerra?

Kurag acenou afirmativamente.

— A maioria dos mais velhos já morreu. Os que saíam aos Sidhe não duravam muito tempo até os termos tornado em meretrizes.

— Nós nunca fomos meretrizes — contrapôs Holly.

Ash estava de pé atrás de Kurag, quase com um sorriso nos lábios, mas com uma das mãos escondida contra o lado do seu corpo. Creeda estava atrás do trono e vislumbrei o brilho da espada que ela tinha nas suas muitas mãos, mas não nas que estavam de frente para Ash. Teria ele desembainha-

do uma espada? Creeda não tinha gostado do que quer que ele tinha feito. E, muito sinceramente, eu também não.

— Basta, Kurag — disse eu. — Não vou obrigar ninguém a aceitar-me. Se o Holly não quer ser Sidhe, assim seja.

— Mas eu quero ser Sidhe — disse Ash, com aquela voz tranquila que condizia com o seu sorriso e que lhe deixava os olhos verdes vagos e com um ar agradável. Ash era um político nato. O seu sorriso alargou-se, contudo era, de certo modo, um sorriso triste. — Eu e o meu irmão nunca tínhamos estado em desacordo até agora. Mas eu serei Sidhe, e o Holly também.

Creeda aproximara-se o suficiente para conseguir ter a certeza do que ele tinha na mão escondida. Ele colocou a mão à vista. Vi Creeda a ficar tensa. Senti como Doyle e Rhys ficaram tensos à minha volta. A mão de Ash estava vazia. Mas eu teria apostado qualquer coisa em como há um instante não estivera.

A minha voz soou um pouco aspirada quando perguntei:

— Então vem e torna-te Sidhe, Ash. Para que vais arrastar o teu irmão se ele não quer?

— Porque eu quero — respondeu Ash, e a amabilidade foi substituída por uma arrogância que só se via no rosto de um Sidhe. Ah pois, Ash era um dos nossos. Ele sobrevivera entre os duendes, mas era nosso.

Holly já estava de pé, mantendo a grande cadeira de madeira entre ele e Kurag. Estava virado de costas para nós, por isso eu não conseguia ver o seu rosto, mas consegui ouvi-lo falar com um tom parecido com medo ou com qualquer outro sentimento desagradável que não fui capaz de apreender.

— Irmão, não faças isso! Nós não precisamos dos cintilantes. Nós somos duendes, o que é bem melhor.

Ash abanou a cabeça.

— Sobrevivemos juntos, Holly, e continuaremos a sobreviver juntos. Ouve as lendas contadas pelos nossos contadores de histórias. Vislumbrei aquilo que fomos outrora e tu e eu devolveremos esses dias de glória aos duendes. — Caminhou na direção do irmão, contornando Creeda como se ela nem estivesse lá. Ela produziu um som sibilante quando ele passou por ela. Viu-se o brilho prateado da espada que ela tinha nas mãos, mas ela guardou-a, na bainha que estava algures perdida no meio do seu ninho de braços.

Ele alcançou Holly e pôs uma mão no ombro dele.

— Apoiar-te-ei sempre em tudo, até mesmo na tua raiva contra o nosso rei, mas não faças com que nos matem quando estamos prestes a alcançar uma glória tão grande como os duendes não veem há mais de dois mil anos. — Algures naquele discurso estava subjacente a sua confirmação de

que não permitiria que Kurag matasse Holly, e que teria apunhalado o rei pelas costas antes de permitir que tal acontecesse.

Holly fez um gesto brusco para apontar na nossa direção, ficando com o braço a abanar. Lançou-nos um olhar de relance tão rancoroso quanto o seu ódio.

— Eles deixaram-nos para enfrentarmos a morte sozinhos. Como és capaz de ir para a cama com eles?

Ash agarrou no braço do irmão, enterrando os dedos tão profundamente que era visível à distância. Abanou-o, só um pouco.

— Estes Sidhe não nos fizeram nada. Nenhum deles é nossa mãe ou nosso pai.

— Como podes ter tanta certeza?

— Olha para eles, Holly! Olha para eles sem esse teu ódio. — Ele chegou mesmo a virar o irmão para que este nos encarasse e o olhar que nos apresentou continha uma mistura de dor e ódio que chegava a ser difícil de o enfrentar. — Nenhum deles tem pele e cabelo dourados. Eles são Sidhe Unseelie e não nos fizeram nada.

Holly pareceu estar quase a chorar. Algo que nunca pensei ver na cara de um duende. Kitto costumava chorar, mas isso era Kitto. Para mim, ele deixara de ser um duende e agora era simplesmente ele próprio. Por muito que Holly se parecesse com um Sidhe, para mim, ele continuava a ser um duende. Geneticamente, era meio-Sidhe, cultural e moralmente, porém, era duende. Tratá-lo-ia dessa maneira até ele me provar o contrário.

— Não acredito que esse duende seja capaz de brilhar como um Sidhe — disse Holly, com um tom de voz zangado e desesperadamente teimoso.

— Fá-lo brilhar, Merry — disse Kurag. — Temos de o convencer.

— Se nos garantires que o Kitto não servirá de refeição para todos os duendes que desejem provar carne Sidhe, então fá-lo-ei brilhar para ti. Sem essa garantia, penso que o medo dele o impedirá de brilhar.

Kitto estremeceu contra mim. Ele virara a cabeça o suficiente para voltar a espreitar para o espelho, mas colou-se a mim que nem uma lapa, como se tivesse medo de ser arrastado pela maré.

— Não — disse Holly e libertou-se bruscamente das mãos restritivas do irmão. — Não, se ele obtiver essa liberdade, todos os que são olhados como meretrizes irão exigir o mesmo. — Abanou a cabeça, fazendo com que o seu cabelo louro voasse.

— Infelizmente, tenho de concordar com o Holly, Merry. Se um ganhar isso, estarei metido numa grande alhada.

Franzi-lhes o sobrolho e depois disse:

— Eu sou amante dele. Isso torna-me sua protetora?

Kurag pareceu ficar sem saber o que dizer. Ash abanou a cabeça e disse:

— Ela não entende o que está a pedir.

Kurag olhou para Doyle.

— Negrume, a princesa é Sidhe, mas ela não és tu, nem o príncipe pálido. Ela não tem a força física necessária para resistir a todos os duendes que quiserem provar o sabor do Kitto.

— Ela já disse — retorquiu Holly. — Ela é a protetora dele. Que assim seja.

— Pois — disse Creeda —, deixem-me ser a primeira a lutar contra ela quando ela cá vier. Eu terei o Kitto e, se puder cortar aquela carne pura, ainda melhor.

Foi então que percebi que me tinha expressado mal, contudo não tinha a certeza de como poderia corrigir.

— Não levaremos a princesa ao vosso palácio, se isso implicar que ela tenha de passar a noite em duelos — disse Doyle. — Seríamos péssimos guarda-costas se o fizéssemos.

— O Holly tem razão. Se eu conceder esse tipo de segurança ao Kitto, os outros quererão o mesmo. Nós somos um povo mais democrático do que vocês e, de todos os governantes Sidhe, eu sou o que mais obedece à voz do meu povo. — Encolheu os seus ombros enormes. — Para nós é uma boa solução, mas a Merry não é duende. Ela sobreviveria.

— Os Sidhe são assim tão frágeis? — perguntou Holly, com um tom de voz absolutamente carregado de desprezo.

— Não me faças esbofetear-te outra vez! — disse Kurag.

— Eu sou mortal — respondi.

O rosto de Holly transpareceu a sua surpresa, mas foi Ash que falou.

— Pensávamos que isso era apenas um boato maldoso que tinha sido espalhado pelos vossos inimigos. Então sois verdadeiramente mortal?

Assenti.

Ash pareceu perplexo.

— Então morreríeis a tentar proteger as meretrizes?

Rhys aproximou-se por trás de mim. Fez deslizar os braços não só sobre mim como também sobre Kitto. Encostou o queixo no topo da minha cabeça, mas permitiu que as suas mãos vagueassem pelas costas do homem mais pequeno.

— Nós somos os protetores dele — disse Rhys. A sua voz soou de forma bastante clara e livre de qualquer emoção.

Kitto ergueu o olhar para ele muito rapidamente e eu senti-me grata por nenhuma das pessoas do outro lado do espelho conseguir ver o ar de choque no seu rosto. Rhys não olhou para ele, só manteve aquela cara inexpressiva virada na direção do espelho e de Kurag.

Desta vez o rei Duende ficou sem palavras. Acho que todos ficámos. Quer dizer, nem todos.

Creeda pulou em cima da cadeira para poder ver melhor, ou talvez para que a vissemos melhor.

— Nós fizemos-te gostar de duendes, cavaleiro branco?

— O Kitto é Sidhe — retorquiu Rhys com um tom de voz insípido —, é o que tenho a dizer.

— Amém! — disse Doyle.

Sentiu-se o toque de sinos no ar; não se tratava do som verdadeiro de sinos nem de algo que se pudesse ouvir com os ouvidos, contudo, as palavras tinham peso e vibraram por todo o quarto. O rosto de Kurag mostrou que ele também o sentiu. Acontecera algo de importante. Algo fora mudado pelo destino. Ou se dera início a alguma profecia ou esta fora de tal modo alterada que os destinos de todos nós tinham mudado naquele instante. Consegue-se sentir o peso da mudança, mas nunca se sabe ao certo do que se trata nem o que significa, não até ser demasiado tarde para fazer alguma coisa quanto a isso. Podiam passar-se dias, ou até mesmo anos, até se saber o que mudara com aquelas palavras.

Ouviu-se um ruído vindo da parte de trás do compartimento de Kurag. Era um estridor conjugado com o som de algo a arrastar-se, como se ali estivesse uma serpente com muitas pernas. Eu não sabia o que estava a provocar aquele barulho, mas Kitto ficou pálido, exangue nos meus braços, ficando subitamente débil. Ele teria caído ao chão, se eu não estivesse a agarrá-lo. Rhys estava ajoelhado por trás de mim, ficando ainda mais alto do que eu, e tinha as mãos nos meus ombros. Senti as suas mãos a ficarem trémulas à medida que ficava tenso.

Tive vontade de perguntar o que se passava, mas não queria que parecêssemos fracos aos olhos de Kurag. Foi então que Kurag respondeu à minha pergunta, mesmo sem eu a fazer.

— Ainda não te chamei. — Kurag estava furioso; a sua voz, todavia, denotou um tom de resignação. Como se a fúria fosse somente uma formalidade. Era uma fúria verdadeira, mas ele não tinha grande esperança que ajudasse em alguma coisa. Nunca vira Kurag tão... derrotado.

Ouviu-se uma voz vinda de algures fora da vista do espelho. Ouvia-se bem alto e era sibilante. Primeiro pensei numa cobra, contudo, aquela voz também tinham aquele zumbido metálico característico da voz de Creeda e a rainha não tinha nada de Duende-Serpente. A voz disse:

— Tu queriasss exibir-me, não queriasss, Kurag? Mossstra à princesa que nem todoss sssomoss tão ssSidhe quanto o Holly e o Asssh!

— Sim — respondeu Kurag e virou-se para o espelho. Pareceu ficar com um ar solene. — Ficas a saber, Merry: nem todos os que saem aos Si-

dhe ficam com o mesmo aspeto que a sua ascendência. Antes de concordar em fazer isto, devias ver o que irá para a tua cama. — Nesta altura ele já estava a olhar para Rhys, mas aquele seu ar provocador desaparecera. — E nem todos os nossos mestiços são do sexo masculino.

— Não faças isso, Kurag — disse Rhys com um tom de voz vazio, mas havia alguma coisa que preenchia aquele vazio, algo que me assustava.

— Ela é meio-Sidhe, cavaleiro branco, e quer ter a oportunidade de voltar a ir para a cama contigo.

Aquele estridor rastejante aproximou-se ainda mais, como se houvesse ali alguma coisa a gatinhar e a arrastar-se ao mesmo tempo.

Kitto estava a emitir um som gutural agudo, um lamento que não conseguia evitar. Abracei-o com força, mas foi como se ele nem me sentisse. O seu corpo permaneceu débil nos meus braços, como se ele estivesse a retirar-se para dentro de si próprio.

— O que é que se passa? — perguntei.

Rhys disse uma única palavra, um nome, com tamanho ódio que chegou mesmo a doer ao ouvi-lo. Disse-o exatamente ao mesmo tempo que algo rastejava para cima da cadeira de Kurag. Algo que parecia ter sido montado e cosido a partir de pesadelos distintos.

— Siun.

Kitto gritou.

CAPÍTULO 5

Os gritos de Kitto soavam alto e de um modo lamentável, tal como os de um coelho bebé quando é apanhado pelo gato. Ele gatinhou para fora do meu colo, atravessando a cama e caindo dela no lado oposto.

Frost irrompeu pelo quarto adentro com uma arma numa mão e uma espada na outra. Procurou pelo inimigo e, quando se apercebeu de que não havia nada contra o que disparar, limitou-se a franzir o sobrolho para todos nós.

— O que é que aconteceu? O que é que o Kitto tem?

— O meu libertinozinho não quer cumprimentar o seu mestre? Já te esqueceste de tudo o que te ensinei, Kitto? — disse a coisa sentada na cadeira.

Doyle fora ajoelhar-se ao lado de Kitto e estava a tentar acalmá-lo sem qualquer sucesso. Ouvi a voz grave por entre os gritos, mas quando Kitto finalmente conseguiu voltar a falar, a única coisa que disse foi:

— Não, não, não, não, não! — Vezes sem conta, sem parar.

Eu tentara virar-me para ajudar Kitto, no entanto, Rhys prendera-me com as suas mãos nos meus ombros. Bastou olhar para o rosto dele uma vez para perceber que Kitto não era o único que precisava de ajuda. Não sabia o que havia de fazer, mas permaneci onde estava, com Rhys encostado a mim de joelhos e o seu corpo a tocar na parte de trás do meu. Fiquei ali para que ele pudesse encostar-se a mim e não caísse.

Voltei a concentrar-me no duende sentado na cadeira e esperei que os meus olhos conseguissem deslindar aquela figura. No início pareceu-me uma aranha preta enorme e peluda. Uma aranha do tamanho de um pastor-alemão grande. A cabeça pousava sobre um pescoço e a boca tinha um ar vagamente humano: tinha lábios e presas. O corpo inchado apresentava umas enormes pernas pretas de cada lado, que eram absolutamente características de uma aranha, mas as mãos que estas tinham nas pontas não

eram nada aracnídeas. Parecia ter olhos por tudo quanto era sítio e todos eles tinham círculos tricolores de tons azuis. Ergueu-se, como se tentasse acomodar-se melhor na cadeira, e expôs, muito brevemente, dois pálidos seios femininos. Femininos. Eu não conseguia mentalizar-me de que aquilo era uma mulher.

Nunca pensei que veria algo entre os seres feéricos que considerasse verdadeiramente saído de um pesadelo. Eu era uma Sidhe Unseelie; nós éramos as coisas de que são compostos os pesadelos. Siun, todavia, era o pesadelo de todos os pesadelos. Ela teria sido menos horrível, se fosse mais parecida com uma só coisa, mas ela era o que era e não havia volta a dar-lhe.

Aquela boca com uma forma estranha, no meio de todo aquele pelo preto e de todos aqueles olhos, falou:

— Rhysss, é tão, tão bom ver-te! Ainda lá tenho o teu olho dentro de um frasssco, guardado numa prateleira. Vem visitar-nosss outra vez. Adorava arranjar o par.

Senti Rhys a ser percorrido por um tremor, como se todo o seu corpo tivesse estremecido perante uma ventania invisível. A sua voz soou vazia que nem uma conha atirada para uma praia, ecoando a sua solidão:

— Devias ter dito de uma vez, se não querias que nós aceitássemos este acordo, Kurag. Ter-nos-ias poupado tempo e trabalho.

Dei-lhe uma palmadinha carinhosa na mão que ainda estava a agarrar o meu ombro, mas não tenho a certeza se, naquela altura, ele sentiu alguma coisa.

— Frost — disse Doyle —, trata do Kitto!

Frost guardou a espada e a arma, indo ajoelhar-se ao lado de Kitto. Frost e Doyle costumavam discutir relativamente a decisões do dia a dia, mas em caso de emergência todos os guardas obedeciam a Doyle. Era difícil pôr um fim a hábitos que duravam há séculos.

Doyle falou à medida que se aproximava, vindo colocar-se ao nosso lado.

— O que é que pretendes com isto, Kurag?

Siun respondeu:

— Eu queria ver os Sidhe bonitos.

— Cala-te, Siun! — Kurag disse-o sem olhar para ela, como se simplesmente esperasse que ela obedecesse. Surpreendentemente, foi o que fez.

— Achei que a Merry merecia saber para o que é que a estavam a oferecer. — O seu rosto foi atravessado por algo muito semelhante ao olhar lúbrico que costumava ter. — Para além disso, Negrume, não vai ser a Merry a ir para a cama com a Siun.

— Não será ninguém — retorquiu Rhys.

Doyle tocou-lhe no braço.

— Não podes estar à espera que ela vá para a cama com o Rhys ou com o Kitto outra vez!

— Estás a oferecer-te como voluntário? — perguntou Kurag.

Doyle piscou os olhos, com um ar inexpressivo.

— O que estás para aí a dizer, Kurag?

— Se eu concordar em dar-vos mais um mês por cada duende que tornarem Sidhe, vocês terão de concordar em converter todos os meios-Sidhe que quiserem tentar.

O olhar preto de Doyle passou rapidamente para Siun e depois voltou para Kurag.

— Porque é que estás a resistir a isto, Kurag? Porque é que não queres que os duendes voltem a ter magia a correr-lhes nas veias?

— Não estou a resistir a nada, Negrume, estou de acordo com tudo, consoante determinadas condições. Até estou a conceder um mês por cada duende que a Merry converter.

Doyle fez um pequeno gesto na direção de Siun.

— Insultas-nos ao insistires para que vamos para a cama com todos os que nos aparecerem à frente.

— Ela teria este aspeto, se um homem do vosso povo não tivesse violado uma das nossas mulheres?

— A mãe dela não foi violada — retorquiu Rhys, com um tom de voz ainda vago e ainda insuportável de se ouvir.

Kurag ignorou o comentário, mas Doyle disse:

— O que queres dizer com isso, Rhys?

— Ela gabou-se do facto de a mãe dela ter violado um dos nossos durante a última grande guerra. — Enterrou as mãos nos meus ombros praticamente até doer. — Não culpes os Sidhe por este horror específico, Kurag. Os duendes fizeram isto a si próprios.

Estava bem claro no rosto de Kurag que ele sempre soubera a verdade quanto a isto.

— Mentiste-nos, Kurag — disse Doyle.

— Não, Negrume, eu disse: *Ela teria este aspeto, se um homem do vosso povo não tivesse violado uma das nossas mulheres?* Eu disse-o em forma de pergunta, não como a constatação de um facto.

— Isso é distorcer um bocadinho de mais a verdade — disse eu.

Kurag olhou para mim. Acenou afirmativamente com a cabeça.

— Talvez tenha aprendido com os Sidhe como a verdade se pode transformar.

— O que é que isso quer dizer? — perguntou Rhys.

Doyle ergueu a mão.

— Basta! Das duas uma: ou aceitamos as condições do Kurag, ou aca-

bamos com isto e temos o apoio dos duendes por mais dois meses e nada mais.

— Vou dar-vos tempo para poderem conversar uns com os outros — disse Kurag. Levantou uma mão como se fosse limpar o espelho.

— Não — disse Doyle —, não, se te dermos tempo, lembrar-te-ás de outro motivo qualquer para evitares o nosso acordo. Tomamos uma decisão agora mesmo, hoje.

Olhei para Doyle e não consegui depreender nada do seu rosto, nem do seu corpo. Ele apresentou-se como o Negrume intocável, a mão esquerda da rainha. A figura que eu temera quando era criança. Apesar de, como é óbvio, nunca o ter visto tão despido. O Negrume da rainha costumava vestir-se dos pés à cabeça, o ano inteiro, estivesse o clima que estivesse. Outrora, ver os braços despidos de Doyle fora exatamente o mesmo que vê-lo despido em público, no entanto aqui estava ele vestido só com uma minúscula tanga preta e, não sei como, com ou sem roupas, continuava a ser o Negrume intocável, ilegível e assustador.

— Qual de vocês é que vai para a cama com a Siun? — indagou Kurag.

— Eu vou — respondeu Doyle.

Fui eu quem disse:

— Não!

— Nenhum de nós lhe tocará — disse Rhys.

— Nós aceitaremos este acordo, Rhys — retorquiu Doyle.

Rhys estava a abanar a cabeça.

— Não, eu jurei que mataria a Siun da próxima vez que nos encontrássemos. Fiz um juramento de sangue.

— Juraste com sangue? — perguntou Doyle.

Rhys apenas acenou afirmativamente.

Doyle suspirou.

— Nós concordamos em tentar converter todos os meios-Sidhe que tiveres, Kurag, mas a Siun terá de enfrentar o Rhys quando formos à tua corte.

— E se ela o matar? — perguntou Kurag.

— Então o juramento de sangue será saldado. Não tentaremos vingar-nos por causa disso.

— Combinado — disse Kurag.

— E depois de ter matado o Rhysss — disse Siun —, terei o libertino dele, o meu Kitto. Montá-lo-ei até que ele brilhe por baixo de mim. — Fulminou Rhys com a sua dúzia de olhos, todos anelados com tons de azul, azul-celeste, azul-violáceo e violeta. Os olhos eram encantadores e pertenciam a um corpo diferente. — Esste não brilhou para mim. Ssse tivesses brilhado por baixo de mim, não te teria tirado o olho.

— Disse-to nessa altura e volto a dizer-to: podes obrigar-me a ir para a cama contigo, mas não podes obrigar-me a gostar. És péssima na cama.

Ela precipitou-se para fora da cadeira e, de repente, ocupou todo o espelho, como se tivesse crescido e, com todas aquelas pernas, aquelas mãos e aquela estranha boca meia deformada, tentava alcançar-nos. Bateu repetidas vezes no vidro com os seus membros e guinchou:

— Vou matar-te, Rhysss, e a princesssa não consseguirá sssalvar o Kitto! Ele ssserá meu e fá-lo-ei brilhar para mim!

Kitto gritou do outro lado da cama. Virámo-nos todos e olhámos para ele. Tinha o rosto pálido e os seus olhos azuis extremamente arregalados. Agitou a mão direita à medida que gritava:

— Nãããooo!

Rhys atirou-nos aos dois para fora da cama um segundo antes de eu sentir o feitiço a tremer pelo ar sobre nós. Foi como se o vidro se tivesse derretido e Siun começou a deslizar através daquela liquefação. Primeiro a cabeça, um braço, o outro braço absolutamente agitado à procura de algo onde pudesse agarrar-se. Ela deslizou ainda mais, lutando para não cair e incapaz de parar.

Kitto pôs ambas as mãos à sua frente, como se tentasse mantê-la à distância, e, aterrorizado, voltou a gritar bem alto, desta vez sem palavras.

Rhys pressionou-me contra a alcatifa, protegendo o meu corpo com o seu. Ouviram-se mais gritos e nem todos pertenciam a Kitto. A voz de Doyle disse:

— Deixa a princesa levantar-se, Rhys. — Ele pareceu estar baralhado.

Rhys pôs-se de joelhos e examinou todo o quarto com o olhar, fitando depois o vidro. Foi a mão de Doyle que me ajudou a levantar.

Frost tinha Kitto ao colo, embalando-o tal e qual como se consola uma criança. Virei-me para olhar para o que Rhys estava a encarar fixamente.

Siun parara de deslizar através do espelho. Metade das suas compridas pernas pretas estava deste lado do vidro e a outra metade continuava do lado de Kurag. Uma das suas mãos tentava alcançar algo dentro deste quarto, a outra estava a bater no vidro do outro lado, como se estivesse a tentar parti-lo. Estava a praguejar baixinho e continuamente. Esforçou-se para se libertar, expondo os seus seios à luz do sol, mas estava presa. Se ela fosse mortal, teria morrido, mas não era e não estava a morrer. Estava simplesmente presa.

Doyle aproximou-se do vidro, mas manteve-se fora do alcance das pernas agitadas de Siun.

— Parece já estar sólido.

Kurag falou do seu lado do espelho.

— Ora se não temos aqui uma situação do caraças?

— Pois — disse Doyle.

— Consegues resolver o problema? — perguntou Kurag.

Doyle olhou para Kitto de relance, que parecia estar praticamente cata-tônico nos braços de Frost.

— Foi a magia do Kitto. Ele poderia revertê-la, se soubesse como. Mas mais ninguém neste quarto pode fazê-lo.

— Mas, pelos chifres do Consorte, o que é que o Kitto fez? — Kurag estava perto do espelho do seu lado, a olhar para ele, mas, cuidadosamente, sem tocar no vidro.

— Tal como a maioria dos Sidhe são capazes de falar através dos espelhos, alguns também conseguem viajar através deles. Apesar de nunca ter ouvido falar de ninguém que tivesse sido capaz de atravessar assim tantos quilómetros de distância entre espelhos. — Doyle estava a examinar o espelho e a duende entalada como se se tratasse meramente de uma questão académica e ele estivesse a tentar decifrar como é que funcionava.

— O Kitto consegue desfazê-lo?

— Frost — chamou Doyle —, pergunta ao Kitto se ele a liberta do espelho e a manda de volta.

Frost falou baixinho com o homem mais pequeno que tinha ao colo. Kitto abanou a cabeça com violência, comprimindo-se contra Frost.

— Ele tem medo que ela caia para dentro deste quarto, caso ele volte a abrir o espelho.

— Empurrem-na para este lado — disse Kurag.

Frost respondeu:

— Ele está a dizer que ela pode ficar presa no espelho até apodrecer.

— Ela nunca entrará em decomposição! — Kurag voltou-se novamente para Doyle. — Ela não é mortal, Negrume, ela não morrerá. — Bateu no vidro ao de leve. — Isto não a destruirá.

— Bem, ela não pode simplesmente ficar assim no espelho — disse eu. Não sabia ao certo o que faríamos, mas sabia que deixá-la ali não era uma opção.

— Pensando bem, Meredith, até pode — disse Doyle.

Abanei a cabeça.

— Não estou a dizer que é impossível, Doyle, estou a dizer que não é aceitável. Não a quero no espelho do meu quarto como um troféu vivo, pendurado numa parede.

— Compreendo. — Olhou para a duende presa. — Darei algumas sugestões, mas, muito sinceramente, não me parece que haja uma solução simples.

— Poderíamos partir o espelho? — indagou Kurag.

— Provavelmente, isso cortá-la-ia em pedaços.

— Não a matará — retorquiu Kurag.

— Não, não partam! — disse Siun.

Toda a gente a ignorou.

— Mas isso poderá fazer com que fiques com uma parte dela desse lado do espelho e que a outra parte fique deste — disse Doyle. — Os teus duendes são capazes de sarar de um ferimento tão grave quanto este?

Kurag franziu o sobrolho.

— Não morrem por causa disso.

— Mas assim que a cortarmos em duas, ela poderá unir-se novamente ou passará a viver dividida em duas?

Siun começou a empurrar-se e a puxar-se com força.

— Ninguém parte o espelho, porra!

Não podia censurá-la por isso, contudo, este era um daqueles problemas que, mesmo entre os seres feéricos, era tão invulgar que uma pessoa não chegava a ficar realmente horrorizada, não para já. Vê-la ali presa no espelho nem sequer parecia algo real.

— Bem, se não podemos partir o espelho, diabos me carreguem se sei o que fazer — disse Kurag.

Holly aproximou-se do vidro. Tocou no corpo de Siun no sítio em que entrava no vidro. Não a magoou, mas ela queixou-se como se tivesse doído. Holly falou com um tom de voz de admiração:

— O Kitto fez isto. Eu vi. Senti a magia a percorrer o meu corpo que nem um vento rastejante. — Passou as mãos à volta de Siun, onde ela entrava em contacto com o espelho.

— Para de me tocar! — ordenou ela.

Holly olhou para nós.

— Estou de acordo com o que o meu irmão deseja. Irei para junto da princesa, se houver a possibilidade de obter tamanho poder. — Contemplou o espelho e o corpo de Siun. Depois disso, os seus olhos carmesins encontraram-se com os meus. — Nós iremos para junto de vós, princesa. — Olhou para mim e o seu olhar fixo transpareceu algo semelhante a luxúria, mas não se tratava de um desejo carnal. Era um desejo por poder. É uma aspiração mais fria, mas pode resultar em coisas mais quentes, mais ardentes, perigosas.

— Encontrar-nos-emos todos no banquete, Holly — respondi. Dizer *mal posso esperar para nos vermos* teria sido uma mentira.

— Encontramo-nos lá — disse Ash.

— Vamos lá a deixar isto bem claro, Kurag — disse eu. — Um mês por cada duende que convertermos.

— Combinado — respondeu ele.

— E que outra coisa fique bem clara — disse Doyle. — Há outros ritua-

ais que permitem aos Sidhe atingirem os seus poderes. Nem todos são de cariz sexual.

— Estás a referir-te a duelos sangrentos? — perguntou Kurag.

— Isso e as grandes caçadas, as grandes expedições.

— Já não se faz a Grande Caçada, Negrume, e as expedições já terminaram. Já não possuímos magia para realizar nenhuma das duas.

— Talvez, Kurag, mas quero que nos seja possível recorrer a outras opções.

— Podem usar os meios que pretenderem para converter os meus duendes, desde que isso não lhes custe as vidas deles. Na verdade, o Holly não é o único que preferiria não ter de ir para a cama com um Sidhe. — Depois sorriu, uma fraca imitação do olhar provocador que costumava ter. — Nenhum de vocês tem partes do corpo a mais para que possam ser considerados atraentes.

— Oh, Kurag — disse eu —, seu graxista!

— Quero deixar uma coisa bem clara — disse Ash. — Ou eu e o meu irmão temos a oportunidade de fazer sexo com a princesa Meredith, ou não queremos nada.

— Irmão, nós não temos de fazer isto — disse Holly.

Ash abanou a cabeça, fazendo com que o seu cabelo louro deslizesse à volta dos seus ombros.

— É o que quero. — Olhou para o irmão e passou-se algo entre os dois, alguma mensagem que não consegui entender. — Eu irei para a cama com ela, Holly, e onde eu for, tu também vais.

— Não estou a gostar nada disso.

— Não tens de gostar, só tens de fazer — retorquiu Ash.

Holly acenou afirmativamente ao de leve.

Ash sorriu-nos.

— Ver-vos-emos no banquete, princesa.

— Combinado — disse eu.

— Então e eu? — Siun libertou uma espécie de mistura de grito e de lamento.

Encolhi os ombros.

— Não faço a mínima ideia de como podemos resolver isto.

— Nem eu — disse Kurag.

— Eu sei como podemos resolver. — Rhys levantou-se, erguendo-se sobre Siun. Ela tentou golpeá-lo com as suas pernas espinhosas. Ele saltou rapidamente para fora do alcance dela e riu-se. Era um riso estranho: simultaneamente agradável e desagradável.

— Como? — questionou Doyle.

— Exijo o derrame de sangue por parte da Siun aqui e agora.

— Matá-la não vai tirá-la do espelho — retorquiu Doyle.

Rhys acenou que sim com a cabeça.

— Vai, vai. — Ele manteve-se ao lado da duende, fora do alcance do seu único braço e das suas pernas frenéticas. — Uma vez assisti a algo semelhante com o intuito de prenderem um inimigo. Assim que ele morreu, o espelho fechou-se e cada parte do corpo caiu no lado respetivo do espelho, mas este permaneceu inteiro.

Siun lutou, batendo contra o vidro e fazendo enormes arranhões brancos na madeira envernizada da cómoda com as suas pernas espinhosas.

— Não — disse ela.

— Da última vez que nos encontrámos, era eu que estava encurralado e indefeso. Acho que não deves estar a gostar menos do que eu gostei na altura.

Ela atacou-o violentamente, batendo com tanta força contra a madeira com o espigão do lado de uma perna que teve de fazer um grande esforço para libertar a perna.

— Calminha, Siun — disse Rhys.

— Maldito sssejas, Rhysss.

— Se ela lançar alguma praga a algum de nós, lançaremos as nossas próprias maldições contra os duendes. Os Sidhe não têm a maior parte do seu poder à disposição, mas, mesmo assim, não vais querer que vos lancemos pragas, Kurag — avisou Doyle.

— Se ela voltar a lançar alguma praga, podes cortar-lhe essa cabeça ingrata — disse Kurag.

O grito de Siun assemelhou-se mais a raiva e frustração do que propriamente a medo. Penso que, neste preciso momento e local, ela não estava com medo da morte. Não podia censurá-la. Havia muito poucas coisas que podiam levar à morte de um ser feérico imortal. Era necessária uma grande quantidade de magia para se evocar o sangue mortal, ou uma arma especial. Nós tínhamos acabado de ficar sem essas duas possibilidades.

Rhys afastou-se ainda mais do alcance da agitação de Siun e virou-se para Kitto.

— Frost, dá a tua espada pequena ao Kitto.

Frost olhou para Doyle. Kitto nem se deu ao trabalho de olhar para cima.

— O que é que estás a tramar, Rhys? — perguntou Doyle.

Rhys contornou a cama na direção de Frost e Kitto. Ajoelhou-se de modo a ficar ao nível do homem mais pequeno. Acariciou o cabelo de Kitto até que este virou a cabeça e olhou para Rhys.

— Só estive com ela algumas horas, Kitto. Não consigo imaginar como deve ter sido pertencer-lhe durante meses.

A voz de Kitto saiu rouca, mas clara.

— Anos.

Rhys segurou no rosto do homem mais pequeno com ambas as mãos e encostou a testa à dele. Como ele falou baixinho, já não consegui entender todas as suas palavras; somente o seu tom de voz permaneceu evidente: persuasor, compreensivo, adulator.

— Não lhe peças para fazer isso, Rhys — disse Frost.

Ainda com o rosto de Kitto entre as suas mãos, Rhys ergueu o olhar para o homem maior.

— A única forma de te livrares de um medo teu é enfrentando-o, Frost. Nós enfrentá-lo-emos juntos, ele e eu.

Kitto assentiu, ainda com o rosto no interior das mãos de Rhys.

— Dá-lhe a tua espada pequena, Frost, ou vou buscar-lhe uma. — A cara de Rhys transpareceu algo que não possuía anteriormente: uma espécie de autoridade, de força. Seja lá o que fosse, Frost obedeceu-lhe. Sentou Kitto na beira da cama e levantou-se. Enfiou a mão no interior do seu *blazer* e tirou de lá uma espada que não era muito mais comprida do que uma faca grande. Nas mãos de Frost parecia ser demasiado pequena. Ele ofereceu-a a Kitto, apresentando-lhe o punho.

Kitto hesitou, depois estendeu uma mão indecisa na direção dela. Os guardas tinham andado a ensinar-lhe a usar armas. Ele sabia algumas coisas acerca do assunto, mas as táticas dos duendes assentavam sobretudo no uso da força física e do volume corporal. O que não era o mais correto para alguém do tamanho de Kitto. Ele estava a aprender a usar o seu corpo como devia ser usado, na prática, porém, ele continuava a hesitar, como se ainda não confiasse em si próprio.

Kitto envolveu o punho da espada com as suas pequenas mãos, uma à frente da outra, e, mesmo assim, o punho continuava a ser grande de mais para ele. Fitou a lâmina como se esta pudesse virar-se na direção das suas mãos e morder-lhe.

Rhys ajoelhou-se e desapareceu de vista, regressando depois de debaixo da cama com uma espada ainda dentro da respetiva bainha. Pelo sim pelo não, tínhamos armas escondidas por toda a casa. Contudo, acho que não havia nada com o tamanho certo para as mãos de Kitto debaixo da cama.

Rhys refez o caminho à volta da cama com uma mão sobre o ombro de Kitto, meio a guiá-lo, meio a empurrá-lo. Kitto começou a ficar para trás assim que começaram a contornar a cama. A espada pendia das suas mãos.

Siun começou a gritar:

— Kurag, meu rei, não podesss permitir que elesss faççam isto.

— O facto de me chamares rei agora não te ajudará, Siun.

— Ajuda-me, Kurag, ajuda-me! És capaz de ficar de braços cruzados enquanto os Sidhe assassinam a tua duende? — Esticou o seu único braço branco que tinha do lado dele o mais que pôde, em súplica.

Kurag suspirou.

— Há alguma coisa que eu possa oferecer-te, cavaleiro branco? Um resgate que lhe poupe a vida?

— Eu não morrerei, Kurag — disse Siun. — Eles podem cortar-me toda, mas eu não morrerei!

— Ela tem razão, príncipe pálido. Tu não podes matá-la de verdade.

Kitto parara, recusando-se a aproximar-se mais de Siun e ficando junto ao último canto da cama. Kitto não se aproximaria mais, a não ser que Rhys o pegasse ao colo e o levasse.

Rhys deixou-o ficar onde estava e avançou para o espelho, fora do alcance dos membros agitados de Siun. Fixou o olhar na duende presa e o seu rosto adquiriu um olhar distante, como se estivesse a lembrar-se de algo.

— Deixa a matança comigo, Kurag — disse ele.

— Diz alguma coisa que eu possa dar-te, príncipe pálido, e dar-to-ei como resgate dela. De certeza que há alguma coisa pela qual a trocarias. — Kurag colocara-se mesmo atrás de Siun. Afagou-lhe as costas pretas peludas com um gesto tranquilizador.

— Tudo o que quero é a vida dela, Kurag — retorquiu Rhys.

O rosto de Kurag foi percorrido por uma expressão tanto de prazer como de preocupação, como se ele não tivesse a certeza se o que iria propor seria demasiado. Falou com cuidado quando começou a dizer:

— A vida de um dos duendes machos que se satisfizeram com a tua companhia. Essa vida teria o mesmo valor que a da Siun? — Manteve uma expressão facial e a voz o mais neutras possível, mas os seus olhos amarelos-alaranjados continham uma avidez que demonstrava como ele gostava de ver o desconforto de Rhys. Duvido que Kurag tivesse assistido ao momento em que Rhys fora abusado pelos homens por causa do espetáculo sexual. Fora mais pelo poder, para ver como os poderosos eram atirados para o mais baixo nível, ah pois, Kurag adorara ver isso.

O rosto de Rhys escureceu com uma fúria crescente, mas ele afastou-a. Virou uma cara pensativa para Kurag.

— Há algum homem em particular que oferecesses em troca da Siun?

Agora era a vez de Kurag parecer pensativo.

— Recordas-te de algum nome? — O seu sorriso estava muito próximo do seu ar provocador do costume.

— A maior parte deles fez questão que eu soubesse quem é que me usaria. Lembrei-me do nome da Siun.

Kurag assentiu e o seu rosto voltou ao normal, como se tivesse dito

alguma coisa que gostaria de não ter proferido. Kurag só podia detestar, ou ver como ameaça, um dos homens que tinham estado com Rhys. Era a única coisa que tinha lógica. Para um rei Duende admitir que alguém era uma ameaça é porque essa pessoa realmente representava algo sério, ou até mesmo perigoso. Os duendes não se assassinavam uns aos outros. Era considerado covardia. Um rei que recorresse a alguém que matasse quem ele pretendia poderia ser condenado à morte. No entanto, se Rhys o fizesse agora como forma de resgate, Kurag não poderia ser culpado por nada. Mesmo assim, as pessoas levariam a mal o facto de Kurag ter sugerido um nome. Portanto, ele parou antes de dizer nomes. Ele não nomearia ninguém.

— Então diz o nome de alguém, cavaleiro branco, diz o nome de alguém.

Rhys abanou a cabeça.

— Se me tivesses perguntado qual era o duende que eu mais desejava matar, ter-te-ia respondido a Siun. — Gesticulou na direção da duende encurralada enquanto dizia o resto. — A morte de outra pessoa não me satisfará.

— E se o rei Duende pudesse oferecer outra coisa que não uma morte? — perguntou Doyle.

Kurag olhou para Doyle, mas Rhys só tinha olhos para Siun.

— O que é que tu pedirias, Negrume?

Doyle permitiu-se a si próprio dar um ligeiro sorriso.

— O que me ofereceria?

Rhys abanou a cabeça e eu soube o que ele ia dizer antes ainda de ele o proferir.

— Não, Doyle, não, eu quero esta morte. Não a trocarei por nada. — Olhou para trás, para o homem alto e escuro, o seu olhar encontrando-se com o olhar descontente de Doyle. — Desculpa, mas não a trocarei por políticas. Não trocarei esta morte por politiquices.

— E se conseguíssemos com isso ganhar alguma vantagem para a Meredith?

Ele franziu o sobrolho e, por fim, abanou a cabeça.

— Não! — Olhou para mim, onde ficara quase esquecida, ao lado da cama. — Desculpa, Merry, mas eu terei esta morte. — Voltou-se novamente para Doyle. — Confia em mim, Doyle. Beneficiaremos mais com a Siun morta do que viva.

Doyle fez um gesto de rechaçar.

— Como queiras.

Rhys estendeu a mão a Kitto, que continuava estático ao lado da cama.

— Anda, Kitto, vamos fazer isto!

Kitto não parava de abanar a cabeça.

— Não consigo — acabou por dizer.

— Consegues pois — disse Rhys. Abanou a mão para ele. — Anda!

Doyle estendeu-me a mão.

— Venha, Meredith. Vamos tirá-la da linha de... mira. — Hesitou antes de dizer a última palavra como se tivesse tido vontade de dizer outra coisa qualquer. Fui ter com ele, passando com cuidado entre Kitto e Rhys e a lâmina exposta na mão de Kitto.

Rhys desembainhou a espada que tinha na mão e atirou a bainha vazia na direção de Doyle, que a apanhou com a mão que tinha livre sem sequer olhar. A sua outra mão permaneceu agarrada à minha e estava ligeiramente transpirada. Doyle estava nervoso. Porquê?

Havia alguma coisa que me estava a escapar. Não fazia ideia do que seria, mas se estava a deixar Doyle nervoso, provavelmente, era muito mau eu não me dar conta disso. Eu era princesa aqui, o que significava que deveria ser eu a mandar, mas, tal como parecia acontecer com tanta frequência, eu estava como peixe fora de água. Jamais desconfiaria que Doyle estava nervoso, se não tivesse tocado na mão dele. O que queria dizer que os duendes também não sabiam e tínhamos de os manter na ignorância.

Rhys ergueu a longa espada prateada acima da sua cabeça para conseguir dar um golpe com mais força. Siun suplicou:

— Meu rei, meu rei, ajuda-me!

— Eu ofereci-te o sexo e a carne dele, Siun. Não te disse para o mutilares. — Kurag afagou-lhe as costas pretas peludas uma última vez e afastou-se. — Se fores capaz de matar Sidhe, fá-lo, mas não os deixes em mau estado e vivos, porque eles nunca esquecem e nunca perdoam. — Olhou para Rhys. — Ela é tua. — Não sou nada satisfeito, mas também não estava destruído. Acho que ele não queria saber de Siun de maneira nenhuma. Ele tentara salvá-la somente porque ela fazia parte do seu povo, nada mais.

Siun tentou rogar a Rhys para que a poupasse, mas, para conseguir levantar o seu único braço na direção dele, ela teve de esticar todo o seu corpo para cima. Os seus seios pálidos ficaram expostos e o rosto de Rhys foi dominado por uma expressão que eu nunca, jamais desejaria ver apontada para mim.

— Lembras-te do que me obrigaste a fazer com esses? — perguntou ele, com uma voz que pareceu consumir-se por todo o quarto.

— Não — respondeu ela e estendeu aquele braço, abriu a boca e suplicou.

— Eu lembro — disse Rhys e a lâmina resplandeceu na descida. A espada cortou-lhe a parte de trás do corpo com um som semelhante ao

de plástico a partir. Bastou esse som para me aperceber de que a estrutura esquelética de Siun, fosse ela qual fosse, não era Sidhe. O sangue, porém, não deixava de ser vermelho. Rhys cortou-a violentamente como se estivesse a lutar contra uma árvore impossibilitada de se defender. Uma das suas pernas pretas, com os seus espiões parecidos com punhais, atravessou o roupão e a pele dele. O segundo golpe atingiu-o de lado e fê-lo hesitar, agarrando-se ao ferimento.

Subitamente, Kitto estava ao lado dele, acertando numa perna com a sua lâmina prateada limpa antes que aquela conseguisse cortar Rhys. Ele cortou a perna com um só golpe e esta saltou disparada, a rodopiar, indo cair na alcatifa aos nossos pés. Doyle afastou-me ainda mais deles e eu não reclamei.

Frost começou a atravessar o quarto para se juntar à luta, penso eu. Doyle parou-o com a bainha da espada de Rhys, segurando-a à frente dele como uma barreira. Abanou a cabeça duas vezes e Frost ficou de pé ao nosso lado, segurando no pulso com a outra mão, como se tivesse de agarrar alguma coisa já que não podia lutar.

Kitto estava a gritar: um lamento bem alto e enlouquecido. Não era um grito de guerra dado por todos, era o grito dado pelos condenados, pelos perdidos, pelos feridos, que se tinham erguido para punir os seus amos. O som fez com que os cabelos da minha nuca se eriçassem e comprimi-me contra o corpo de Doyle. Ele abraçou-me com força, sem falar, de olhos postos na luta.

Rhys afastou-se do corpo. Encostou-se à parede, dando descanso aos seus ferimentos, deixando o sangue escorrer da espada. A parte da frente do seu roupão estava encharcada de sangue de Siun e do seu. Um salpico carmesim manchara-lhe a face e o cabelo branco. Não parecia estar cansado; simplesmente parara de lutar. Estaria ferido?

Kitto lutou sozinho contra a duende, cortando e reduzindo-a um bocadinho de cada vez. Ela tentara proteger a cabeça, rodando-a para debaixo do seu corpo de um modo que nenhum humano seria capaz de fazer. No entanto, Kitto rachou-a em duas, transformando-a numa fonte de sangue e coisas pegajosas. E, mesmo assim, ela continuava viva.

Kitto estava coberto de sangue quase dos pés à cabeça. Tinha os olhos tão azuis que era como contemplar um fogo azul a jorrar de uma máscara de sangue.

Olhei para Rhys, que estava simplesmente encostado à parede. Só podia estar ferido. Ia ter com ele, mas Doyle impediu-me, abanou a cabeça.

— Então temos de ajudar o Kitto — disse eu.

Doyle só abanou a cabeça, com uma expressão facial severa.

Agarrei-lhe no braço.

— Não porquê? — Voltei a virar-me para observar Kitto a lutar contra as pernas semelhantes a punhais, que cortavam e lutavam mesmo enquanto ele as separava do corpo. A duende ainda podia feri-lo gravemente.

Pela primeira vez desejei que Doyle tivesse uma camisola vestida para que eu pudesse abaná-lo agarrando nela.

— Ele vai ficar ferido.

Doyle abraçou-me contra o seu corpo e desta vez não foi tão excitante como fora anteriormente com Rhys, foi irritante.

— Larga-me!

Ele inclinou-se para perto de mim e sussurrou contra o meu rosto:

— Esta é a matança do Kitto, Merry, deixe-o tê-la.

Permaneci colada ao seu corpo e não entendi. Não era a matança do Kitto, era do Rhys. Depois olhei para Rhys, ali encostado sem fazer nada. Estava a observar Kitto. Foi então que me lembrei de algo que me esquecera. Quando recebera a minha primeira Mão da Carne, Doyle obrigara-me a conceder uma morte verdadeira à bruxa que, acidentalmente, transformara num monte de carne viva. A Mão da Carne é isso mesmo, pode pegar numa parte de um corpo e virá-la do avesso: uma perna, um braço, um corpo inteiro. Ele deu-me a possibilidade de a matar ou de a deixar para sempre como uma bola composta por um corpo virado do avesso. Ela jamais morreria, apenas subsistiria. Mesmo tendo usado uma espada capaz de matar um imortal, ficara encharcada de sangue até à roupa interior. Ficara totalmente coberta de sangue. Depois de terminar, Doyle informara-me de que era necessário ficar ensopada em sangue num duelo depois de a primeira Mão da Carne se ter manifestado para poder aceder a ela novamente, era uma espécie de sacrifício de sangue. Detestei-o por me ter obrigado a fazer aquilo. Detestei-o a ele e agora detestava Rhys por fazer o mesmo a Kitto.

Kitto deu o seu grito de guerra até ficar sem voz. Cortou e rasgou o corpo até já não conseguir levantar os braços acima da sua cintura e caiu de joelhos na alcatifa encharcada em sangue. Respirou com tanta dificuldade e de uma forma tão audível que quase abafou o grito extremamente zumbido de Siun.

Rhys olhou para Doyle, que acenou afirmativamente com a cabeça. Rhys afastou-se da parede, empurrando-se, e deu passadas largas à volta do que restava da duende. Ajoelhou-se no sangue e abraçou Kitto com força. Perguntei-me se ele estaria a proferir as mesmas palavras rituais que Doyle me dissera naquela noite.

Rhys levantou-se e saudou Kitto com a sua própria espada ensanguentada, depois virou-se para os restos da duende.

— Deixaste-a numa bela confusão — disse Kurag —, mas ela não morrerá por tua causa.

Rhys segurou na espada livremente com uma mão e esticou a outra na direção do que restara da parte principal do corpo. Tocou nas costas peludas dela com o dedo e disse uma palavra com um tom de voz claro e sonoro semelhante ao som agradável de um sino.

— *Morre!* — disse ele, e o corpo parou de se mexer. Os pedaços que tinham estado a contorcer-se pelo chão ficaram imóveis. Foi como se Rhys tivesse carregado num botão. Disse *morre* e ela morreu.

Doyle emitiu um ruído semelhante a um sibilo silencioso e eu esqueci-me de respirar por um segundo ou dois. Nenhum Sidhe conseguia matar com um simples toque ou uma simples ordem. A nossa magia não funcionava dessa forma.

— Consorte nos abençoe! — sussurrou Frost.

Os duendes mais novos praguejaram silenciosamente, mas quando se ouviu a voz de Kurag, esta estava profundamente impregnada de cansaço.

— A última vez que te vi a fazeres isso foi antes da última grande guerra, príncipe branco — disse ele.

Rhys ficou ali, em pé, com o seu roupão de veludo frisado ensanguentado, salpicado com restos mortais e disse:

— Porque é que achas que os duendes quase ganharam essa guerra? — O seu rosto e o seu corpo apresentavam uma expressão que eu nunca vira. Era como se ocupasse mais espaço do que a sua forma física; como se fosse mais alto do que o quarto podia conter e, por instantes, a sua presença encheu todo o quarto. Era como se todo o ar se tivesse tornado na magia de Rhys.

Aquele momento passou e consegui voltar a respirar. O ar soube a algo doce e fresco, e muito mais agradável do que há uns instantes. Apoiei-me no corpo de Doyle, como se tivesse perdido a força nas pernas. Há um segundo ficara furiosa com ele por obrigar Kitto a lutar sozinho e agora estava pressionada contra ele. Naquela altura, acho que me teria colado a qualquer um. Precisava de sentir o toque de outro corpo, de outras mãos.

O corpo desabou em pedaços de cada lado do espelho assim que a duende morreu. O espelho estava intacto outra vez. Os duendes concordaram com tudo o que queríamos. Rhys limpou a imagem do espelho e virou-se. O seu roupão estava mais vermelho do que branco. O sangue manchara-lhe a pele e o cabelo como tinta vermelha borrifada por cima dele. O vermelho parecia brilhar nos sítios em que tocava na sua pele e no seu cabelo. Aquele sangue reluzente começou a desaparecer, como se a sua própria pele estivesse a absorvê-lo, até ele ficar ali de pé, direito e limpo e intacto, à exceção do roupão ensanguentado. O seu olho azul era agora um rodópio de cores, como se se estivesse a olhar para o centro de uma tempestade num céu colorido.

Doyle usou a bainha da espada que tinha na mão para o saudar e Frost desembainhou a sua longa espada. Ambos tocaram nas suas testas, mas foi Doyle que disse:

— Salve, Cromm Cruach, que chacinou Tigrernmas, Deus da Morte, pelo seu orgulho e pelos seus crimes contra o povo.

Rhys levantou a sua espada ensanguentada, retribuindo a saudação.

— É bom estar de volta. — O seu rosto sério sujo de sangue transformou-se no seu sorriso do costume. — O sangue faz a erva crescer. Ah! Ah! Ah!

— Sempre pensei que fosse o sexo que fazia a erva crescer — disse Galen à entrada e todos nos virámos para olhar para ele, exceto Kitto, que parecia estar perdido no meio do rescaldo coberto de sangue em que os seus poderes tinham passado a estar disponíveis.

Galen entrou no quarto apenas o suficiente para poder encostar-se à parede. Ele ficava alto e elegante com o seu cabelo verde-claro curto e encaracolado, cuja trança minúscula se passeava sobre os seus ombros qual resposta tardia a algo, e os seus ombros largos, cintura e ancas estreitas vestidos com aquele fato de um tom creme. A camisa branca de colarinho aberto realçava a tonalidade ligeiramente verde da sua pele, fazendo com que ele se parecesse ainda mais com o Deus da Fertilidade que provavelmente teria sido, se tivesse nascido alguns séculos mais cedo. As suas longas pernas envoltas nas calças de fato folgadas terminavam nuns mocassins castanhos que trazia sem meias. Encostou-se à parede, de braços cruzados, com um sorriso extraordinário no rosto, que lhe iluminava os olhos verde-erva que nem joias, não devido à sua magia, mas ao seu carácter indulgente — puro. Aparentava estar calmo e alegre, qual líquido de um tom verde pálido que tínhamos a certeza que extinguiria todo o tipo de sede que sentíssemos.

Fui ter com ele, em parte para lhe dar um beijo de boas-vindas e, em parte, porque raramente conseguia estar no mesmo compartimento que Galen sem lhe tocar. Tocar-lhe era como respirar; fazia-o há tanto tempo que já nem sabia como parar, como deixar de o fazer e continuar a viver. O facto de termos sido amantes durante um mês e de eu ter recentemente acabado de sangrar as nossas esperanças de ter um filho tanto fora doloroso como um alívio. Eu amava Galen, amara-o desde os meus doze ou treze anos. Infelizmente, agora que já era adulta, finalmente me apercebera do que o meu pai tentara dizer-me durante anos. Galen era forte, corajoso, alegre, meu amigo e amava-me, contudo, também era o Sidhe com menos cabeça para a política que eu alguma vez conhecera. Galen seria um desastre como rei. O meu pai fora assassinado quando eu era pequena. Achei que não seria capaz de sobreviver à perda de mais alguém, principalmente

se assassinassem Galen. Portanto, parte de mim desejava tê-lo para sempre na minha cama, como meu amante, meu marido, mas não meu rei. No entanto, o meu rei seria quem quer que fosse que conseguisse engravidar-me. Sem bebê não haveria casamento nenhum; era assim que funcionavam as coisas para a realeza Sidhe.

Abracei Galen, fazendo deslizar os meus braços por baixo do seu casaco, onde podia sentir o calor do seu corpo a latejar contra os meus braços, mesmo por cima da camisa. Aconcheguei a cara contra o seu peito enquanto os seus braços me abraçavam com força. Escondi o meu rosto do olhar dele, porque era cada vez mais difícil não deixar que a inquietação que sentia se visse através dos meus olhos. Politicamente, Galen era um inútil, mas ele entendia os meus estados de espírito melhor que ninguém e eu não queria ter de lhe explicar estes factos em particular da minha vida, pelo menos não para já.

A sua voz troou através do seu peito e contra o meu ouvido.

— A Maeve já voltou da reunião que teve com os diretores do estúdio. Está a ter um ataque de choro no quarto dela.

Doyle disse:

— Suponho que a reunião não correu bem.

— O estúdio não está nada satisfeito com o facto de ela estar grávida. Publicamente, aparentam estar maravilhados, mas em privado estão fulos. Como é que ela vai gravar o próximo filme, em que vai desempenhar um papel extremamente sensual que incluirá cenas de nudismo, se nessa altura vai estar grávida de três ou quatro meses?

Afastei-me dele o suficiente para poder olhar para o seu rosto.

— Estás a falar a sério? Depois dos rios de dinheiro que ela deu a ganhar a esta gente na última década, não são capazes de deixar passar um filme?

Ainda a abraçar-me, Galen encolheu os ombros.

— Eu limito-me a relatar as notícias, não as explico. — Franziu o sobrolho e a felicidade abandonou os seus olhos. — Acho que se o marido dela não estivesse morto... Quer dizer, parece que eles deram a entender que ela podia engravidar noutra altura.

Arregalei os olhos na direção dele.

— Um aborto?

— Eles não o disseram em voz alta, mas a sugestão ficou a pairar no ar. — Ele estremeceu e abraçou-me com tanta força que deixei de conseguir ver-lhe o rosto. — Assim que a Maeve os lembrou de que o marido tinha morrido ainda nem há um mês e que esta seria a última oportunidade que ela teria de ter um filho dele, eles pediram desculpa. Disseram que nunca tiveram a intenção de insinuar tal coisa. Simplesmente, deixaram-se ficar

sentados a mentir. — Beijou-me no topo da cabeça. — Como é que foram capazes de lhe fazer uma coisa daquelas? Pensava que ela era a grande estrela deles.

Abracei-o ainda com mais força, pressionando-me contra o seu corpo como se pudesse eliminar aquela mágoa que ele tinha na voz.

— A Maeve desistiu de dois filmes enquanto o marido estava a morrer de cancro. Suponho que eles deviam estar ansiosos para que a galinha dos ovos de ouro deles regressasse ao trabalho.

Galen apoiou o queixo sobre o meu cabelo.

— Não consigo imaginar-me a fazer o que eles fizeram hoje à Maeve a ninguém e por motivo algum. Fartaram-se de mandar indiretas e de trocar olhares, e nunca disseram diretamente o que realmente queriam dizer, e depois mentiram descaradamente. — Voltou a estremecer. — Não entendo.

E esse era o problema. Galen não conseguia mesmo compreender como é que alguém era capaz de ser tão maldoso. Para se sobreviver em determinadas áreas do poder, é essencial ter-se a noção de que toda a gente mente, toda a gente faz intrujices e ninguém é nosso amigo. O mais absurdo é que nem toda a gente mente, ou trapaceia, e algumas pessoas são nossas amigas. O problema está no facto de um rosto sorridente e um aperto de mão simpático se confundirem bastante e, quando se está rodeado por perfeitos mentirosos, como é que se consegue distinguir a verdade da mentira, o amigo do inimigo? O melhor é tratar toda a gente de um modo profissional, agradável, sorrir, acenar com a cabeça, ser simpático, mas nunca nos tornarmos amigos de ninguém. Porque não há maneira de se saber quem está realmente do nosso lado. Galen era incapaz de entender esse conceito. Eu precisava de alguém que entendesse.

Virei a cara o suficiente para ver Doyle de pé do outro lado do quarto. Ele era calmo e escuro, contudo não me fazia lembrar de uma bebida que me saciaria, mas de uma arma que protegeria tudo aquilo que eu amava.

Fiquei ali, embrulhada nos braços de Galen, mas com os olhos em Doyle e Frost a observar-nos a todos. Frost, por quem eu começara a sentir amor pela primeira vez. Frost, que, finalmente, descobrira que tinha de sentir ciúmes de Galen, quando sempre os sentira relativamente a Doyle. Não é suposto que os seres feéricos sintam ciúmes da mesma forma que os seres humanos, no entanto, ao olhar para os olhos cinzentos de Frost, eu começava a achar que talvez os seres feéricos se tivessem tornado mais humanos do que pensavam.

CAPÍTULO 6

A deusa dourada de Hollywood estava enrolada em si mesma como uma bola sobre o edredão de cetim que cobria a sua cama *king-size*. Era a mesma cama que partilhara com o falecido Gordon Reed durante mais de vinte anos. Eu sugerira-lhe que se mudasse para outro quarto até conseguir ultrapassar parte da sua dor. Ela lançou-me um olhar de tal modo fulminante que nunca mais voltei a sugeri-lo.

O seu *blazer*, da cor das vergáureas, fora abandonado no chão. As botas, feitas de um cabedal tão macio que parecia ainda respirar, estavam espalhadas pelo quarto, como se ela as tivesse atirado ao despir-se. Ainda estava vestida com as calças que condiziam com o *blazer* e com o colete da cor do cobre, que fora a única espécie de camisa que vestira. A fita do cabelo, que condissera na perfeição com o colete, fora a última coisa a tombar ao lado da cama. O seu cabelo caía-lhe livremente e despenteado ao longo da beira da cama. Este continuava a ter um ligeiro tom amanteigado, o que significava que, apesar de estar transtornada, continuava a desperdiçar magia na aplicação do seu *glamour*. O *glamour* que lhe permitira passar por humana durante centenas de anos, desde que fora expulsa do mundo das Fadas. Ela fora a deusa dourada de Hollywood, Maeve Reed, durante cinquenta desses longos anos. Séculos incontáveis antes disso, fora a Deusa Conchenn.

Por trás da porta fechada do quarto estava a sua assistente pessoal, em lágrimas e a torcer as mãos, sem saber o que fazer. Maeve expulsara-a do quarto. Nicca ficara de pé ao lado da porta com o seu longo cabelo castanho e a sua pele de um tom castanho pálido. Até os seus olhos eram castanhos. De todos os guardas, ele era o que se assemelhava mais com um humano. Isto quando não se conseguia ver as marcas com forma de asas que ele tinha nas costas, qual tatuagem mais elegante do mundo. Nicca teria tido asas de verdade se dependesse apenas da genética. Ele pediu desculpa por estar daquele lado da porta, mas Maeve agarrara-se a ele de um modo um

tanto ou quanto forçado. Ela não se atirara propriamente a ele, mas, muito provavelmente, teria cedido a alguém que tentasse engatá-la a ela. Nicca considerava que o melhor lado da bravura era ser-se discreto.

Maeve fora uma Deusa do Amor e da Primavera. Ela continuava a ser bem capaz de pôr o charme em ação. Charme, no verdadeiro sentido da palavra, era um tipo de magia. Pela primeira vez em décadas, ela estava sozinha na sua cama enorme. Apesar de ser um ser de calor, uma nova vida após o longo inverno, sentia-se sozinha. Podemos lutar contra a nossa própria natureza, contudo, estando sujeitos a stress, tudo se torna mais difícil. Maeve estava sujeita a um grande stress.

O som do seu choro baixinho preenchia o quarto. Caminhei descalça na sua direção. Amarrara o meu indiscreto roupão vermelho mas não perdera tempo a trocar de roupa. Doyle e Rhys tinham ficado nos anexos para se vestirem e ajudarem Kitto a limpar-se. O que fez com que sobrasse eu e Frost, que ficara à porta numa pose rígida, mas que apenas se aproximaria da cama se eu o obrigasse. Ele não queria saber das provocações de Maeve. Frost tivera um celibato de mais ou menos oitocentos anos. Aprendera a lidar com esse castigo não namoriscando nem entrando em joguinhos com ninguém. Fora homónimo de si próprio ao ser frio, gelado, gélido como a geadá do seu nome.

Galen também estava de pé junto à porta, contudo estava calmo, sorridente. Se Maeve tinha feito propostas educadas a Galen, ele não o mencionara. Ou ela se atirara a Nicca somente quando tinham estado os dois sozinhos no quarto dela, ou Galen simplesmente não dava importância nenhuma àquilo. Eu concordava com ele. Pensando bem, o pânico de Nicca até fora algo estranho.

Antes ainda de conseguir refletir acerca do motivo pelo qual Nicca estava incomodado, ou do que ela poderia ter feito, já eu estava ao lado da cama. Disse o nome dela com delicadeza.

— Maeve. — Repeti-o mais duas vezes e não obtive qualquer reação. Toquei-lhe no ombro e ela começou a chorar ainda mais, passando de um choro sereno para algo que, com a sua força, fez com que os seus ombros se agitassem, que o seu corpo tremesse.

Debrucei-me sobre ela, abraçando-a, repousando a minha bochecha contra o seu cabelo sedoso.

— Está tudo bem, Maeve, está tudo bem.

Ela revirou-se contra o meu corpo, virando-se de tal modo que fui obrigada a afastar-me para lhe ver o rosto. Ela não aplicara todo o seu *glamour*, porque os seus olhos não se apresentavam de um tom azul humano como o que se via nos filmes, mas estavam tricolores e reluzentes como eram na realidade.

As orlas maiores eram de um profundo azul e à volta das suas pupilas havia dois círculos estreitos: um da cor do cobre derretido e o outro de ouro líquido. No entanto, o que tornava os seus olhos tão únicos era o ouro e o cobre que percorriam o azul das suas íris que nem laivos de relâmpagos metálicos. Os seus olhos eram abençoados com relâmpagos, como se a própria Deusa tivesse decretado que ela tivesse os olhos mais bonitos do mundo.

Permaneci ao lado da cama, a contemplar aqueles olhos, momentaneamente perdida no encanto deles. O rosto coberto de lágrimas de Maeve pareceu quase desesperado. Teria ela perdido o controlo sobre o seu próprio *glamour*? Será que ela não tivera a intenção de mostrar os seus olhos?

Agarrou-me no pulso e senti o latejar nas pontas de cada um dos seus dedos que nem minúsculos coraçõezinhos a palpitar contra a minha pele. Subitamente percebi porque é que Nicca tinha entrado em pânico. Maeve ajoelhou-se, com a mão ainda a envolver-me o pulso. A altura que ela atingia de joelhos era suficiente para que os nossos rostos ficassem frente a frente. Permaneci ali, imóvel, estática, não devido a alguma indecisão minha, mas ao poder. Ao poder de Maeve.

Foi como se uma brisa quente de primavera se espalhasse pela minha pele. Atirei a cabeça para trás e permiti que essa brisa soprasse o meu cabelo para longe da minha cara. Abri os olhos e fitei Maeve e vi o resto do seu *glamour* a desvanecer, como se o brilho dourado da sua pele se erguesse através do seu corpo. O seu cabelo, repentinamente louro-esbranquiçado, bailou com o fervor do poder dela. Aqueles traços resplandecentes nos seus olhos cintilaram que nem uma tempestade primaveril pronta a mandar embora a indolência do inverno. Foi como se a minha própria pele se tivesse levantado qual casaco velho que se tornara demasiado apertado. Senti-me que nem um animal que trocara a sua forma por outra mais leve, por outra que deveria ter a capacidade de voar.

A minha pele brilhou como se eu tivesse engolido a Lua. Os fios desgarrados do meu cabelo que bailavam à volta da minha cara brilhavam quais granadas e rubis transformados em algo cintilante e vivo. Senti os meus olhos começarem a reluzir, tendo a noção de que brilhavam como se uma mão qualquer tivesse cortado uma esmeralda, um pedaço de jade e o ouro que os mantinha juntos, e os fizesse arder com o seu próprio fogo.

O seu poder destituiu-me de todo o meu *glamour*, até mesmo dos bocadoinhos que eu costumava ter constantemente. A cicatriz escura, em forma de mão, que eu tinha por baixo do meu seio, sobre as minhas costelas, ganhou vida, qual imperfeição comparada com toda aquela luz cintilante. Aquela cicatriz assinalava o sítio onde outra Sidhe Unseelie tentara usar a sua magia para me esmagar o coração. Ela partira-me as costelas, rasga-

ra-me músculos, mas não atingira o músculo que pretendia. Eu sabia que, se a marca preta da mão sobre as minhas costelas estava visível, as marcas nas minhas costas também estariam. Eram cicatrizes, mas não eram o mesmo tipo de cicatrizes que um humano reconheceria, nem mesmo a maior parte dos seres feéricos. Fora outro duelo que corra mal, em que um membro Unseelie tentara forçar o meu corpo a mudar de forma a meio de uma luta. Não me teria matado. Ele passara aquele tempo todo a gozar comigo, a exibir a sua magia superior e a ausência da minha. Eu trespassara o coração dele com uma lâmina e ele morreria. Morreria porque os rituais relacionados com duelos se baseavam em rituais de sangue: no dele e no meu. O sangue mortal deixa os imortais fracos. É um bocadinho de magia antiga e foi o que bastou para me salvar.

Mesmo por entre a magia, ocultei as minhas cicatrizes. As imperfeições não são populares entre os Sidhe. Ser assim completamente destituída daquela derradeira ocultação fez com que eu tentasse afastar-me dela, trouxesse de volta algo que fizesse parte de mim. Fechara os olhos, porque não queria ver o seu olhar de repulsa. Consegui dizer: — Maeve! — Mas quando abri os olhos, dei com o rosto dela quase encostado ao meu. Por um momento, olhei-a fixamente nos olhos de tão perto que estes pareceram encher o mundo por instantes, um mundo cintilante, estilhaçado, repleto de tempestades, vento e cor. Ela lambeu os lábios, e aquele pequeno movimento atraiu o meu olhar. Nunca reparara no quão cheios, húmidos e cor de rosa eram os seus lábios. A sua boca reluziu que nem um fruto cor de rosa suculento e eu percebi que esta continha uma essência quente que escorreria pela minha boca, pela minha garganta. Quase conseguia sentir-lhe o sabor, quase a sentia.

Senti o sabor da sua respiração contra a minha boca: tão doce, qual erva que despontara recentemente da terra. Os nossos lábios tocaram-se e, subitamente, o mundo foi preenchido pelo perfume de flores. Submergi em flores de macieira como se tivesse caído em algum pomar encantado, onde era sempre primavera, em que tudo era sempre novidade, sempre possível.

Vi Maeve sentada debaixo de uma árvore florida. Por trás dela havia uma colina e ela tinha um vestido do tom verde-dourado das folhas acabadas de nascer, por entre o qual se podia vislumbrar linho branco no peito e no pulso. Sob o sol, o linho parecia brilhar que nem penas brancas. O seu cabelo caía-lhe até aos joelhos que nem uma queda de água espumante. A sua pele fora esculpida a partir do próprio Sol: dourada e com um brilho tão intenso que eu não podia olhar diretamente para ela, no entanto, e apesar de já sentir os olhos a arder, não conseguia desviar o olhar.

Começou a nevar. O calor começou a desaparecer e as flores caíram da árvore numa precipitação branca e cor de rosa. A neve salpicou a erva. Frio, estava tanto frio. Eu estava deitada de costas com o olhar fixo no rosto de Frost. Ele parecia estar preocupado e no interior dos seus olhos vi aquela neve a cair. Contemplei fixamente essa neve e, uma vez mais, tive a sensação de existir um outro sítio para lá dela, de poder ver esse sítio se o fitasse tempo suficiente. Contudo, desta vez não tive medo. Percebi que ele me chamara de volta, que, de certo modo, me salvara. Senti as suas mãos fortes nos meus braços, a pressão do seu corpo contra o meu, e não tive medo.

Vi Frost de pé na base de uma colina coberta de neve, só que essa colina era o manto dele, um manto de neve, que se movia com ele. O seu cabelo reluziu que nem gelo sob o sol e a sua pele detinha o brilho que a neve tem quando o sol se passeia sobre ela. Um brilho tão capaz de cegar quanto o ato de olhar diretamente para o próprio Sol.

O manto abriu-se como se Frost tivesse estendido os braços e sob toda aquela brancura viu-se uma escuridão tranquilizadora. Era uma noite calma de inverno característica de quando o mundo está em suspenso, a suste a respiração. Fiquei ali, de pé, no meio daquela escuridão tranquilizadora e, apesar de saber que estava enterrada na neve até aos tornozelos, não tive frio. Lá no alto flutuava a Lua cheia e a neve caía toda branquinha e a reluzir, tão delicadamente como se estivesse sob a luz do dia. Das sombras azuladas daquele silêncio invernal pareceu surgir um vulto. Era mais baixo do que eu, mas não muito mais. Tinha pernas e braços compridos e magros, mais compridos do que deveriam ser caso fosse um humano. Contudo, era óbvio que não era humano, nunca o fora.

Estava vestido com trapos, esses trapos, porém, cintilavam sob a luz da Lua, envergonhando os diamantes mais brilhantes. A sua pele tinha o tom azulado das sombras projetadas pelo luar sobre a neve. Tinha as feições de uma criança encantadora. O seu cabelo, da cor da geada prateada, caía em ondas por trás dele. Estendeu uma mão na minha direção com dedos tão longos que continham articulações extra. Tocou na minha bochecha com aqueles dedos esguios e o seu toque era mais quente do que o esperado. Fixei o olhar naqueles olhos cinzentos e sorri.

De seguida, ele virou-se de costas para mim e afastou-se a dançar, descalço, pela neve. A neve permaneceu pura e intacta por onde ele passou, como se não pesasse absolutamente nada. Agora entendia porque é que estávamos aqui nesta noite silenciosa. Ele era geada, geada verdadeira. A geada que cobre o mundo, mas só quando este está sossegado. Um trabalho tão delicado não sobrevive a um vento forte.

Contemplei-o a ir embora a dançar ao longo da neve cintilante até se derreter numa camada de sombra azul da Lua e desaparecer.

Recobrei os sentidos novamente. Frost ainda me tinha nos seus braços, mas desta vez não havia neve nos seus olhos; estes estavam simplesmente cinzentos, cinzentos como o céu de inverno. Ele falou de um modo tenso, sussurrado, como se tivesse medo de falar.

— Ficaste tão fria. Tive medo... — Desistiu de dizer o que quer que ia dizer e, abruptamente, afastou-se de mim e foi-se embora. Atravessou o quarto, passou a porta e deixou-a a abanar por trás de si.

Galen gatinhou pela cama para se ir sentar ao meu lado. Mas não me tocou, o que pareceu estranho.

— Estás bem? — Não sorri ao perguntar.

Tive de pensar sobre a pergunta, que normalmente significava que não, que eu não estava bem. Tinha acontecido alguma coisa, mas, pela minha vida, eu não sabia o quê. Tive de tentar duas vezes até conseguir falar e mesmo nessa altura a minha voz soou rouca e estranha.

— O que é que... — engoli, tossi, tentei falar claramente — aconteceu? Maeve falou do lado oposto da cama.

— Não temos bem a certeza.

Olhei para ela. Continuava na forma da Deusa Conchenn, com os seus olhos beijados por relâmpagos, o seu longo cabelo louro-esbranquiçado e pele dourada; no entanto, já não estava a brilhar. Ela estava bonita, mas, por agora, o seu poder abandonara-a.

Pareceu envergonhada, expressão que não se costuma ver assim com tanta frequência no rosto de uma deusa.

— A culpa é minha. Estava com vontade de sentir o consolo do toque de outro Sidhe. Tentei seduzir o Nicca, mas não resultou. — Olhou-me com um ar arrogante, os seus olhos, porém, transpareceram dúvida. — Não estou habituada a ser rejeitada por alguém que desejo mesmo. Pensei que poderia partilhar um dos seus homens comigo. — Baixou o olhar de novo, depois voltou a erguê-lo e, desta vez, pareceu mais determinada do que arrogante. Não sei se todas as atrizes eram capazes de fazer isto, mas Maeve tinha a capacidade de mudar de uma expressão emocional para outra num piscar de olhos e todas pareciam sinceras. Não sabia se ela sempre fora tão temperamental ou se fora o seu trabalho que a deixara assim.

— Eu sei que fui parva e que não pensei. A Merry deu-me, a mim e ao Gordon, a oportunidade de ter um filho. A sua magia, e a do Galen, permitiram-no, Merry. Sou uma ingrata miserável e peço desculpa.

— Não faz mal — disse eu, ainda com bastante esforço. A minha garganta estava mesmo dorida. Franzi o sobrolho a Galen. — Porque é que tenho a garganta dorida?

Ele olhou de relance para trás e o seu olhar encontrou-se com o de Ma-

eve. Tiveram um daqueles momentos que diziam, muito mais claramente do que palavras, que algo se passara, algo de que não conseguia lembrar-me e algo mau.

— Diz-me! — Levantei uma mão e toquei-lhe no braço.

Ele fugiu rapidamente para fora do meu alcance como se eu lhe tivesse mordido.

— Não me toques, Merry. Não para já.

— Porquê? — perguntei.

— Olha para a colcha — respondeu ele —, ao lado da tua cabeça.

Virei a cabeça e encontrei uma grande mancha molhada na coberta branco-pérola. Franzi o sobrolho e não entendi até tocar na humidade e reparar que havia cristais de gelo na água. Dirigi um ar sério a Galen.

— Porque é que está gelo a derreter em cima da cama?

— Porque tu o vomitaste.

Fitei-o e tive vontade de lhe perguntar se estava a brincar comigo, mas bastou ver a sua expressão facial para perceber que não estava.

— Como? Porquê?

— É essa parte que não sabemos ao certo — respondeu Maeve.

— Digam-me as partes de que têm a certeza.

Ela contornou a cama até ficar de pé no lado oposto ao meu, contudo não tentou ir para cima da cama, nem aproximar-se.

— Tentei seduzi-la e consegui, bem mais do que planeava. Às vezes esqueço-me de que a Merry é parcialmente humana. Usei o poder que usaria relativamente a outro Sidhe, a outra divindade.

Acenei com a cabeça e até aquele gesto fez com que me doesse a garganta.

— Lembro-me dessa parte, mas depois tudo mudou, transformou-se noutra coisa qualquer. Vi-a sentada debaixo de uma árvore e olhar para si feria-me os olhos.

— Nenhum mortal sobrevive depois de olhar diretamente para a cara de um deus — disse Galen.

— O quê? — perguntei.

Maeve debruçou-se sobre a cama.

— Por instantes fui a Conchenn. Aquilo que fui outrora. Acho que eu própria quase me obrigara a esquecer. Comparado com o facto de deixar de ser uma divindade, perder o mundo das Fadas é um novo tipo de castigo, Merry.

Estava a começar a sentir uma dor de cabeça.

— Não estou a perceber nada.

— Eu explico. — Galen pareceu muito sério, determinado, nada típico dele. — A Maeve usou os poderes dela como Deusa Conchenn, ou os que

lhe restam, para tentar seduzir-te. Mas tu evocaste ainda mais poder. Tu fizeste com que ela voltasse a ser uma divindade.

Arregalei os olhos na direção dele.

— Pensava que, depois de se desistir de se ser uma divindade, não se podia voltar atrás.

— Também eu pensava, até hoje — retorquiu Maeve.

Dirigi-lhe uma expressão séria.

— Para além disso, só a Deusa pode fazer com que a Maeve volte a ser uma deusa.

— Acho que isso continua a ser verdade — disse Maeve. — Mas talvez qualquer pessoa possa transmitir o poder Dela.

— Qualquer pessoa não — contrapôs Galen. — Se qualquer um o pudesse fazer, já teria acontecido há séculos. — Olhou para Maeve como se ela tivesse sido mal-educada.

— Tem razão. Tem razão. Não depreciarei tal dom. Reconheço o toque da Deusa assim que o sinto.

— Que deusa? — questioneei.

— A Deusa Danu. — Proferiu a palavra com um sussurro que pareceu ecoar por todo o quarto.

Fechei os olhos e inspirei profundamente, expirei, contei devagarinho, voltei a respirar fundo. Abri os olhos.

— Estou a ouvir coisas — disse eu. — Pareceu-me que tinha dito *Danu*.

— E disse.

Abanei a cabeça e nem sequer quis saber se me fazia doer a garganta ou não.

— Danu é a deusa que dá nome aos Tuatha De Danann, os filhos de Dana. Ela é a Deusa. Nunca encarnou.

— Eu nunca disse que ela era uma pessoa — retorquiu Maeve. — Disse que ela me deu a minha divindade e deu mesmo.

Franzi o sobrolho para ela, com a dor de cabeça a começar a latejar entre os meus olhos.

— Não entendo.

— No primeiro tratado que assinámos com os Formorii, ambas as partes trabalharam no primeiro feitiço do destino. Diminuímo-nos a nós próprios para evitar que a descendência de cada um de nós destruísse a terra que agora partilhávamos. Danu, ou Dana, concordou em distanciar-Se de nós para que o grande feitiço fosse lançado. — Os olhos de Maeve tremeluziram, e foi por causa das lágrimas, não da magia. — Acho que nenhum de nós entendeu muito bem do que é que estávamos a abdicar. Exceto, talvez, a própria Danu. — Sentou-se na beira da cama e permitiu que as lágrimas escorressem. Desta vez não atribuí nada daquilo

a um mau dia de trabalho, nem às hormonas da gravidez. Penso que ela se sentou nas Terras do Sul, nas margens do Mar do Oeste, e chorou por uma Deusa que nunca vira a América.

CAPÍTULO 7

Doyle entrou disparado no quarto, ainda de tanga, com o coldre de ombro aos saltos sobre o seu peito despido, de arma em punho e com o seu poder a antecipar os seus movimentos qual tempestade. Rhys vinha atrás dele, vestido com umas calças de fato brancas e uma camisa desaper-tada, de arma na mão e sem coldre à vista. O poder de Rhys marchou para dentro do quarto com murmúrios meio silenciados.

Ambos pararam à entrada, à procura de algo contra que disparar, penso eu. Nicca quase esbarrou contra Rhys quando este atravessou a porta. Estava mais ofegante do que os outros dois, o que é óbvio: ele tivera de andar a correr de um lado para o outro, dos anexos para a casa, duas vezes. Respirou com dificuldade ao encostar-se à ombreira da porta.

— Não são assassinos. Magia... que correu mal.

Doyle e Rhys descontraíram visivelmente. Doyle colocou a arma no coldre, apesar de ter tido de usar a outra mão para o endireitar, visto que as presilhas não estavam apertadas devidamente. Rhys só ali ficou de pé, baixando a arma lentamente ao lado da sua anca. Ambos os seus poderes retrocederam tal e qual como o mar que se afasta da praia, como se se baixasse o nível de alerta do máximo para o médio.

Limitei-me a ficar deitada na cama a observá-los, porque tentar sentar-me fazia-me doer o peito. Parecia que tinha engolido alguma coisa que não devia. Algo muito grande e muito sólido, de tal modo que me fazia doer a toda a volta das costelas. Tirando isso, nem me sentia mal. Ao que parecia, caso tivesse realmente feito aquilo que Maeve e Galen tinham dito que fizera, eu devia sentir-me cansada. Não é suposto uma pessoa ficar cansada depois de ter transformado alguém em deus? Se é que fora isso que acontecera! Uma vez que isso me parecia impossível, continuava à espera de uma teoria alternativa em que fosse capaz de acreditar. Se havia pessoa capaz de arranjar uma, essa pessoa era Doyle.

Para membro da realeza da corte das Fadas, ele até era um homem muito prático.

Ele veio colocar-se ao lado da cama. Apercebi-me de que estava molhado da cintura para baixo, como se tivesse andado na piscina, contudo não senti o cheiro a cloro. Foi então que me lembrei de Kitto. Ele estivera a ajudar o pequeno duende a lavar-se. Esquecera-me completamente de que ele recebera hoje o poder da sua mão. Uma futura rainha não deveria esquecer-se de coisas desse tipo, pois não? Talvez eu não estivesse a pensar tão claramente quanto pensava que estava.

— Como está o Kitto? — perguntei.

Doyle sorriu.

— Ele está bem. Está um pouco confuso, mas ficará bem. — O sorriso começou a desvanecer-se. — E como está a Merry?

Franzi o sobrolho.

— Não tenho a certeza. — A minha voz ainda soava um pouco rouca, mas estava a melhorar, começava a soar mais à minha voz. — Pensava que estava bem, mas não sei se estou a pensar assim com tanta clareza quanto julgava. Tem alguma lógica?

Ele assentiu e virou-se para Maeve e Galen.

— O que é que aconteceu?

Eles começaram a falar ao mesmo tempo e ele ergueu uma mão.

— Senhoras primeiro. — Gesticulou para que ela se afastasse da cama e foram conversar para o lado oposto do quarto. O quarto era praticamente maior do que o meu apartamento antigo, por isso havia bastante espaço onde se podia ter alguma privacidade. Rhys dirigiu-me um sorriso, depois seguiu-os para poder ouvir a conversa.

O que deixou apenas Galen comigo. Ele ainda não me tocara. Eu precisava urgentemente de sentir o toque de alguém, de sentir esse tipo de consolo.

— Porque é que não me tocas?

Ele sorriu-me, contudo as suas mãos mantiveram-se coladas ao seu colo.

— Acredita que é difícil não o fazer, mas tu tocaste na Maeve e surgiu aquela poderosa energia divina. Depois o Frost agarrou-te para impedir que a Maeve te usasse e voltou a acontecer o mesmo, com ele.

— Por a Maeve me usar?

— Nós pensámos que ela tinha lançado os seus antigos poderes de deusa sedutora sobre ti. Só quando o Frost usou o poder dele para te libertar dela é que percebemos que se estava a passar outra coisa qualquer. — Ele começou a esticar o braço para tocar no meu, depois voltou a colocar a mão sobre o seu colo. — Eu consigo perceber como precisas urgentemente de

consolo, e só o Consorte sabe como quero abraçar-te agora mesmo, mas tenho medo que volte a acontecer, se te tocar.

— Não acredito que devolvi a divindade a alguém — disse eu.

Ele acenou afirmativamente.

— Eu sei, mas a Maeve diz que já lhe tinham feito isso uma vez. Ela deve saber bem qual é a sensação.

— Eu sou mortal, Galen. De todos os Sidhe, não obstante a quantidade de sangue mestiço que tinham, eu sou a primeira desde sempre que nasceu mortal. O poder imortal não pode advir de mãos mortais. Não tem lógica nenhuma.

Ele encolheu os ombros.

— Se tiveres uma explicação melhor para o que acabou de acontecer, sou todo ouvidos, Merry. — Os seus olhos verdes, da cor da erva no verão, ganharam uma expressão ansiosa. — Merry, por momentos pensei... — Antes de conseguir terminar a frase, abanou a cabeça e mordeu o lábio. — Pensei que te tínhamos perdido. — Inclinou-se sobre mim, como se fosse beijar-me, mas teve o cuidado de não me tocar. — Pensava que te tinha perdido.

Levantei a mão para lhe tocar no rosto e Doyle gritou do outro lado do quarto:

— Ainda não, princesa. Vamos ser mais cuidadosos até eu ouvir a versão do Galen.

Contra vontade, baixei a mão. Não gostei nada de ter de o fazer, mas não valia a pena arriscar, pelo menos não para já.

— Está bem.

Galen sorriu para mim enquanto saía de cima da cama.

— É só por agora, Merry, só por agora. — Atravessou o quarto em direção ao grupo reunido a um canto. Tinha uma maneira de andar que parecia que ia a dançar, a dançar ao som de uma música qualquer que só ele ouvia. Às vezes, quando ele me abraçava, quase conseguia ouvi-la, quase.

Nicca chegou-se aos pés da cama. Apesar de já ter recuperado o fôlego, continuava com um ar assustado. Eu tinha consciência de que ele era séculos mais velho do que Galen, contudo, de entre todos os guardas, ele parecia ser o mais novo. A idade em anos nem sempre é significativa. Ele pareceu muito jovem e muito preocupado ao inclinar o seu metro e oitenta sobre a beira da cama. O seu cabelo, que deixara solto, caía-lhe, qual cortina castanha cintilante, praticamente até aos joelhos. As suas calças de fato castanhas-escuras e o seu *blazer* espreitavam por entre o tom ainda mais castanho do cabelo. Este emoldurava-lhe o verde-musgo da t-shirt, fazendo com que eu ficasse ainda mais consciente do que o normal do quão atraente era o seu peito. A t-shirt era de seda, fora um presente de Maeve. Ela dera t-shirts de seda de várias cores a todos os homens para que estas comple-

mentassem os seus tons de pele. A mim, oferecera-me a possibilidade de fazer compras até cair para o lado nas suas lojas preferidas; isto segundo a sua teoria de que, como mulher, eu ficaria mais satisfeita por ser eu própria a escolher as minhas roupas, já que os homens preferiam que alguém fizesse essas escolhas por eles. Em parte ela tinha razão. Apesar de todos terem aceitado as suas prendas, seguidamente trocaram as cores entre si até todos ficarem satisfeitos.

A t-shirt verde-musgo originalmente pertencera a Galen, mas ficava melhor a Nicca, fazendo sobressair o tom castanho da sua pele. Em Galen, somente o teria feito ficar ainda mais verde. Aquele corpo de um castanho magnífico, vestido com o seu fato feito à medida, sentou-se na beira da cama. Com um movimento rápido e irrefletido, afastou o cabelo do mesmo modo que uma mulher faria.

— Estás com melhor aspeto do que há alguns minutos. — A sua voz transmitiu uma pontinha de insegurança.

— Que aspeto é que tinha?

Ele pestanejou e virou a cara, como se soubesse que o seu rosto transparecia os seus pensamentos muito facilmente.

— Estavas pálida, muito pálida. — Voltou a olhar para mim com uma expressão que me pareceu impenetrável, mas não o era. Havia demasiada tensão à volta dos seus olhos, demasiada preocupação nas suas profundezas de um castanho absoluto. Olhou de relance para o lado oposto do quarto. O aglomerado de gente dispersara e todos caminhavam na nossa direção.

Doyle observou-me com o rosto coberto de uma escuridão impenetrável. Seria capaz de decifrar as expressões impenetráveis de Nicca ou de Galen em qualquer altura, mas nunca a de Doyle. Quando ele não queria, eu simplesmente não era capaz de interpretar o seu rosto.

— Meredith, princesa, temos de entender o que é que está a acontecer, mas eu não consigo lembrar-me de nenhuma forma de garantir a sua segurança e, simultaneamente, examinar este problema.

Tentei decifrar o que quer que fosse da sua expressão, mas não consegui.

— O que é que isso quer dizer exatamente, Doyle?

— Quer dizer que temos de fazer experiências e não sei que resultados poderão advir delas.

— Experiências de que tipo? — perguntei.

— A Maeve acredita que a Meredith despertou a verdadeira magia dela, a divindade dela, por assim dizer. Na verdade, outrora ela fora uma deusa, portanto apenas lhe restituiu aquilo que ela perdera. Mas o Frost não era uma divindade e a ele concedeu-lhe poderes que jamais tinham fluído no seu corpo. — Conseguiu apresentar um ar sério sem nunca sequer alterar a sua expressão.

— Ela contou-me a teoria dela. Até mencionou o nome de uma deusa, mas, Doyle, eu não sou Danu. Eu não sou nenhuma divindade. Como é que isso poderia ser verdade?

— Eu acho que, quando lutámos contra o Incógnito e ele derramou magia selvagem sobre todos nós, havia poderes que precisavam de um recetáculo com a forma de uma deusa que pudesse contê-los. Na altura em que a luta terminou, a Maeve já tinha sido levada para um lugar seguro. A Meredith era o único recetáculo com a forma de deusa. Era o mais próximo disso que o poder podia encontrar.

Pestanejei na direção dele. Estava farta de estar deitada na cama. Se ia ter de ouvir teorias filosóficas manhosas, o mínimo que podia fazer era não ficar ali deitada de barriga para o ar. Tentei sentar-me, estremei, mas insisti. Nicca ia ajudar-me, contudo Doyle acenou-lhe para que se afastasse, depois pareceu pensar melhor e acenou para que me ajudasse.

Nicca tocou-me no braço, ajudou-me a endireitar-me, e não passou de um mero toque quente. À exceção do toque das nossas peles, não se verificou qualquer magia. Nicca ajeitou umas almofadas por trás de mim para que eu pudesse apoiar as costas nelas. Ao ver que nada acontecera com aquele primeiro contacto, tocou-me onde necessitava até me deixar confortável, ou o mais confortável possível.

— Não sei o que teríamos feito, caso o toque do Nicca tivesse originado outro acréscimo de poder, mas, se o Nicca pode tocar-lhe sem quaisquer consequências, então acho que devíamos ver se todos estamos seguros. — Gesticulou e Maeve veio colocar-se do seu lado.

— Toque-lhe!

Maeve olhou para ele como se não estivesse habituada a que lhe dessem ordens. Depois respirou bem fundo e teve de gatinhar pela beira da cama para me alcançar. Maeve não era uma mulher baixa e isso traduzia bem o tamanho que a cama verdadeiramente tinha.

Hesitou por instantes, analisando o meu rosto.

— Faça-o! — disse eu.

Foi o que fez. A palma da sua mão estava quente, seca e macia, mas nada mais do que isso. Não surgiu qualquer manifestação de magia. Ainda com a sua mão a pressionar-me o ombro, ambas olhámos para Doyle.

— Não está a acontecer nada — disse ela.

— Experimente lançar um pouco de poder — disse Doyle.

— Achas que é seguro? — perguntou Rhys.

— Temos de descobrir — respondeu Doyle.

— Ela já teve um dia muito difícil hoje. Acho que, desde que todos podemos tocar-lhe, podemos esperar até experimentar tocar-lhe com poder.

Doyle virou-se de modo a ficarem cara a cara ao lado da cama.

— Hoje é a tua vez de passares a noite com a princesa, Rhys. Achas mesmo que podes estar com ela sem que os vossos poderes se manifestem?

Rhys fulminou-o com o olhar, cerrando o punho da sua mão livre. Ficou calado durante quase um minuto, por fim, disse relutantemente:

— Não.

— Nenhum de nós pode estar com ela sem que haja manifestação de poder, Rhys. Temos de saber agora, enquanto temos a ajuda uns dos outros, se a nossa magia provocará aquilo outra vez. Seja lá o que aquilo for.

— Já lhe disse o que é, Doyle — retorquiu Maeve. — Porque é que nenhum de vocês acredita em mim?

— Não duvido de si, Maeve, mas o estatuto de divindade sempre foi atribuído como uma oferenda, como algo que se mereceu. Não era algo accidental. A Meredith não originou isto a si nem ao Frost deliberadamente. — Ele olhou para mim e ergueu uma sobrancelha. — Não foi deliberadamente, pois não, Meredith?

— Nem nunca me teria sequer lembrado de tentar — respondi.

Virou-se novamente para Maeve, como se tivesse ficado satisfeito com a resposta.

— Temos de descobrir o que é que provocou isto, porque não nos podemos dar ao luxo de perder a Meredith, nem mesmo que isso fizesse com que todos nos tornássemos deuses no céu.

— Ora, então estamos a abordar isto da maneira errada — disse Maeve.

Doyle olhou para ela e eu já vira muitos nobres da corte desfalecer perante somente aquele olhar. Maeve nem sequer pestanejou. Envolveu os meus ombros com um braço e aconchegou-se bem perto de mim, com um sorriso brincalhão nos lábios.

— O poder de Danu só foi evocado quando nós nos beijámos.

— Por favor parem de dizer esse nome — pedi. Eu simplesmente não conseguia ouvir nem mais um segundo que a magia da Deusa estava dentro de mim. Eu sei que, na teoria, todos somos a Deusa, ou melhor, que todos somos imagens da Sua perfeição divina. No entanto, a teoria é uma coisa, ter realmente esse tipo de poder e ser-se capaz de o usar é completamente diferente.

— Porquê? — perguntou Maeve, parecendo genuinamente baralhada. Galen levantou a mão.

— Ena, eu sei responder a essa!

Maeve olhou-o com olhos repletos de confusão.

— A Merry passou-se por completo por a Deusa ter entrado nela.

— Não é nada disso — retorqui.

— Por o poder da Deusa estar dentro de ti — disse ele, e o tom de gozo foi diminuindo ao dizê-lo.

— Talvez sinta mais respeito do que propriamente medo — propus.
— Devia sentir-se honrada — disse Maeve, abraçando-me.
— Eu sinto-me honrada — disse eu —, mas esta honra em particular quase me matou.

De repente, o rosto de Maeve ficou sério.

— Sim, e a culpa teria sido minha.

— Não — contrapus.

— Eu seduzi-a com a minha magia, Merry. Tentei seduzi-la, porque passo a vida a ser rejeitada por todos os homens, que a preferem a si. — Deu-me um beijo na cabeça. — Eu pensei: *Se não podes vencê-los, junta-te a eles.* — Abraçou-me com tal força que não consegui ver-lhe o rosto quando disse: — Eu sinto desejo por um corpo Sidhe, Merry. Quero brilhar com alguém cujo brilho seja semelhante ao meu para que lancemos sombras nas paredes no meio da escuridão. — A sua voz soou de um modo muito intenso.

— Contentar-se-ia com um beijo? — propus, com a voz abafada pelo seu ombro.

Ela inclinou-se para trás o suficiente para me dirigir um sorriso.

— Se for dado juntamente com magia, sim.

— Suponho que não descobriremos se a energia da Deusa se manifestará outra vez, caso o beijo não seja dado com magia.

Ela sorriu e ergueu uma sobrancelha arqueada na perfeição.

— Penso que não.

— Também foi um beijo com poder que afetou o Frost? — perguntou Doyle.

— Foi — responderam Maeve e Galen em unísono.

— O Frost libertou-a do poder da Maeve e depois foi como se ele não conseguisse resistir. — O olhar de Galen passeou-se pelo quarto, como se estivesse a ver tudo o que acontecera outra vez. — A cara dele ficou com um ar estranho antes de se inclinar para ela e a beijar. — Pestanejou e voltou a olhar para Doyle. — Parecia que estava enfeitiçado.

— Onde é que ele está agora? — perguntou Doyle.

Ninguém sabia responder.

— Pelas pragas da rainha! — disse Doyle. — Nicca, Galen, vão procurá-lo e tragam-no para aqui.

Nicca virou-se na direção da porta, Galen, porém, hesitou.

— Mas, e se a Merry precisar de nós?

— Vai! — ordenou Doyle. — Já! — E a forma como o disse não permitiu qualquer discussão.

Galen olhou para mim de relance uma última vez e juntou-se a Nicca junto à porta, depois os dois atravessaram-na a um ritmo lento.

— Ele só não queria perder o espetáculo — disse Rhys.

— Qual espetáculo? — perguntei.

Ele sorriu para mim.

— Duas das mulheres mais bonitas que conheço agarradas aos beijos. Há pessoas que pagariam para ver.

Abanei a cabeça. Eu não me sentia nada bonita ali sentada ao lado de Maeve Reed, o epítome da beleza Seelie. A minha expressão facial deve ter denunciado alguma coisa, porque Maeve tocou-me no queixo, levantando a minha cara de modo a olhar-me nos olhos.

— A Merry é linda e, tendo sido outrora uma Deusa da Beleza, sei o que estou a dizer.

— Pareço demasiado humana — disse eu baixinho.

— Porque é que acha que os nossos homens andam a roubar mulheres humanas há séculos? Porque são feias? — Abanou a cabeça e o seu rosto apresentou uma ligeira censura. — Merry, Merry, reconheça o seu valor. — Aquela luz dourada começou a tremeluzir por dentro da sua pele, como se alguém tivesse acendido uma vela bem no seu interior e a luz desta estivesse a aproximar-se, flutuando no interior do seu corpo até ela ficar a brilhar como se tivesse um Sol esticado dentro da sua pele. O poder estremeceu sobre mim, acelerou o meu ritmo cardíaco, fez com que a minha luz pálida cintilasse através da minha pele, de tal modo que surgi qual Lua perante o Sol dela.

O seu cabelo agitou-se com o vento, aquele vento quente. Os seus olhos ficaram repletos de luz e, uma vez mais, foi como se estivesse a olhar para o centro de uma tempestade primaveril, reluzindo com relâmpagos, rasgando os céus, contudo, em vez de chuva, foi o poder dela que desabou sobre mim. Ergui o rosto na direção daquele poder como se ele realmente caísse intensamente sobre mim.

As suas mãos cobriram a minha pele despida, como se não tivesse o biquíni vestido. Ela abraçou-me e eu deixei-me ir de boa vontade, fazendo deslizar as minhas próprias mãos sobre a pele quente dos seus braços nus. O facto de ela ter tanta roupa vestida parecia não fazer sentido nenhum. Tínhamos de tocar em muito mais pele. Apercebi-me de que compreendia perfeitamente o desejo ávido que Maeve sentia pelo toque de outro corpo. Da necessidade que sentia de ter outro corpo Sidhe sobre o seu. Lembrava-me demasiado bem dessa necessidade e apenas a satisfizera há quatro meses. Tanto tempo, tanta solidão. Não conseguia perceber se se tratava dos sentimentos dela ou dos meus e tive a certeza de isso se dever a parte da sua magia: projetava as suas necessidades, fazendo com que estas passassem a ser as minhas necessidades.

Alcansei os botões do seu colete, mas estes eram demasiado pequenos, demasiado difíceis de desaperçar. Agarrei em dois punhados de roupa e pu-

xei com força. Os botões voaram em todas as direções, emitindo pequenos sons ao bater contra as paredes, a cama e os homens.

Maeve ficou ofegante, de olhos arregalados e a sufocar com toda a sua carência. Os seus seios estavam pontiagudos devido aos seus grandes mamilos redondos, que pareciam brilhar como se tivessem sido esculpidos a partir de uma joia densa e vermelha. Passei as mãos sobre a sua barriga à mostra. O brilho branco das minhas mãos fez com que o brilho dourado da sua pele tremeluzisse e desvanecesse, tornando-se mais forte com o meu toque, esmorecendo ligeiramente à medida que eu movia as minhas mãos à volta do calor da sua cintura. As minhas mãos subiram até que os dedos repousaram mesmo abaixo dos seus seios. Se algum homem me tivesse tocado naquela zona, teria ficado com os meus seios mesmo em cima das mãos, contudo, os seios de Maeve eram pequenos e firmes e, tocando naquela zona, permaneciam intactos.

O brilho da sua magia latejava sob as minhas mãos, cada vez mais forte, como se ela tivesse começado a arder abaixo dos seios. Ela gemeu:

— Por favor!

Naquele momento apercebi-me de que tinha claramente estimulado o desejo dela, sem já o sentir como sendo meu. Eu estava profundamente dominada pelo meu poder, mas de uma coisa tinha a certeza: a decisão de lhe tocar, ou não, seria inteiramente minha.

Contemplei-a: a cabeça atirada para trás e os olhos semicerrados. A sua avidez continuava a flutuar pelo ar qual perfume almiscarado, mas agora eu já conseguia respirá-lo sem sufocar. Fixei o olhar no ouro cintilante do poder por baixo das minhas mãos e perguntei-me qual seria a sensação de esfregar tanto poder nos meus seios. Isso podia dar-lhe.

Disse-lhe:

— Beije-me, Maeve!

Apesar de ter aberto os olhos o suficiente para conseguir olhar para mim, não conseguiu concentrar-se; ela já estava meio possuída pela sensação do toque da magia e da pele.

Repeti:

— Beije-me!

Ela baixou a cabeça e eu esperei. Esperei até que as nossas bocas se tocassem, depois acariciei-a, fazendo deslizar as mãos para cima, sobre os seus seios. Ela pressionou a sua boca ainda com mais força contra a minha e o beijo transformou-se em algo profundo e premente, foi então que as minhas mãos deslizaram até aos seus mamilos duros e foi como se o mundo explodisse. O poder atirou-me para a cama de costas, fazendo com que ela ficasse em cima de mim e as minhas mãos ficassem presas sob os seus seios, como se as tivesse enfiado num fio com corrente elétrica e agora não conseguisse libertá-las.

Parte de mim não queria libertar-se. Parte de mim queria mergulhar naquele seu brilho dourado e perder-me. Ela ergueu-se sobre mim, a estremecer, a gritar, a esfregar-se contra as minhas mãos, onde estas pareciam ter-se fundido no seu corpo. Firmou as ancas contra as minhas e, se eu fosse um homem, ter-me-ia magoado. Mas eu não era homem e uma qualquer parte da minha magia impediu que o seu orgasmo magnífico se propagasse a mim. O poder latejava em forma de ondas imparáveis que percorriam o meu corpo enquanto Maeve dançava em cima de mim; contudo, aquele prazer supremo era dela e só dela. De certo modo parecia ser o correto. Ela esperara tanto tempo.

No meio de tudo aquilo, ela abriu os olhos e deve ter visto a minha cara, deve ter percebido que eu estava a dar mas não a receber e não gostou disso. Pressionou a minha barriga com uma mão e o meu brilho branco aumentou sob o seu toque. Foi como se tivesse sido tocada pelo calor primaveril, por algo pesado e magnífico que tremia e palpitava contra a minha pele. Tive um segundo para me perguntar se ela tinha sentido aquela mesma sensação quando lhe tocara nos seios antes de ela fazer deslizar a mão para baixo, para dentro da parte da frente do meu biquíni e enfiar o dedo entre as minhas pernas. No preciso instante em que aquele poder palpitante e vibrante estremeceu por mim, o orgasmo irrompeu pelo meu corpo em ondas, como se o toque dela fosse uma pedra atirada a um lago profundo e que cada onda fosse outro círculo de prazer e, no sítio por onde a pedra escorregava para o fundo, surgia mais prazer. Foi como se estivesse a ser acariciada e minada de sexo em simultâneo.

Recobrei os meus sentidos ainda na cama, com Maeve prostrada sobre mim. Não ouvi a sua respiração irregular devido à pulsação que sentia nos meus próprios ouvidos, mas senti o movimento ascendente e descendente do seu peito enquanto ela respirava com dificuldade, enquanto ambas tentávamos contornar o latejar das nossas gargantas.

A primeira coisa que ouvi assim que consegui recuperar a audição foi a sua respiração agitada e o seu riso rouco. Depois ouvi a voz de Rhys.

— Não sei se hei de rir, se hei de chorar.

— Chora — disse Galen —, porque perdemos o espetáculo todo.

Virei a cabeça, o que pareceu exigir um esforço bem maior do que o suposto. Acabei por olhar em redor do quarto através de uma névoa produzida pelo cabelo louro pálido de Maeve. Engoli e tentei falar, mas ainda estava bem longe de o conseguir.

Galen, Nicca e Frost estavam mesmo junto à porta. Rhys e Doyle estavam junto à cama, mas não suficientemente perto para que lhes tocássemos acidentalmente.

Maeve conseguiu falar antes de mim.

— Eu esquecera, esquecera. Que a Deusa me abençoe, esquecera-me de como era estar com outro Sidhe. — Lentamente, rebolou de cima de mim, de um modo estranho, como se o seu corpo não estivesse a funcionar devidamente. Virou-se para olhar para mim e, apesar do esforço que teve de fazer para focar a visão, tinha um sorriso no rosto.

— A Merry é incrível!

Consegui sussurrar:

— Da próxima vez que eu pedir um beijo, lembre-me para ser mais específica.

A declaração fê-la rir, o que a fez tossir.

— Tenho a garganta seca.

Engraçado, a minha também estava.

— Nicca — chamou Doyle —, vai buscar um pouco de água para as senhoras.

Ao sair do quarto, Nicca afastou-se bastante da porta como se alguém estivesse do seu lado esquerdo. Foi Galen quem disse:

— Está uma árvore no corredor. Acho que é uma macieira. Ela rebentou pelo chão de pedra da zona da piscina e na altura em que chegámos cá acima, já tinha feito um buraco aqui no chão.

Rhys foi até lá para espreitar a árvore que estava no corredor.

— As flores estão a desabrochar.

O cheiro a flores de macieira começou a entrar pela porta adentro.

Doyle fixou o olhar em nós, em mim.

— Como se sente?

— Melhor. Já não me dói a garganta.

Ele estendeu-me uma mão e eu aceitei-a, permitindo que me ajudasse a levantar-me da cama de Maeve. Estava sem força nas pernas e somente o seu braço à volta da minha cintura impediu que eu caísse ao chão. Ele pegou-me ao colo, segurando-me cuidadosamente junto ao seu peito despido. Eu estava demasiado exausta para conseguir fazer outra coisa que não ficar ali encostada. Senti uma vontade enorme de brincar com a argola de prata que ele tinha no mamilo, mas pareceu-me exigir demasiado esforço. De repente, fiquei cansada. Cansada no bom sentido, mas não deixava de ser cansaço.

Ele levou-me para o corredor, para lá da imensidão de flores brancas e cor de rosa que quase enchiam aquele espaço. Voltei a afogar-me no aroma das flores de macieira e, por instantes, o poder voltou a flamejar através do meu corpo, com uma energia que fez com que Doyle tropeçasse.

— Tenha cuidado, princesa, não quero deixá-la cair.

— Desculpa — balbuciei —, foi sem querer.

Reparei no desnível das escadas e, antes de chegarmos às portas de vi-

dro de correr, vi de relance o tronco cinzento da árvore; contudo, a última coisa de que tenho memória é um clarão de água azul e de luz do Sol vindos da piscina. Depois fechei os olhos, aconcheguei-me de encontro ao peito de Doyle e rendi-me. O sono arrebatou-me por completo, de forma tão absoluta e profunda como nunca. Será que os deuses dormem bem à noite? Acho que sim, talvez.